

**UNIVERSIDADE DE UBERABA - UNIUBE**

**MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

**RENATA ALESSANDRA DOS SANTOS RIBEIRO**

**A HERMENÊUTICA NA PRÁTICA PEDAGÓGICA DE  
PROFESSORES DE LEITURA**

Uberaba -MG  
2017

**RENATA ALESSANDRA DOS SANTOS RIBEIRO**

**A HERMENÊUTICA NA PRÁTICA PEDAGÓGICA DE  
PROFESSORES DE LEITURA**

Dissertação de mestrado apresentada à banca  
examinadora do curso de Mestrado em Educação,  
na linha de pesquisa Processos Educacionais e  
Seus Fundamentos, sob orientação do Prof. Dr.  
Gustavo Araújo Batista

Uberaba  
2017

Catálogo elaborado pelo Setor de Referência da Biblioteca Central UNIUBE

R354h Ribeiro, Renata Alessandra dos Santos.  
A hermenêutica na prática pedagógica de professores de  
leitura / Renata Alessandra dos Santos Ribeiro. – Uberaba,  
2017.

122 f. : il. color.

Dissertação (mestrado) – Universidade de Uberaba.  
Programa de Mestrado em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Gustavo Araújo Batista.

1. Educação. 2. Hermenêutica. 3. Leitura. I. Batista,  
Gustavo Araújo. II. Universidade de Uberaba. III. Título.

CDD 370

Renata Alessandra dos Santos Ribeiro


**A HERMÊUTICA NA PRÁTICA PEDAGÓGICA DOS PROFESSORES DE  
LEITURA**

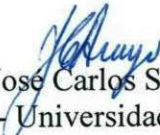
Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade de Uberaba, como requisito final para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Aprovada em 05/04/2017

BANCA EXAMINADORA

  
Prof. Dr. Gustavo Araújo Batista  
(Orientador)  
UNIUBE - Universidade de Uberaba

  
Prof. Dr. Adriano Eurípedes Medeiros  
Martins  
IFTM – Instituto Federal do Triângulo  
Mineiro

  
Prof. Dr. Jose Carlos Souza Araújo  
UNIUBE - Universidade de Uberaba

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Jeová Deus pela vida, por me abençoar e permitir alcançar alvos. A minha mãe Geralda que com seu exemplo de honestidade, entusiasmo e dedicação através de palavras e ações sempre me motiva ao aprendizado e a seguir em frente. Ao meu marido, César pelo companheirismo e compreensão. As minhas queridas filhas Giovanna e Júlia, por entenderem as horas e os dias em que estive ausente para realizar este trabalho. Ao meu irmão Marcelo, a minha cunhada Patrícia, e aos amigos que contribuem para que eu me sinta confiante me dando o apoio necessário em vários momentos. Aos professores Gustavo, Osvaldo, José Carlos, Sueli, Luciana, Venceslau, Gisele e a todo corpo do mestrado acadêmico por oportunizar o conhecimento, o diálogo e a troca de experiência tão necessária à formação docente. Vocês são a ancora do saber, o norte que conduz ao aprendizado e direciona no caminho do conhecimento. A vocês que souberam com dedicação doar-se ao exercício do professor e que continuaram de certa forma imortalizados em minha vida como docentes.

“Ensinar é um exercício de imortalidade. De alguma forma continuamos a viver naqueles cujos olhos aprenderam a ver o mundo pela magia da nossa palavra. O educador, assim não morre jamais”.

Rubem Alves

## **DEDICATÓRIA**

Este trabalho é dedicado a todos os docentes e profissionais envolvidos com a Educação .

## RESUMO

Esta pesquisa é parte integrante do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Uberaba, Mestrado em Educação, dentro da linha de pesquisa Processos Educacionais e seus Fundamentos, se integrando ao projeto de pesquisa intitulado: A importância dos clássicos da filosofia para a educação. O estudo fornece sólida base teórica para a fundamentação da hermenêutica, se estruturando no pensamento filosófico de grandes pensadores hermenêuticos. Hermenêutica é uma prática que diz respeito a interpretação do discurso em diferentes contextos de produção de sentidos. Compreender e interpretar são processos indissociáveis nesta prática. Originando-se num período em que havia a necessidade de uma técnica para o esclarecimento dos escritos sagrados, e das leis jurídicas, a leitura hermenêutica passa por uma longa trajetória que a consolida em tempos contemporâneos como uma prática universal. Diante da necessidade de incentivar o aluno à leitura, esta pesquisa tem por objetivo enfatizar a importância da leitura hermenêutica para a educação, como possibilidade de compreensão plena de um texto, na formação social do leitor, no cotidiano da sala de aula. Evidenciando a partir desta prática, o valor da interpretação criativa (que dá liberdade ao aluno de expressar seus argumentos a respeito do assunto do texto), para a mediação diferenciada diante do ensino da leitura. O trabalho se compõe por meio de uma metodologia fundada na pesquisa teórica, para apresentar os diferentes pensamentos em torno da leitura, e hermenêutica. Para tanto, foi realizado estudo sobre a concepção do significado, sua origem e abrangência, bem como o conhecimento dos principais filósofos que fizeram da hermenêutica um legado. Os resultados apontam que o curso da humanidade é uma realidade em constante movimento, em transição, em atos comunicativos. Para acompanhar as transformações, os projetos de ciências, a cultura, as artes e participar das muitas situações discursivas na interação e interpretação de textos e contextos, o pensar hermenêutico são relevantes ao estabelecer uma comunicação significativa com o outro e com o mundo. A prática da leitura hermenêutica concede à educação, orientações que oferecem um entendimento de como o intérprete pode chegar à real compreensão do texto lido, identificando gêneros e associando suas semelhanças bem como diferenças, quanto a (in) formalidade da linguagem, estrutura e funcionamento social. Uma leitura hermenêutica em sala de aula significa estar presente (o aluno sente-se pertencer a um grupo de leitura) no desvendamento dos segredos do texto (efeitos de sentido do discurso), a partir do ponto de vista do outro (escritor). Nesse contexto, o aluno identifica e divulga como realidade o que interpretou do texto, os diversos sentidos que atribuiu, percebendo este acontecimento, não como a própria realidade, mas como mais uma dimensão da realidade. Isso porque o texto na interpretação pode ter releituras sob diferentes olhares, um historiador coleta as informações que lhe são interessantes, enquanto que o sociólogo coleta dados que estruture seu pensamento social. Nessa proposta de leitura oferecida pela hermenêutica, fatores como o psicológico, a historicidade, a linguagem, a visão de mundo, a vivência do ser, entre outros aspectos são essencialmente cabíveis de investigação dado que influenciam o teor textual, a realidade, retratada pelo outro no texto. Além disso, pela prática hermenêutica, percebe-se que a arte da interpretação, se faz necessária nas salas de aula, como possibilidade de interlocução entre o aluno e o autor do texto, enriquecendo a leitura no que diz respeito a fluência da compreensão na ordem do discurso (no fluxo discursivo). Não basta somente ler, é preciso saber interpretar os enunciados, os textos escritos, e para isso a hermenêutica oferece orientações práticas que quando aplicadas pelo intérprete, revela os sentidos múltiplos, incluindo questionamentos nas aulas de leituras, fazendo inferências, construindo uma situação em que o texto (escritor) fale, com o leitor, e então criando um diálogo vivo, entre pessoas, épocas e culturas.

**Palavras-chave:** Hermenêutica, leitura, interpretação, fundamentos da Educação

## ABSTRACT

This research is an integral part of the Graduate Program in Education of the University of Uberaba, Master in Education, within the research line Educational Processes and its Foundations, integrating the research project entitled: The importance of the classics of philosophy for education. The study provides a solid theoretical basis for the foundation of hermeneutics, structuring itself in the philosophical thinking of great hermeneutical thinkers. Hermeneutics is a practice that concerns the interpretation of discourse in different contexts of meaning production. Understanding and interpreting are inseparable processes in this practice. Originating in a period in which there was a need for a technique for the clarification of sacred writings and legal laws, hermeneutic reading goes through a long trajectory that consolidates it in contemporary times as a universal practice. Faced with the need to encourage the student to read, this research aims to emphasize the importance of reading hermeneutics for education, as a possibility of full comprehension of a text, in the social formation of the reader, in the everyday classroom. Highlighting from this practice, the value of creative interpretation (which gives the student freedom to express his arguments about the subject of the text), for differentiated mediation in the teaching of reading. The work is composed through a methodology based on theoretical research, to present the different thoughts about reading, and hermeneutics. For that, a study was carried out on the conception of meaning, its origin and scope, as well as the knowledge of the main philosophers who made hermeneutics a legacy. The results indicate that the course of humanity is a reality in constant movement, in transition, in communicative acts. To accompany transformations, science projects, culture, the arts and participate in many discursive situations in the interaction and interpretation of texts and contexts, hermeneutical thinking are relevant when establishing meaningful communication with each other and with the world. The practice of reading hermeneutics gives education, guidelines that offer an understanding of how the interpreter can get to the real understanding of the text read, identifying genres and associating their similarities as well as differences, as to the (in) formality of language, structure and social functioning. A hermeneutic reading in the classroom means to be present (the student feels to belong to a reading group) in the unveiling of the secrets of the text (effects of sense of the discourse), from the point of view of the other (writer). In this context, the student identifies and disseminates as reality what he interpreted from the text, the various senses he attributed, perceiving this event, not as reality itself, but as a dimension of reality. This is because the text in the interpretation can have re-readings under different looks, a historian collects the information that is interesting to him, whereas the sociologist collects data that structures his social thought. In this proposal of reading offered by hermeneutics, factors such as psychological, historicity, language, living the being, among other aspects are essentially researchable since they influence the textual content, reality, portrayed by the other in the text. In addition, through the practice of hermeneutics, it is perceived that the art of interpretation is necessary in classrooms as a possibility of interlocution between the student and the author of the text, enriching the reading regarding the fluency of understanding in order Of discourse (in the discursive stream). It is not enough to only read, it is necessary to know how to interpret the statements, the written texts, and for these hermeneutics offers practical guidelines that when applied by the interpreter, reveals the multiple senses, including questioning in the lessons of reading, making inferences, constructing a situation in which The text (writer) speaks, with the reader, and then creating a living dialogue between people, times and cultures.

**Keywords:** Hermeneutics, reading, interpretation, fundaments of education



## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
<b>1. ASPECTOS HISTÓRICOS DA HERMENÊUTICA: ORIGENS E INCURSÕES TEÓRICAS.....</b>	<b>16</b>
1.1 A hermenêutica em Friedrich Schleiermacher.....	18
1.2 Visão hermenêutica de Wilhelm Dilthey.....	21
1.3 Fenomenologia e hermenêutica no pensamento de Martin Heidegger.....	25
1.4 A hermenêutica na teoria fenomenológica de Edmund Husserl.....	29
1.5 Gadamer e contexto histórico e linguístico da hermenêutica .....	32
1.6 Concepções sobre a hermenêutica de Paul Ricoeur .....	35
1.7 Considerações sistemáticas das ideias dos principais proponentes filosóficos da Hermenêutica.....	41
<b>2. O IDEÁRIO HERMENÊUTICO: POSSIBILIDADES PARA COMPREENDER A PESQUISA EM EDUCAÇÃO.....</b>	<b>45</b>
2.1 Compreensão hermenêutica de Schleiermacher.....	47
2.2 A historicidade do sujeito na visão de Dilthey.....	52
2.3 Sujeito, fenomenologia e o ser existencial em Heidegger.....	57
2.4 O ser e a fenomenologia nos estudos de Husserl.....	63
2.5 Experiência hermenêutica em Gadamer.....	67
2.6 Leitura hermenêutica em Paul Ricoeur.....	73
<b>3. A INTERPRETAÇÃO HERMENÊUTICA.....</b>	<b>77</b>
3.1 Uma oração universal: Pai Nosso.....	80
3.2 Os sentidos do verbo "For".....	89
3.3 Olhares infantis: A menina bonita do laço de fita .....	94
3.4 O discurso publicitário: análise de uma propaganda.....	102
3.5 O haicai Meus Amigos.....	106

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	110
REFERÊNCIAS.....	112

## INTRODUÇÃO

A presente pesquisa faz parte do Programa de Pós-graduação *stricto sensu* em Educação da Universidade de Uberaba que apresenta como área de concentração a Educação. Inserindo-se na linha de pesquisa 'Processos Educacionais e Seus Fundamentos'. Adentrando, na linha de pesquisa voltada para a Educação, tratada como aprendizagens construídas em um processo de movimento de diferentes sociedades, na cultura dos povos, ao mesmo tempo identificando a Educação como uma área que constrói a interdisciplinaridade com a Filosofia, Arte, História, Sociologia e outras subáreas.

Nesta pesquisa, aborda-se um tema relevante, com vistas à necessidade de formação permanente dos próprios docentes e o ensino no contexto educacional atual brasileiro, enquanto todos participam na construção da história do País, não como telespectadores, mas como atuantes no cenário, fazem uso da linguagem falada e escrita. A leitura é o passaporte para se adentrar na ordem do discurso. Ciente da necessidade de se formar alunos capacitados para a leitura o governo através de programas como o PROLER, o Plano Nacional de Biblioteca Escolar (PNBE), o programa “ Literatura em minha casa “ e outros programas de incentivo, tem investido para motivar a leitura e nortear a prática docente na formação social de leitores, para que estes possam compreender e enunciar em diferentes formações discursivas como a literatura, as artes, a geografia, a história, as ciências, a matemática, entre outras. Todo um conjunto de disciplinas escolares necessita de uma compreensão cujos fundamentos têm como opção as ideias e práticas do círculo hermenêutico, como procedimentos para entender diferentes discursos, criando canais de democratização do acesso à leitura, que é de fundamental importância para a formação de cidadãos pró-ativos.

Primeiramente esta pesquisa propicia uma reflexão sobre a importância de se pensar a leitura como algo que está além de mera decodificação de símbolos e sintagmas, mas como um processo que envolve entendimento e compreensão dos discursos que são produzidos no contexto escolar, por meio de uma interpretação em que o sentido seja revelador de significados e, também, um incentivo à busca de novos significados.

Nos domínios educacionais, a leitura assume um papel fundamental na aprendizagem de todos os conteúdos escolares, pois o sucesso escolar depende do domínio dessa habilidade, resguardando outros fatores que interferem na construção do conhecimento. Trabalhar estratégias de interpretação, no cotidiano da sala de aula, é essencial para a formação de leitores/intérpretes, críticos, competentes para ao se depararem com os mais diversos tipos de

gêneros textuais, saber usar de artifícios para compreender de forma geral e clara o sentido que o texto traz, podendo fazer releituras de um já dito, por meio da compreensão hermenêutica.

O ato de ler, de acordo com Silva (2004), é um debruçar-se, explorando os próprios sentimentos, examinando as próprias reações, por meio da reação que o texto oportuniza e, assim, desenvolver no leitor sua expressão criadora, sua capacidade de inventar, relacionar, comparar, escolher, optar, e se desenvolver. Ao ler, o aprendiz necessita interpretar. Nessa perspectiva, a interpretação dá voz a leitura, como um processo de construção de significados sobre o texto que se pretende compreender. É um procedimento que envolve o leitor, à medida que a compreensão não deriva da recitação do conteúdo em questão. No entanto, é preciso combinar, exercitar e aplicar procedimentos efetivos de ensino da leitura, que levem o aluno a interagir com as ideias do autor (e seus ideais de ser compreendido), analisá-las e apreendê-las. Processo este que torna os leitores ativos, capazes de usufruir de diferentes modos de interpretar, integrando sua compreensão do mundo, ao deslocar os sentidos do texto.

Contudo, educar não é apenas fornecer conhecimento formal, mas formar cidadãos. Quando os alunos são, muitas vezes, orientados por professores que não dão vazão para a interpretação criativa, tornam-se inoperantes para realizar uma análise crítica de sua realidade. Conseqüentemente, fecha-se o círculo vicioso de uma educação alienante, que produz devoluções de conteúdos indefinidamente, sem uma consciência crítica, ou prática social dos conhecimentos, nem tampouco o ensino da autonomia.

Feitas as considerações introdutórias, este trabalho tem como objeto de estudo a hermenêutica na prática da leitura, enquanto estratégia aplicável ao desvendamento dos segredos de um texto, por meio de uma interpretação criativa, consciente e argumentativa frente a cultura que veicula na escola, construindo novos conhecimentos em círculo hermenêutico coletivo. Isso porque, os discursos construídos na comunicação do ser humano, são potenciais de interpretações que desvendem o sentido oculto (não-dito), no sentido aparente (já-dito).

Compreender o que se lê é essencial para a vida em sociedade. O aprendiz somente se torna apto, ao elevar sua visão de senso comum para uma visão que expande seu olhar, contemplando diferentes saberes inerentes ao discurso e suas formações sociais, as mais variadas formações discursivas. Nesse aspecto, a hermenêutica fornece fundamentação de como se deve trabalhar a interpretação de um texto, de uma obra, de uma situação de

comunicação, sendo de grande importância para desenvolver a interpretação criativa dos alunos.

A prática hermenêutica mostra que ler é ir mais além, é compreender, um processo abrangente, em que o leitor é lançado da busca necessária do entendimento do que se é e do outro na linguagem textual repleta de historicidade, de psicologismos, aspectos peculiares de cada um. A hermenêutica, instiga o leitor a se transportar para o texto, entender o contexto, se pôr de frente com o autor que externa seus desejos, suas inquietações, sua visão de mundo e do mundo.

Não obstante a origem de a hermenêutica remeter a um período em que se estabeleciam regras específicas para a análise e interpretação dos Escritos Sagrados, o que explica o fato de comumente a palavra hermenêutica estar associada aos prefácios da religião e direcionada a um modo de interpretação jurídica, na verdade a hermenêutica é uma proposta filosófica de se compreender diferentes discursos, inseridos em um dado contexto histórico, existentes no imaginário social dos interlocutores, perpassando uma ideologia pertencente à formação cultural dos sujeitos do discurso.

O termo hermenêutico deriva do grego *hermenéien* e é associado pela antiga sociedade grega ao deus Hermes, figura mitológica, momento em que os mitos foram criados para explicar fatos da vida pelo homem da antiguidade. Nesse sentido, a origem da palavra a designa como algo que tem poder para esclarecer mensagens, a palavra escrita no movimento de comunicação da humanidade.

Ao ser transformada em uma prática universal, a hermenêutica de Schleiermacher, Heidegger, Dilthey, Husserl, Gadamer, Paul Ricoeur e seus legados, passa a alcançar toda e qualquer forma de interpretação textual. Com a tarefa de levar o aprendiz a uma compreensão fundamentada em aspectos que revelam o verdadeiro sentido de um enunciado. A hermenêutica auxilia também na pesquisa educacional ao revelar o sentido oculto no aparente do texto: como por exemplo o que uma entrevista sobre leitura revela sobre o professor e sobre o aluno.

Nessa linha de raciocínio, é essencial compreender de forma mais ampla e clara em que se desdobra o ato de ler, explorando os próprios sentimentos, examinando as próprias reações por meio da reação que o texto oportuniza e, assim, desenvolver no leitor sua expressão criadora, sua capacidade de inventar, relacionar, comparar, escolher, optar, e se desenvolver.

Nesta pesquisa, defende-se a ideia de que a ponte entre hermenêutica e educação seja um caminho para dinamizar as aulas de leitura, a pesquisa escolar, a socialização dos temas

pesquisados, criando e veiculando novos discursos no ambiente escolar, propícios aos leitores que se formam tanto na leitura quanto na escrita. Do mesmo modo, a hermenêutica possibilitará a construção de habilidades que os permitam desvelar diferentes significados por trás do já-dito, apresentando questões, incentivando os alunos a se posicionarem por meio de uma escrita argumentativa que expresse suas realidades de aprendizes.

Diante do exposto, propõe-se caminhar com a seguinte pergunta de pesquisa: quais legados da leitura hermenêutica contribuem para a melhoria da Educação e qualidade do ensino? Nesse aspecto, a hermenêutica fornece orientações postuladas e difundidas pelos filósofos do círculo hermenêutico, sobre o ato da leitura interpretativa que beneficiam todos os alunos, orientando-os a assumirem uma postura questionadora ao ler e ao admitir a pluralidade de interpretações, estabelecendo uma relação dinâmica de interação com o mundo através do texto.

Partindo do pressuposto que a hermenêutica é importante para a educação, a presente pesquisa busca refletir sobre como a hermenêutica pode contribuir para a educação transformadora de alunos em críticos de textos, pela interpretação criativa.

Nessa perspectiva, este estudo tem por objetivo geral, enfatizar a importância da leitura hermenêutica para a educação, como possibilidade de compreensão plena de um texto, na formação social do leitor, no cotidiano da sala de aula. Com relação aos objetivos específicos, busca-se: (1) apresentar as origens históricas da hermenêutica, bem como sua contextualização teórica-prática; (2) realizar uma reflexão em torno do ideário hermenêutico, a fim de levantar as possibilidades de compreensão da pesquisa em educação; (3) apresentar uma interpretação de textos direcionados a diferentes faixas etárias, no sentido de trazer o movimento da prática hermenêutica para uma simulação em sala de aula.

No que se refere aos processos metodológicos, para a realização deste trabalho, focado na hermenêutica aplicada a educação, optou-se por uma metodologia que propõe uma pesquisa teórica, delimitada no interesse pela aquisição e prática da leitura de forma a construir a interpretação criativa com os alunos. Inicialmente deteve-se na construção do referencial teórico, buscando o descritor hermenêutica e círculo hermenêutico. Nesse momento da pesquisa foram selecionados textos acadêmicos e livros didáticos, publicados em língua portuguesa, incluindo livros e artigos científicos dos próprios hermeneutas.

Em seguida a abordagem do presente estudo, voltou-se para a hermenêutica e a prática de interpretação da pesquisa em educação, uma vez que os pressupostos metodológicos hermeneuticamente fundamentados aprimoram a visão do corpus que se constrói em uma dissertação de mestrado. Nesse momento, foi dada vazão a autores que haviam pesquisados

sobre os filósofos hermenêuticos, a fim de trazer diferentes olhares sobre a teoria apresentada no capítulo 1. Desse modo, para não se ater apenas ao pensamento dos filósofos pesquisados - Schleiermacher, Heidegger, Dilthey, Husserl, Gadamer e Paul Ricoeur - nesta fase da pesquisa, procurou associar as contribuições da hermenêutica na compreensão da pesquisa em educação, um elo entre hermenêutica, pesquisa e educação.

Em seguida, no desenvolvimento deste trabalho, para dar voz e movimento a esta pesquisa, a pesquisadora se transformou em hermenêutica, aquela que faz a leitura hermenêutica, ao interpretar cinco textos didaticamente escolhidos e em sintonia com os pressupostos teóricos dos filósofos acima citados. Passando a estabelecer uma conversação direta com o leitor, dando vida aos escritos dos autores escolhidos, para ilustrar como a hermenêutica pode acrescentar novos olhares à prática escolar e social da leitura.

No capítulo primeiro, foi discorrido sobre os aspectos históricos da hermenêutica, com o intuito de esclarecer o que é a hermenêutica, em quais campos a sua utilização acontece, bem como conhecer os principais fundamentadores da prática, suas concepções e seu legado hermenêutico: Schleiermacher, Heidegger, Dilthey, Husserl, Gadamer e Paul Ricoeur. Procurou-se dar espaço para se conhecer o filósofo, sua trajetória acadêmica, bem como a filiação teórica. Com base nos pressupostos dos acima citados, filósofos que permeiam a prática da leitura, em sua nova dimensão universal, poderá se refletir acerca de pontos essenciais para efetivação desse intento favorável a solidificação de uma leitura ideal para o conhecimento de mundo do leitor e ao mesmo tempo talentosa (interpretação criativa)

Ao desenvolver o segundo objetivo específico, no capítulo 2, as principais concepções da hermenêutica são argumentadas, vislumbrando o ideário de uma forma peculiar de interpretar textos e compreender os discursos, aplicadas à pesquisa educacional, com o intuito de expandir os conhecimentos da hermenêutica para além da mera leitura e interpretação de textos. Isso porque a hermenêutica é um processo vivo, mutável, com intersecção de diferentes aportes teóricos, construídos ao longo de um trabalho efetivamente realizado pelos pioneiros da hermenêutica.

Esse embasamento teórico será experimentado no capítulo 3, que tratará da aplicação de uma leitura hermenêutica a textos didáticos. Para tanto foram apresentados, inicialmente, os textos pertencentes a diferentes gêneros textuais (oração, crônica, livreto infantil, cartaz, haicai), para se realizar a leitura hermenêutica como possibilidade de uma nova realidade para a educação. Uma simulação de como abordar o texto na sala de aula, sob a ótica da interpretação hermenêutica, convidando o leitor a realizar sua própria leitura hermenêutica.

Com efeito, a reflexão que esta pesquisa motiva em seus leitores, é sobre como se conceber a hermenêutica enquanto prática enriquecedora ao alcance de todos os professores, para atividades de leitura, frente aos textos literários, jornalísticos, científicos, históricos, geográficas e demais ciências em sala de aula. A interação da hermenêutica com os textos ampliará o olhar e entendimento do leitor sobre como utilizá-la e aplicá-la na interpretação, dos textos escolares tanto do livro didático, quanto dos textos pesquisados. No séc. XXI, exigem-se melhoras no ensino, para que a educação possa conduzir o pensamento a se tornar ação, a partir de uma correta auto-compreensão dos discentes na vida social, religiosa, econômica, política e ambiental, com vistas à preservação da vida, a redução da desigualdade social, e ao fim da negação ao real direito à cidadania. Assim sendo, o pesquisador da área da educação, em seu processo interpretativo da realidade investigada, utiliza a prática hermenêutica na compreensão dos fatos históricos constitutivos do corpus que se elabora na compreensão dessa mesma realidade (GHEDIN, 2003). Para tanto, a pesquisa teórica fornece o embasamento necessário para a consolidação da hermenêutica e o esclarecimento de sua origem e de seu desenrolar diante da história, colocando-se como uma nova realidade para o trabalho de leitura no cotidiano das escolas.



## **1. ASPECTOS HISTÓRICOS DA HERMENÊUTICA: ORIGENS E INCURSÕES TEÓRICAS**

A raça humana é dotada de inteligência como inúmeras tanto surpreendentes capacidades. Dentre das quais merece destaque a capacidade do ser humano de exercer a comunicação. Ao serem utilizados, os sentidos e os significados em um processo comunicativo, segundo Carvalho (2003, p. 284): "(...) num certo horizonte de significação são colocados em risco na ação, tanto pela conjuntura histórico-cultural presente quanto pelo valor intencional subjetivo de seu uso pelos sujeitos ativos". Nesse contexto, o processo de comunicação perpassa a compreensão dos sentidos que foram emanados de um interlocutor ao outro, configurando um todo mergulhado no valor subjetivo que a mensagem tem para cada um dos sujeitos comunicadores (falante/ouvinte ou autor/leitor).

No processo comunicativo o indivíduo exerce a função ora de emissor, outrora de receptor. Existe um emissor, que tem como objetivo enviar uma mensagem a um receptor, que por sua vez além de receber a informação, precisa a interpretar. As situações de emissão e de recepção ocorrem o tempo todo e o ser humano a todo o momento oscila entre esses dois papéis (GONÇALVES, 1999).

Em virtude da importância da comunicação na sociedade, a definição contemporânea de comunicação/compreensão ultrapassou a concepção simplista do método de codificação e decodificação: emissor/ mensagem/ receptor. A compreensão entre o momento da produção da mensagem até a chegada da mesma ao receptor é um processo cada vez mais estudado pela sua dimensão enunciativo-discursiva.

A partir da década de 1960 diversos estudos passaram a discutir o papel do receptor, a partir dos quais, de acordo com Sodré (2012), resultaram no entendimento de que o receptor não   uma figura passiva no processo de comunica o, mas trata-se de um sujeito produtor nesse processo. Todo conhecimento necessita de compreensão, para que leve a transforma o, constru o e conseqentemente a mudanças internas e externas abarcando o contexto no qual o sujeito está inserido. A explica o acontece quando alguém compreende algo, ou seja, para se chegar   compreensão   necessário se pensar na complexidade da a o comunicativa e não somente concentrar-se apenas nas trocas de mensagens.

O caminho até o entendimento deve ser percorrido detalhadamente, para a clareza dessa prática. Assim sendo, quando o ser humano começa a fazer uso da capacidade de interpreta o? Desde que os seres humanos desenvolveram a habilidade de comunica o,

ocorreu a necessidade do ato interpretativo. Na idade mais tenra de uma criança, quando esta se apropria da fala, é possível observar a necessidade de interpretações para realizar a construção do processo de suas habilidades linguísticas. Característica esta exclusiva dos seres humanos, que são dotados com um cérebro incomparável, do qual cientistas até hoje buscam compreender plenamente suas mais diversas regiões e as redes neurais. Desde cedo, interpretar é uma capacidade que o ser humano necessita.

Observa-se que hermenêutica não é uma palavra comum, sendo pouquíssimo falada e comentada dentro da educação. Como já mencionado, deriva do verbo grego “hermeneuein”, seu significado consiste em: expressar em voz alta, explicar ou interpretar e traduzir. Etimologicamente era costume relacionar o termo ao deus Hermes, que levava a expressão dos desejos dos deuses para a humanidade. Esse recurso heurístico para a palavra hermenêutica, em tempos atuais é questionado em sua conexão etimológica. A língua latina traduz a palavra grega como interpretativo, que significa interpretação (ALBERTI, 1996). Sendo este o mais amplo significado da palavra hermenêutica.

A função hermenêutica de traduzir não pressupõe apenas um texto de idioma diferente, pois não há diferença na estrutura de entendimento, quando um texto está em língua materna ou em língua estrangeira. Qualquer idioma é dotado de culturas próprias vocábulos próprios, regionalismos, etc., sendo que o conhecimento destes é essencial para a compreensão. Somados a esses atributos, ao se fazer uso da ciência da interpretação dos textos, o hermeneuta vai ao encontro das regras e dos princípios hermenêuticos, direcionando o estudo de um texto para se chegar ao sentido mais profundo, independentemente de esse texto ser uma carta, um poema, um texto jornalístico, enfim, a hermenêutica perpassa todo gênero textual (STEIN, 1983). Ressalta-se que a hermenêutica não é patrimônio de determinada disciplina, porque refere a toda disciplina que utiliza a interpretação, para concluir o discernimento de um sentido oculto num sentido aparente, não somente de textos escritos, mas também de tudo que há no processo interpretativo.

A tarefa de uma hermenêutica é a de confrontar os diferentes usos de duplo sentido e as diferentes funções da interpretação por disciplinas tão diferentes como a semântica, a linguística, a psicanálise, a fenomenologia e a história comparada das religiões, a crítica literária, entre outras. Destacando a semântica do desejo no campo mais vasto dos efeitos de duplo sentido: aqueles mesmos que uma semântica discursiva, a qual encontra sob um outro nome, que denomina transferência de sentido, metáfora, alegoria (ORLANDI, 2006).

Ademais, na hermenêutica, pode haver a distinção entre compreensão gramatical, a partir do conhecimento da totalidade da língua do texto e compreensão discursiva, pelos

diferentes efeitos de sentido que um mesmo texto encerra em seu contexto. Nessa perspectiva, Possenti (2009) afirma que a interpretação gramatical tratada como compreensão da linguagem empregada por um autor, por meio dos fatores de textualidade e semânticos, confere múltiplas significações às palavras, juntamente com a abordagem psicológica, a qual busca o pensar do autor, de como o autor desenvolve seu raciocínio, sua expressividade. Essas interpretações dependem uma da outra para a ampla compreensão dos mais diversos textos.

Reconstruir o processo criativo do autor, descobrir o significado intencionado pelo autor, e talvez compreender o autor melhor do que ele próprio, tornou-se um dos caminhos e novas concepções no processo interpretativo.

Existe a compreensão comparativa que se refere a uma multiplicidade de conhecimentos objetivos, gramaticais e históricos, deduzindo a partir do enunciado o sentido, comparando-se proposições de diferentes saberes, chegando-se até mesmo à divinação que significa uma imediata adivinhação ou apreensão do sentido de um texto (STEIN, 1983).

### **1.1 A hermenêutica em Friedrich Schleiermacher**

Friedrich Daniel Ernst Schleiermacher (1768-1834), teólogo e filósofo polonês, considerado o pai da teologia liberal, para muitos estudiosos foi ele quem deu o início à consolidação da hermenêutica moderna. Proveio da tradição reformada e se educou em escolas moravianas e luteranas. Apreciador do latim, dedicou-se ao estudo desse idioma, como também do grego e hebraico dos morávios. Ordenado ao ministério em 1794 e logo depois clérigo em Berlim na Igreja da Trindade onde iniciou sua associação com os círculos da filosofia romancista. Ensinou na Universidade Luterana de Halle em 1804 e em 1810 na Universidade de Berlim. Elaborou seu sistema ético e religioso influenciado por Spinoza, Platão, Fichte, Kant e pelo romantismo alemão (MENDONÇA, 2007).

Schleiermacher não publicou um livro sequer, mas seus escritos são de relevância para a filosofia, sendo que entre suas principais obras estão: *Discursos sobre a religião* (1799); *Monólogos* (1800); *Crítica das Doutrinas e A Fé Cristã* (1822). Convém lembrar que Schleiermacher foi um dos primeiros eruditos a questionar a interpretação sobre os autores dos evangelhos, apresentados pela tradição da igreja. Em seu conceito, a tarefa da hermenêutica é entender além dos discursos textuais, os autores. Nessa perspectiva, projetou uma teoria coerente sobre o processo de interpretação dos textos, apresentando uma visão da comunicação entre um emissor e um receptor, baseado em um contexto social e linguístico comum. Adicionou à teoria tradicional da interpretação uma característica psicológica.

Do mesmo modo, Schleiermacher buscava as razões das regras e do procedimento, para se chegar a compreensão. Logo se percebeu que o problema da interpretação não se solucionaria simplesmente com a leitura do texto pelo texto, mas pela “restauração histórica do contexto a que pertencem os documentos” (GADAMER, 2002, p. 181), o que levou a busca da significação do processo interpretativo, independentemente do tipo, ou gênero textual.

A contribuição filosófica de Schleiermacher leva ao esclarecimento a relação do sujeito e do ser histórico na dinâmica da própria história e do horizonte linguístico, e acrescenta que a compreensão é alcançada entre as partes e o todo. Na visão de Schleiermacher (2000): “Todos os problemas da interpretação são, na realidade, problemas da compreensão” (apud GADAMER, 2002, p. 188). Schleiermacher tece uma hermenêutica contemporânea, a qual influenciaria Martin Heidegger, mais recentemente Gadamer (herdeiro e continuador dessa tradição) e o contemporâneo Paul Ricoeur.

Para Schleiermacher (2000), toda linguagem é fonte de relatividade e historicidade e não há um saber absoluto, devido ao fato de não haver uma linguagem universal que construísse a unificação do pensamento. Cada pessoa traz as suas verdades, mas na interpretação há que se abstrair a essência do texto, ou seja, a intencionalidade dos sentidos emanados do autor, não apenas o que o leitor abstraiu da mensagem, uma vez que todo texto traz múltiplos sentidos e o autor é o pólo intencional.

A primeira aquisição da hermenêutica moderna constituiu-se em estabelecer métodos interpretativos, ou seja, proceder do todo à parte e aos detalhes, tratar, por exemplo, uma carta bíblica, como parte destacada de um contexto (mas também como pertencente ao um todo, a própria Bíblia), esta pode ser analisada e estudada em separado, como um encadeamento, e ainda conforme, com base na visão de Schleiermacher (2000), como a relação entre uma forma interior e uma forma exterior.

O ponto nevrálgico da hermenêutica concebida por Schleiermacher (2000) é a problematização da natureza do próprio ato de compreender, prática antes tida como um conhecimento instrumental daquele que interpreta o texto. Da mesma maneira, a linguagem contida no texto é o ponto de partida para que o interprete busque o estado psicológico do outro rumo à compreensão mais coerente. Enquanto a compreensão apenas emerge de uma devida circulação entre as partes componentes e o todo, entre os pólos objetivo e subjetivo, Schleiermacher (2000) propõe, dentro de seus conceitos hermenêuticos, o círculo hermenêutico, que é um ir e vir entre constantes, examinando cada parte e o todo da obra.

Ademais, segundo Heidegger (2003, apud STEIN, 2011): “Schleiermacher colocou a hermenêutica, como doutrina da arte da compreensão, e enquanto disciplina, na relação com a gramática, a retórica e a dialética, sendo tal metodologia formal”. Uma metodologia, que se coaduna com a análise discursiva, na busca da compreensão de textos pesquisados, sobretudo quando a investigação se dirige à elucidação do processo educativo e seus registros históricos.

A distância entre o leitor/intérprete, o texto e o seu autor, são temas principais do ensaio hermenêutico que rege exatamente o trabalho de aproximação entre estes dois mundos. A aproximação, causando a quebra do distanciamento se torna uma chave que ajuda a interpretar e compreender os produtos objetivos da história humana (CARVALHO, 2003).

Para tanto, é importante perceber que o próprio Schleiermacher afirmou que a hermenêutica é a arte de compreender a linguagem falada e escrita, construindo um ideário que passou a transformar a hermenêutica - até então usada apenas em disciplinas específicas - numa hermenêutica universal, compreendida como uma teoria geral da compreensão, capaz de estabelecer princípios gerais de toda e qualquer compreensão e interpretação das manifestações linguísticas (MENDONÇA, 2007).

Ainda conforme Mendonça (2007), Schleiermacher demarca a hermenêutica pela dupla filiação, de uma dimensão crítica e também de um horizonte romântico. Na fusão psicológica entre o autor e o intérprete, o leitor vai além do próprio autor, deslocando o sentido dos discursos. Em um esforço constante e imaginativo na busca da compreensão o leitor passa a construir o modo como o autor criou o texto, o que lhe confere conhecer o autor melhor do ele mesmo se conhecia. Outro campo que é necessário percorrer é a gramática do texto.

Para Schleiermacher (2000), a interpretação gramatical com base nos caracteres comuns do discurso de uma determinada cultura, que independe do autor e indica limites de compreensão, juntamente com uma interpretação chamada de positiva, e voltada para a singularidade da mensagem do autor são possibilidades de interpretação, embora práticas distintas, que a princípio caminham juntas, revelam significações diferentes e mesmo que uma acabe por excluir a outra, essas distinções apontam aspectos de uma compreensão superior que se dá pela sua integração.

## **1.2 Visão hermenêutica de Wilhelm Dilthey**

Wilhelm Dilthey ( 1833 – 1911) filósofo, pensador hermenêutico, pedagogo alemão e sociólogo. Dilthey lecionou filosofia na Universidade de Berlim. Seus principais conceitos

procuram conceituar as "ciências do espírito" como um meio de se alcançar o conhecimento humano, em oposição às ciências da razão. Para tanto, Dilthey dialoga e aprofunda o pensamento de Kant, John Locke, Auguste Comte, Stuart Mill, Berkeley, Rudolf Hermann Lotze, e outros.

No momento em que os estudiosos da hermenêutica propunham esclarecer que se deve primordialmente interpretar o encadeamento dos fatos coletados da realidade, os historiadores alemães do século XIX tornaram a história uma ciência de primeira ordem. Para Dilthey (1957), a hermenêutica se torna histórica e o texto passa então a ser concebido como o mundo em suas relações fatuais. O ser humano com suas singularidades psicológicas constrói a história, enquanto atua na vida. Por isso o ser humano pode ser chamado de sujeito histórico e na hermenêutica se parte do texto para se chegar na intencionalidade do autor que subjaz ao texto.

Conhecido como o pensador da teoria da compreensão com base na história, Wilhelm Dilthey foi o primeiro filósofo a formular a dualidade de "ciências da natureza e ciências do espírito", que se diferem por meio de um método analítico esclarecedor e um procedimento de compreensão descritiva. Nessa visão, a hermenêutica se torna além de gramatical, histórica, chegando ao status de uma metodologia das ciências humanas. No seu pensamento, deve haver a explicação dos eventos da natureza, ao passo que na história, os eventos factuais, os valores e a cultura necessitam ser compreendidos (ALBERTI, 1996).

Segundo Dilthey (1957), o domínio da compreensão caminha de uma vida psíquica a uma vida psíquica estranha, ultrapassando apenas a compreensão de documentos fixados pela escritura. Compreender é para um ser finito transportar-se para um campo além do da sua vivência, ao encontro de outra vida: ao mundo de um emissor. No estudo dos produtos humanos, a história nasce e torna-se a base para a compreensão e não parte propriamente de uma introspecção subjetiva ou de uma especulação filosófica.

Dilthey (1957) aprofunda a visão de que qualquer manifestação objetiva do ser humano tem um sentido maior que se encontra no campo do espírito. Sua hermenêutica elimina a abordagem alegórica sustentada por Roma, portanto dogmática, com enormes implicações políticas, epistemológicas e hermenêuticas. Ao analisar e estudar o pensamento de Schleiermacher, Dilthey caminha da teologia para a filosofia, ligando todos estes estudos hermenêuticos ao idealismo e ao romantismo alemão.

Nessa concepção, a compreensão necessita do envolvimento de quem está em busca da compreensão do texto, interagindo com sua imaginação, para clarear o universal no

particular e o todo na parte. O intérprete precisa usar de sua imaginação como de julgamento para quebrar o distanciamento entre ele e o autor do texto dentro de um esforço imaginativo ao reconstruir a vida particular do autor além de entender as palavras, de se conhecer a gramática utilizada, a busca da historicidade de quem é aquele ser humano que escreveu o texto assim construindo o que é para o Dilthey o patamar de uma leitura significativa (ALBERTI, 1996).

Após seu falecimento em 3 de outubro de 1911, suas obras foram finalmente reunidas em 14 volumes, sendo que a abordagem hermenêutica apresenta similaridade com o pensamento de Husserl, Heidegger e muitos outros fenomenólogos do século XX. Dentro das ciências humanas ele propôs a auto-reflexão fundada na experiência da vida ao longo da história.

Explicação, como proposto por Dilthey (1957), está associada ao campo das ciências naturais e compreensão ao campo das ciências humanas. Quando se valoriza a explicação, como principal elemento do trabalho científico, a diferenciação entre os dois tipos de ciência se esvai. A noção de compreensão, desenvolvida por Dilthey, destaca que ciências humanas e sociais sem a valorização da peculiaridade dos estudos humanos são insuficientes, uma vez que o fenômeno humano não é completamente reduzível aos fatos e leis da natureza (BRITO, 2005).

No livro *Ideias sobre uma Psicologia Descritiva e Analítica* (1894), Dilthey, aborda uma psicologia não naturalista, mas a psicologia que tem como fundamento as ciências humanas. Em seu discurso, fica evidente que, nas ciências humanas, o que se procura é uma compreensão do humano e não uma explicação como nas ciências naturais. Sua abordagem recusa toda visão meramente intelectual do humano, ao passo que fundamentado em Kant, Dilthey propõe uma psicologia que aborda a análise das emoções, do pensamento e da vontade, contudo, em sua obra *O Surgimento da Hermenêutica* (1900), constrói uma ideia de que o ser humano somente pode dar conta do que é por meio de sua produção objetiva.

Em tempos remotos, na busca da verdade contida na Bíblia, houve a concretude da exegese, que exerceu sua função interpretativa, ao abranger toda uma teoria do signo e da significação. Ao considerar a hermenêutica uma disciplina que se propõe a compreender um texto, a partir de sua intenção, baseando-se no fundamento daquilo que se pretende dizer, a exegese bíblica suscitou um problema hermenêutico, ou seja, de interpretação.

Nesse cenário, a exegese e a hermenêutica são práticas distintas, mas que então se convergem na dinâmica da interpretação. No artigo *Die Entstehung der hermeneutik*, Dilthey aborda a exegese como a arte de compreender as vitais manifestações fixadas de modo

durável, dos testemunhos humanos conservados pela escrita, sendo essa forma de interpretar um problema interdisciplinar no plano das mais variadas formas de textos.

Nas palavras de Dilthey (1957, p. 12):

Trata-se de uma questão da maior relevância. Em qualquer situação nossa ação pressupõe a compreensão de outras pessoas; uma grande parcela da felicidade humana surge da percepção empática (*Nachfühlen*) de configurações psíquicas alheias; toda a ciência filológica e histórica está fundamentada no pressuposto de que esta compreensão empática do singular possa ser elevada à objetividade.

De fato, a dimensão histórica elaborada, com base nessa visão, viabiliza ao ser humano, constituído em processo histórico-cultural, interpretar e produzir sentidos para além dos limites de seu próprio tempo, pois é na sua constituição histórica que os sujeitos do discurso se apropriam dos sentidos múltiplos que cada texto lhe oferece. No aprimoramento da exegese a hermenêutica mostrou caminhos para se criar uma teoria da interpretação.

Nessa linha de pensamento, a exegese, inicialmente, buscou a clareza dos ensinamentos divinos, registrados por diferentes sujeitos em épocas distintas e distantes. Além de se traduzir a Bíblia que originalmente foi escrita em hebraico, grego e aramaico, para outros idiomas, houve a preocupação em se transmitir, nessas traduções, a mensagem original na sua essência, motivando os compiladores dos textos bíblicos a uma busca pela melhor forma de compilar o texto para uma linguagem moderna conservando seus valores.

Nas Escrituras Sagradas, a humanidade é incentivada a buscar o discernimento entre o bem e o mal. Para exemplificar, em I Coríntios 14:10 e 11, o apóstolo Paulo esclarece que nenhum idioma é sem significado. Porém, tanto quem fala, como quem recebe a palavra passa a ser como um estrangeiro um para o outro quando não há compreensão na comunicação.

Além das Escrituras Sagradas, textos de outras áreas, necessitavam de uma interpretação requintada e detalhada, trazendo, por extensão, a prática mais coerente à interpretação dos textos profanos e posteriormente do discurso jurídico e científico, incluindo o discurso histórico e pedagógico. Dessa forma, obras literárias, relatos históricos, antigos textos legislativos entre outros contribuía para a evolução da exegese e da hermenêutica, no afã de serem compreendidos coerentemente e interpretados num sentido mais amplo.

Importante ressaltar que as diversidades da hermenêutica refletem diferentes métodos de interpretação, com regras internas, que por sua vez delinearam uma diferença epistemológica. Nesse caso, a hermenêutica bíblica desenvolveu métodos para a interpretação contextualizada da Bíblia, ao passo que a hermenêutica jurídica visava a compreensão dos



ditames da lei. Da mesma forma, a hermenêutica filológica foi sendo aprimorada e se concentrou na interpretação de clássicos, durante o Renascimento. Historicamente, a teoria da interpretação se resumia em três tipos básicos: hermenêutica teológica, filosófico-filológica (profana), jurídica (juris).

Um discurso textual pode ter diversos sentidos, necessitando a busca do sentido complexo e profundo. Ademais, um texto com um sentido histórico e sentido espiritual requer do leitor, para interpretá-lo, o uso de uma noção de significação muito mais profunda e complexa que a dos signos unívocos, necessária por uma lógica da argumentação, para superar a distância como o afastamento cultural e equiparar o leitor a um texto tido antes por ele como estranho, pelo fato de o leitor não estar familiarizado com o conteúdo textual, ou por não comungar das mesmas crenças, cultura e opiniões do autor (RICOEUR, 2006).

Toda leitura de um texto sempre é feita no interior de uma comunidade, de uma tradição ou de uma corrente de pensamento vivo, que desenvolve pressupostos e exigências. Nesse tipo de interpretação, o leitor incorpora o sentido do texto à compreensão presente que ele mesmo pode obter de si próprio. Além do mais, o leitor faz uma relação do texto com si mesmo. Nesse caso, o leitor se descobre, reinventa-se, dentro das novas possibilidades que o texto lhe apresenta.

Em suas origens, porém, a hermenêutica ainda não era vista como uma ciência que explicasse o ser e suas relações com o mundo. Para colocá-la em um mesmo patamar que as ciências naturais, precisava-se, enquadrar a hermenêutica num amplo contexto das ciências do espírito. O que aconteceu sobre o fundo dos pressupostos teórico-científicos, metodológicos e também filosóficos evidenciados por Schleiermacher. Continuadamente, Dilthey (1957) que aponta a hermenêutica de Schleiermacher como sendo fundamento geral das ciências do espírito, fundamentou-se na pretensão hegemônica da metodologia positivista das ciências naturais experimentais.

Para Dilthey (1957), ao analisar o homem e o comportamento humano, dentro de uma ciência do espírito é possível alcançar a compreensão interior por meio das ações e motivações que regem o ser humano em seu contexto e pelas relações sociais na vivência humana. Em outras palavras, ao observar o comportamento humano, chega –se aos meios necessários à compreensão da humanidade e do mundo histórico-social. Enquanto que no pensamento de Schleiermacher, precursor de Dilthey, para alcançar a compreensão da ação do ser humano ao se relacionar com o mundo, é a psicologia a primeira e mais elementar das ciências do espírito.

Se por um lado na compreensão de seus objetos naturais as ciências adquiriram métodos causais de um fenômeno, também os textos, vistos como produtos da razão, necessitam de uma ciência a compreensão visando a apreensão das significações intencionais das na historicidade humana. No caso a leitura hermenêutica (SCHLEIERMACHER, 2000, p. 7).

Nessa linha de raciocínio, a hermenêutica de Schleiermacher é caracterizada pela busca de explicar e justificar um procedimento interpretativo, como também procedimentos em traduções de textos antigos clássicos, fundamentando o procedimento a partir de um conceito geral de compreensão. Antes dele a leitura hermenêutica derivava-se menos de princípios do que da prática.

### 1.3 Fenomenologia e hermenêutica no pensamento de Martin Heidegger

Martin Heidegger (1889-1976), apreciador e conhecedor dos idiomas grego, latim e francês. Concluiu estudo em filosofia e teologia. Interessado em seus estudos no pensamento de Aristóteles e de Husserl, assim sendo influenciado ao método fenomenológico. Sua problemática acontece na busca da compreensão do ser. Heidegger foi assistente de Husserl em Friburgo e passaram a construir fortes laços de amizade que foram rompidos futuramente após publicação de seu fundamental trabalho, *Ser e tempo*.

Em seus estudos sobre fenomenologia existencial, elaborou uma filosofia da existência, marcada pela possibilidade de vir a ser, por meio da fenomenologia, a qual conduz a refletir sobre a problemática do ser. Enquanto a essência humana depende de sua relação com o ser, uma das maneiras mais fundamentais para entender o ser humano é por meio dessas relações. Nesse panorama, a compreensão de si próprio ocorre quando se descobre o que se pode ser, do mesmo modo que ao descobrir para que as coisas servem e sua utilização o ser humano está compreendendo, essencialmente, o ser em si, o *dasein* que Heidegger define *de ser-aí*, o homem enquanto um ente que existe imediatamente no mundo, existe compreendendo, uma das grandes contribuições para o campo da hermenêutica (STEIN, 2011).

O ser no mundo é um ‘ser com’, ao passo que ele faz suas experiências e trocas com o outro e com o meio em que vive sendo levado pelo pensamento a ação. Nessa linha de raciocínio, a tarefa de universalizar o ser humano, o congregar em sua humanidade terá melhor êxito ao se trazer para a educação os benefícios de uma leitura hermenêutica para a interpretação de mundo e do próprio ser-leitor, na busca da significação da existência com

vistas aos próprios atos dos sujeitos. O processo interpretativo até chegar ao entendimento necessita ser estudado e desenvolvido pelos alunos, para que possam caminharem por si e lançarem luz sobre as experiências.

A própria hermenêutica foi muito estudada, pesquisada e aplicada até se chegar a uma hermenêutica moderna. Foi um longo caminho, trilhado por pensadores que se preocupavam com o saber, com a educação do ser por meio do entendimento daquilo que cada um é e do que o outro representa na eterna construção de sentidos pela comunicação e convivência no mundo (GHEDIN, 2003)

Caminhando no entendimento sobre hermenêutica, guiados por Heidegger, tem-se um campo onde a priori acontece na questão mais filosófica do que na interpretação em si mesma, fundamentando que o ato da compreensão está ligado à descrição do que é ‘estar a fazer ontologia e não metodologia’.

Conforme Silva (2010), Heidegger foi mais adiante, sugerindo que a hermenêutica, em seu significado mais moderno, seja abordada não com ênfase no sentido estrito de uma teoria da interpretação, mas que a hermenêutica com uma visada moderna busque o sentido original do termo grego hermêutiká - que de acordo com a mitologia grega, deriva de Hermes, o deus mensageiro que leva a palavra e os desígnios dos deuses - na realização do hermenéien (do comunicar), ou seja, da interpretação da faticidade que conduz ao encontro, visão, maneira e conceito fático. Entende-se por fático “algo que é”, articulando-se por si mesmo sobre um caráter ontológico, o qual é desse modo.

O ponto de partida do pensamento de Heidegger (2003 apud STEIN, 2011) é a descrição fenomenológica acerca de nossa experiência real, considerando-se a fenomenologia o método mais coerente para estabelecer condições de descrever e de auto-compreender o ser humano: o “*Dasein*” em sua vida fática, por meio de uma hermenêutica existencialista, em que a facticidade nomeia o modo de ser único de cada um.

Heidegger chama a atenção para a hermenêutica da facticidade, ou seja, a auto-compreensão interpretativa do *Dasein* em sua vida efetiva. Na busca do significado do ser, torna-se necessário descobrir o significado do ser de *Dasein*. Seu método de análise é a hermenêutica fenomenológica, uma auto-compreensão interpretativa de *Dasein* enquanto este se mostra a partir de si mesmo. Para Heidegger, por meio da compreensão e discurso enquanto ser-no-mundo na vivência com outros, *dasein* revela o aí (STEIN, 2011).

No período de 1936 a 1938, Heidegger escreveu *Contribuições à Filosofia*. Enfrentou audiências de desmitificação entre 1945 a 1946, sendo então proibido por autoridades francesas de exercer a docência, porém obteve permissão novamente no ano de 1951, atuando

como professor emérito na Universidade. Mais uma obra sua é publicada em 1959, intitulada, *A caminho da Linguagem*. Outras importantes obras suas são *Introdução à Metafísica* (1953), *Que Significa Pensar?* (1964) e *Fenomenologia e Teologia* (1970, cuja obra completa foi editada na Alemanha em 70 volumes. Frequentemente ao ser analisada, a produção filosófica de Heidegger costuma ser dividida numa primeira e segunda parte, uma até ao final da década de vinte, outra após este período (PELIZZOLI, 2002)

Num segundo momento Heidegger não escreve a segunda parte para o *Ser e o Tempo* devido a sua demasiada aproximação da linguagem, direcionando em seu pensamento ao encontro da sua essência original, na qual os seres humanos e o Ser precisam uns dos outros para trazer os seres à presença. Nesta fase Heidegger não fala mais de hermenêutica. Para o filósofo, nesse segundo momento, a linguagem é a casa do Ser, onde a troca e a vivência com os seres humanos são imprescindíveis para ir ao encontro dos questionamentos e do pensamento do Ser, acontecendo assim que os seres possam revelar sua presença, sua existência. Heidegger dá seguimento a suas práxis interpretativas através de uma hermenêutica tradicional, tendo em vista que a compreensão é o resultado da interpretação de algo, observando as estruturas prévias da compreensão, na qual a escuta do dizer do texto se sobressai sobre uma possível importância da interpretação psicológica. As estruturas prévias da compreensão, se desenvolve através da problemática de uma hermenêutica histórica e da crítica histórica (DUTRA, 2002).

Mesmo sendo comum falar-se do *primeiro* ou do *segundo* Heidegger, há quem recuse a divisão, defendendo a continuidade do seu pensamento. Heidegger não muda para uma questão diferente; pois não abandona a questão sobre o significado do ser e a relação entre *Dasein* e Ser. O que se percebe é que sua colocação sobre a linguagem da metafísica em *O Ser e Tempo* ofuscou o ponto de partida mais original do seu pensamento (NUNES, 2010).

Husserl que começou sua descrição fenomenológica pela intencionalidade da consciência foi criticado por Heidegger, que considerava uma pressuposição injustificada da dualidade sujeito-objeto. A hermenêutica da fatcticidade para Heidegger é uma posição mais original, para se descrever fenomenologicamente a experiência do ser humano, sem pressuposições. O que os pensadores de hermenêutica ao se distanciarem ou aproximarem um do outro, a conservar uma visão ou a ir rumo a outro horizonte nada mais faziam do que almejarem o alcance do mais propício modo para se chegar a compreensão (PELIZZOLI, 2002). Este desejo, essa inquietação é latente também na história presente da educação.

O estudo da leitura hermenêutica na pesquisa em educação é propício para uma melhora na qualidade do ensino e para o progresso do desenvolvimento humano. Todos se

posicionam diante dos fatos da vida, sejam eles bons ou ruins, a diferença está no como cada um se posiciona, o que fazem do seu direito de escolha, compromete o curso da vida no sistema. A preocupação não somente com o que é ensinado, mas como se ensina é algo a ser reconsiderado. Os docentes plantam sonhos, esperança, atentando para um significado mais profundo e amplo, o de ser humano (GHEDIN, 2003).

Quem que não questiona, na busca de uma compreensão das manifestações da vida, da cultura e da sua existência corre o risco de ser levado pela correnteza. Indagar, descobrir, inventar, reinventar é o que leva ao aprendizado a competência de uma postura consciente de si e do outro e da sociedade (DUTRA, 2002; GHEDIN, 2003). Será que estamos no mundo por acaso? Exercitar o pensar é necessário. O que se faz da vida depende muito do que se aprende como saberes e valores fundamentais, e cultivados. A inteligência difere o ser humano de outros animais, esse ensinamento é transmitido desde a infância. É essencial dar atenção para este aspecto responsável por esta diferenciação.

De acordo com o relatório *Intelligence: Known and Unknown* (1995), da Associação Americana de Psicologia, a inteligência é compreendida da seguinte forma:

Os indivíduos diferem na habilidade de entender ideias complexas, de se adaptarem com eficácia ao ambiente, de aprenderem com a experiência, de se engajarem nas várias formas de raciocínio, de superarem obstáculos mediante o pensamento. Embora tais diferenças individuais possam ser substanciais, nunca são completamente consistentes: o desempenho intelectual de uma dada pessoa vai variar em ocasiões distintas, em domínios distintos, a se julgar por critérios distintos. Os conceitos de 'inteligência' são tentativas de aclarar e organizar esse conjunto complexo de fenômenos.

Outra definição do termo está em *Mainstream Science on Intelligence*, assinada por cinquenta e dois pesquisadores em inteligência, em 1994:

(...) uma capacidade mental bastante geral que, entre outras coisas, envolve a habilidade de raciocinar, planejar, resolver problemas, pensar de forma abstrata, compreender ideias complexas, aprender rápido e aprender com a experiência. Não é uma mera aprendizagem literária, uma habilidade estritamente acadêmica ou um talento para sair-se bem em provas. Ao contrário disso, o conceito refere-se a uma capacidade mais ampla e mais profunda de compreensão do mundo à sua volta - 'pegar no ar', 'pegar' o sentido das coisas ou 'perceber' uma coisa.

Etimologicamente, a palavra inteligência se originou a partir do latim *intelligencia*, oriundo de *intelligere*, em que o prefixo *inter* significa entre e *legere* quer dizer escolha. A origem da palavra inteligência faz referência à capacidade de escolha de uma pessoa, entre as várias possibilidades ou opções que lhe são apresentadas. Cada pessoa possui características

individuais como: faculdade de conhecer, compreender, raciocinar, pensar e interpretar, que são a base da forma da inteligência, e influenciam a realização da escolha dos indivíduos.

Como as definições mostram a inteligência ao diferenciar o ser humano das demais espécies, é o fator que lhe possibilita raciocinar e fazer escolhas. Dado este que pode ser utilizado para enfatizar a importância o ato de interpretar. A escolha certa depende de se entendimento, do caminho, do alvo e do que pode representar aquela escolha para o indivíduo, conseqüentemente para a comunidade enquanto se pensa no ser como um construtor da identidade local, da sua cultura e do meio onde exerce seu papel como cidadão (CARVALHO, 2003).

Aceitar o determinismo é tornar as coisas imutáveis. Quem muda o mundo é o único ser capaz de pensar. Ao contrário de simplesmente observar as transformações; compreendê-las com uma postura modificadora em favor da vida, em um exercício comum a todos. É preciso interpretar dentro dos discursos que atravessam vidas, os acontecimentos, os fatos, a intenção, o que cada um é enquanto ser cognoscente. Todos são seres históricos, com capacidade de mudança, modificando o que está para ser mudado. A hermenêutica fornece bases para transformar a educação do olhar a começar pelo próprio educador, favorecendo intervenções que possam contribuir para fazer a vida fluir. Ensinar para mudar, para transformar. A educação deve explorar o que a hermenêutica tem para oferecer.

Essa prática de leitura é favorável para capacitar os alunos a fazerem interpretações coesas, com riqueza de detalhes e com o significado apurado por etapas bem definidas.

#### **1.4 A hermenêutica na teoria fenomenológica de Edmund Husserl**

Filósofo alemão nascido em Prossnitz, Morávia, atualmente república checa. Husserl (1859-1938) é de origem judaica, porém mais tarde converte-se ao protestantismo luterano. Atualmente considerado um precursor da filosofia moderna. Sendo que em uma época em que o cientismo é visto como a mentalidade dominante, ele desenvolveu uma forma crítica de pensar para os objetos da mente humana, fez uso de estratégias metodológicas baseada na fenomenologia, projeto fenomenológico, denominado por ele como fenomenologia “transcendental”, com o objetivo de fundamentar rigorosamente a filosofia consolidando-a como uma ciência de rigor mantendo uma postura reflexiva e analítica, com o objetivo de elucidar o sentido das coisas. A Fenomenologia que primeiramente foi usada pelo filósofo do séc. 18 Johan Lambert (1728-1777) para caracterizar a ciência das aparências e posteriormente por Hegel (1770-1831) em sua ciência da experiência da consciência,

tradição está em que Husserl se inspira para realizar seu intento. Este método tem enfoque no estudo da ciência das coisas e como elas são percebidas no mundo. Os conceitos elaborados pelo filósofo o levaram a afirmação que, para o estudo da estrutura da consciência, seria preciso discriminar entre o ato de consciência e o fenômeno ao qual ele é dirigido assim o objeto-em-si transcende à consciência.

Definida a fenomenologia como o estudo da consciência e dos objetos da mesma, sendo um método para a descrição e análise da consciência por meio do qual a filosofia busca obter um caráter estritamente científico, conferindo à filosofia o caráter de disciplina científica que toma por objeto o fenômeno tal como surge na consciência. Tendo como exigência um retorno do homem a si mesmo.

Husserl estudou física, matemática, astronomia e filosofia nas universidades de Leipzig, Berlim e Viena onde defendeu sua tese de doutorado em filosofia (1882), com o tema *Beiträge zur Theorie der Variationsrechnung (Contribuições para a Teoria do Cálculo de Variação)*. Foi fortemente influenciado pelo filósofo e psicólogo Franz Brentano, um dos renovadores do pensamento aristotélico. Husserl distingue-se de Brentano por afirmar que as sensações reais são aprendidas por atos intencionais dirigidas ao objeto e animadas pelo objeto, assim sendo as sensações vividas, mas não são percebidas pelo indivíduo. Para exemplificar: se vejo uma roupa vermelha, não vejo a sensação de vermelho que tenho, mas a cor vermelha externa.

Suas principais obras foram *Logische Untersuchungen (Investigações Lógicas - 1900-1901)*, *Ideen zu einer reinen Phänomenologie (Ideias para uma Fenomenologia pura - 1913)* e *Formale und transzendente Logik: Versuch einer kritik der logischen Vernunft (Lógica formal e Transcendente: Ensaio da crítica da razão lógica -1929)*.

Em sua trajetória, o filósofo promoveu a mudança da atenção dos fatos contingentes para o seu sentido originário intrínseco de uma vivência intencional.

“Portanto, teremos que afirmar: esse “expressar” uma apreensão (ou numa maneira objetiva de falar: o percebido, como tal) não compete às palavras pronunciadas, mas a certos atos expressivos; expressão significa, nesse contexto, uma expressão vivificada por seu sentido total, posta aqui numa certa relação com a percepção, que, por sua vez, é dita expressa justamente em virtude dessa relação. Isso implica, ao mesmo tempo, que entre a percepção e as palavras pronunciadas está inserido ainda um ato (ou, conforme o caso, um complexo de ato); digo um ato: pois a vivência da expressão, seja ou não acompanhada de percepção, tem uma relação intencional com algo objetual. É esse ato mediador que deverá servir propriamente de ato doador de sentido, ele é próprio à expressão que atua com pleno sentido, a título de seu componente essencial, fazendo com que o sentido seja sempre idêntico, quer a ele se assine uma percepção comprovante ou não. (HUSSERL, 1975, p. 25)

Husserl propõe passar de um olhar ingênuo do mundo para uma visão mais apurada que leve em consideração as coisas, no qual o mundo se revela em sua totalidade como "fenômeno". Segundo Husserl: "*A fenomenologia procede elucidando visualmente, determinando e distinguindo o sentido...*, mas tudo no puro ver" (Husserl, [1907] 1997, p. 87). Para ele é a experiência fonte de todo o conhecimento e a noção de *intencionalidade* que define a forma primordial dos processos mentais. Uma definição simples dirá que a principal característica da consciência é a de ser, sempre, intencional. Husserl esclarece que *a consciência sempre é consciência de alguma coisa* e é a análise intencional e descritiva da consciência que irá definir as relações fundamentais entre as ações mentais e o mundo visível. Segundo Husserl há que se buscar alcançar os atos intencionais ao nível do pensamento para se atingir uma significação no ato comunicativo.

O expressar da fala não está, pois, nas meras palavras, mas nos atos que exprimem; eles estampam num material novo os atos correlatos que devem exprimir, eles criam para eles uma expressão ao nível do pensamento e é a essência genérica dessa última que constitui a significação da fala correspondente (HUSSERL, 1975, p. 19).

Husserl cria um método fenomenológico para se observar os objetos, sondando de que modo o ser humano, em suas várias maneiras de ser intencionalmente dirigidos a eles, de fato os "constituímos" (para distinguir da criação material de objetos ou objetos que são mero fruto da imaginação); fenomenologicamente, o objeto passa de algo simplesmente "externo" visto como fonte de indicações sobre o que ele é (um olhar que é mais explicitamente delineado pelas ciências naturais), vindo a se tornar um agrupamento de aspectos perceptivos e funcionais que implicam um ao outro.

A análise intencional é, pois, algo de inteiramente diverso da análise na acepção habitual. A vida consciente – e isto vale já para a pura psicologia interna como paralelo da fenomenologia transcendental – não é uma simples conexão de dados, nem um amontoar de átomos psíquicos, nem ainda uma totalidade de elementos, que estão unidos por qualidades morfológicas. A análise intencional é o desvelamento das actualidades e potencialidades, nas quais se constituem objectos como unidades de sentido, e toda a análise de sentido se leva a efeito na transição das vivências ingredientes para os horizontes intencionais nelas delineados (HUSSERL, 1900, p.32).

Manifesta-se uma abordagem hermenêutica, baseada em uma nova metodologia fenomenológica, que se vize com seriedade, objeto e sentido, questões de ser, de possibilidades, de origem e de legitimação. Buscando descortinar potencialidades, evidenciando multiplicidades de novas vivências para assim revelar o sentido intencional, ou seja, o que implicitamente se visava.



Voltando a sua trajetória ao se aposentar Husserl prosegue com suas pesquisas e atividades nas instituições de Friburgo. Tempos depois devido a sua origem judia, foi demitido sob o reitorado de seu antigo aluno e pupilo Martin Heidegger, então membro do partido nazista. Para Husserl a visão que Heidegger tinha era simplesmente resultado de uma compreensão errônea dos seus próprios ensinamentos e métodos. Heidegger por sua vez, ao reeditar em 1941 sua obra *Ser e Tempo (Sein und Zeit)* retirou a dedicatória feita a Husserl.

Husserl descobre e desenvolve da forma mais aperfeiçoada possível em seu aspecto idealista a ideia da intencionalidade reinterpretada à luz da redução transcendental. Afinal o Ego que ele requer em sua fundamentação não corresponde ao cogito cartesiano, dado como evidente de uma forma antecedente a tudo o mais. O Ego Husserliano, enquanto ideia, somente tem seu fundamento inegável a partir da apuração das cogitações, isto é, a partir da intencionalidade das vivências.

### **1.5 Gadamer e contexto histórico e linguístico da hermenêutica**

Hans-Georg Gadamer (1900-2002) outro filósofo decisivo no desenvolvimento da hermenêutica no século XX e fortemente influenciado pela filosofia de Martin Heidegger, apóia-se nos ensinamentos sobre o *Dasein* (ser-aí), isto é, a condição do sujeito se ver imerso em um contexto histórico-linguístico, condição de possibilidade que molda e dá um horizonte de sentidos. Gadamer viveu, na Polônia, antiga Breslau, onde frequentou a Universidade até 1919. Nesse ano voltou a Marburgo junto a sua família. Recebe o doutorado em 1922, com seu trabalho *A natureza do prazer de acordo com os Diálogos de Platão*. Entre 1923 e 1928 estudou e foi assistente de Heidegger em Marburgo. Com orientação de Paul Freidlander passou no exame em filologia clássica no ano de 1927.

É qualificado para o ensino em filosofia por *Interpretação do Filebo de Platão*, orientada por Heidegger, sendo publicada no ano de 1931, intitulada *A ética dialética de Platão*. Ensinou como professor substituto Kiel e em Marburgo, tornando-se professor titular em filosofia, em 1937, na Universidade de Leipzig, onde posteriormente Gadamer se tornou reitor

No ano de 1960, Gadamer publica sua obra de maior impacto, *Verdade e Método*, cuja tarefa epistemológica é explicar como o ser humano justifica seus preceitos no evento da

compreensão. Faz referência provocativa à ontologia heideggeriana das estruturas previstas da compreensão, chamadas por preceitos.

Após se aposentar, em 1968, Gadamer continua lecionando até 1970. Após esta época, ele passa a viajar, palestrando como professor visitante em diferentes universidades, entre os vários prêmios que Gadamer recebeu pode-se citar: Cavaleiro da Ordem de Mérito, o mais alto reconhecimento acadêmico da Alemanha. Gadamer atravessou todo o conturbado século XX e morreu em 13 de março de 2002, em Heidelberg, com 102 anos.

O ponto cerne da teoria de Gadamer é que a natureza da compreensão humana, em que a linguagem passa a ser vista, após a virada linguística, como meio para a compreensão do indivíduo no mundo, de forma a ser observada como processo de aprendizagem intersubjetivo. Para Gadamer (2002) não há um método único que leve a verdade, porém há o direcionamento de um horizonte que se chegue a ela, que é entendimento dos fundamentos linguísticos. Se distanciando de Heidegger, Gadamer (2002 apud HABERMAS, 2004, p. 86) expõe que a compreensão do sentido não parte semanticamente da abertura linguística ao mundo, mas pragmaticamente da busca por entendimento mútuo entre autor e intérprete. Onde se tinha uma relação sujeito-objeto, agora tem-se uma relação sujeito-sujeito (FERNANDES; PEDRON, 2008). Gadamer esclarece o papel fundamental do diálogo com as seguintes palavras:

Nós nos aproximamos mais da linguagem quando pensamos no diálogo. Para que um diálogo aconteça, tudo precisa se afinar. Quando o companheiro de diálogo não nos acompanha e não vai além de sua resposta, mas só tem em vista, por exemplo, com que meios de contra argumentação ele pode limitar o que foi dito ou mesmo com que argumentos lógicos ele pode estabelecer a refutação, não há diálogo algum – um diálogo frutífero é um diálogo no qual oferecer e acolher, acolher e oferecer conduzem, por fim, a algo que se mostra como um sítio comum com o qual estamos familiarizados e no qual podemos movimentar uns com os outros (GADAMER, 2002, p. 46).

Nessa perspectiva, a compreensão acontece pelo diálogo sobre um tópico onde o objetivo é chegar a um acordo sobre este mesmo tópico. Da mesma forma, a abertura para esse diálogo é a pergunta, em que a própria pergunta aponta na direção daquilo que está sendo perguntado. Desta forma, aquilo que é perguntado passa a uma perspectiva particular.

Para Gadamer (2002), aquele que quer compreender, fazer uma interpretação correta, adota um comportamento reflexivo diante da tradição, tem de se proteger da arbitrariedade de intuições repentinas e da estreiteza dos hábitos de pensar imperceptíveis e voltar seu olhar para as coisas elas mesmas. Diante do texto, ao se perguntar o que o autor intencionava, em vez de o que o texto significa, para o filósofo, seria uma pergunta enviesada, ou seja uma

pergunta onde já se pressupõe algo erroneamente. O que irá impedir que a pergunta seja realmente respondida. Ao ser formulada a pergunta deve estar no horizonte correto, expondo a indeterminação daquilo que está sendo perguntado.

O ato de fazer e responder perguntas concretiza o diálogo. A prévia compreensão de si, que para Gadamer (2002) é um preconceito, as disposições para uma autocrítica estão fundadas na compreensão do ser e dão sentido à compreensão histórica, mas ao invés de entrar num diálogo, para apenas mostrar que o intérprete está certo, para se ter a razão, precisa-se entrar no diálogo aberto, um para o outro e, assim chegar a um aprendizado: “Somente através dos outros é que adquirimos um verdadeiro conhecimento de nós mesmos” (GADAMER, 2002, p. 12).

O que decide uma pergunta é a preponderância de razão para uma possibilidade e contra a outra. Mas isto ainda não é conhecimento total. A coisa em si só é conhecida quando as instâncias contrárias são dissolvidas, apenas quando se percebe que os contra-argumentos são incorretos. O intérprete entra em um diálogo com o texto, fazendo o próprio texto falar, como se fosse outra pessoa em diálogo consigo. Utilizando-se a concepção previa da completude, o leitor desenvolve os argumentos do texto, que podem questionar sua própria posição. A compreensão, ou seja, a fusão de horizontes, ocorre por meio desse diálogo, unindo então as partes e o todo em uma unidade de significado, pela fusão de horizontes que ocorre na realização da linguagem.

No método hermenêutico não há uma verdade absoluta, de acordo com suas palavras:

A experiência do mundo sócio histórico não se eleva ao nível de ciência pelo processo indutivo das ciências naturais. O que quer que signifique ciência aqui, e mesmo que em todo conhecimento histórico esteja incluído o emprego da experiência genérica no respectivo objetivo de pesquisa, o conhecimento histórico não aspira tomar o fenômeno concreto como caso de uma regra geral. O caso individual não se limita a confirmar uma legalidade, a partir da qual, em sentido prático, se poderia fazer previsões. Seu ideal é, antes, compreender o próprio fenômeno na sua concreção singular e histórica. Por mais que a experiência geral possa operar aqui, o objetivo não é confirmar nem ampliar essas experiências gerais, para se chegar ao conhecimento de uma lei – por exemplo, como se desenvolve os homens, os povos, os estados –, mas compreender como este homem, este povo, este estado é o que veio a ser; dito genericamente, como pode acontecer que agora é assim (GADAMER, 2002, p. 38).

O pensamento hermenêutico teve seguimento também com o filósofo do texto Paul Ricoeur que vem acrescentar sua contribuição por meio de uma obra cujo traço marcante é o diálogo constante que propõe com o texto. Independentemente do ramo de saber, em todos os ramos das ciências humanas esse diálogo aberto é repleto de criticidade, como fundamental pela mediação que oferece, estando em subordinação e em prol da própria questão

hermenêutica. Ao descrever sua obra, o próprio autor a descreve e denomina como um diálogo vivo.

Todas as teorias abordadas pelos respectivos filósofos, mostram que o objetivo da hermenêutica visa revelar, descobrir e perceber qual o significado mais profundo daquilo que está sendo manifestado. Com a leitura hermenêutica descobre-se o significado oculto, não manifesto, não só de um texto, mas também da linguagem. Nesse cenário a hermenêutica oferece aos sujeitos condições de chegar a realmente conhecer o ser humano, a realidade em que se vive, a sua história e a própria existência.

Desde a Teoria da Exegese Bíblica, a Hermenêutica passou por vários momentos. Observa-se seu desenvolvimento desde o pensamento moderno e romântico de Schleiermacher, seguido pela historicidade proposta de Dilthey, acrescida da Ontologia Hermenêutica de Heidegger, também fundamentada com a Hermenêutica Filosófica de Gadamer, até o encontro com a Hermenêutica Fenomenológica de Paul Ricoeur. A solidez que a hermenêutica propicia é condizente com a necessidade fundamental do ato interpretativo que se busca trabalhar para ampliar a visão de mundo, conquistando capacidades tão necessárias para a vida social do ser que pela palavra transforma a si, o outro e o mundo.

Na busca da compreensão do ser e do mundo, Gadamer (2002), por meio da experiência hermenêutica, aponta que a natureza da compreensão humana é conduzida pela compreensão da linguagem, para que o sujeito possa escapar do círculo fechado e mecânico das opiniões prévias.

### **1.6 Concepções sobre a hermenêutica de Paul Ricoeur**

Paul Ricoeur (1913-2005) teve uma formação calvinista por meio da qual configurou sua personalidade e seu pensamento de tal maneira que além de celebrado e renomado filósofo, tornou-se uma referência mundial no que diz respeito ao conhecimento da Bíblia e da teologia cristã. Licenciado em filosofia e doutor em Letras, Ricoeur tornou-se professor, marcando presença nos meios intelectuais franceses como herdeiro da fenomenologia de Husserl e do existencialismo cristão. Em 1936, criou a revista *Etre*, inspirada nos preceitos do teólogo cristão-protestante e líder da teologia dialética, Karl Barth. Passando pela condição de prisioneiro durante a Segunda Guerra Mundial, Ricoeur refletiu muito sobre a questão da violência das guerras até mesmo no pós-guerra. Em sua trajetória acadêmica passou pela universidade da Sorbone, Louvânia (Bélgica) e Yale (EUA). Elaborou uma

importante obra de filosofia política, conquistando destaque pela forte oposição que fez às guerras da Argélia nos anos 1950 e também da Bósnia nos anos 1990.

Na busca do entendimento do homem, Ricoeur (2006), revela um ser que se constitui a partir do outro. Levando suas concepções constantemente em debates, que abordavam temas sobre linguística, psicanálise, estruturalismo e hermenêutica, demonstrou em suas pesquisas, interesse particular pelos textos sagrados do cristianismo.

Pensador comprometido, militante, profundamente cristão, estabeleceu uma ligação entre fenomenologia e a análise contemporânea da linguagem, através da teoria da metáfora, do mito e do modelo científico. Seus estudos e escritos revelam sobre o modo como a realidade de uma pessoa passa a ser configurada por sua percepção dos eventos no mundo por quais ela passa. Em uma de suas importantes obras, nomeada, *O Voluntário e o Involuntário*, Paul Ricoeur dirige a atenção para a relação recíproca entre voluntário e involuntário, assim como esta relação se configura numa tríplice dimensão do decidir, do agir e do consentir. Esclarecendo através de seu pensamento que as necessidades, emoções e hábitos de uma pessoa, premeem sobre o querer por meio do esforço, escolha e consentimento. Para o filósofo, o homem concreto é vontade falível e, assim sendo, é capaz do mal, delineando em sua antropologia um ser frágil que enfrenta a beira do abismo entre o bem e o mal.

Segundo Ricoeur para que se possa chegar a entender o mal e a culpa, é preciso alcançar primeiramente a compreensão dos mitos e símbolos. Entre os quais estão a mancha, o pecado, a culpabilidade entre outros. Em seu pensamento religioso, Adão (de quem a humanidade descende) é o mito central. Para Ricoeur (2006), esse mito mostra a universalidade do mal ao representar toda a humanidade.

Assim o filósofo caminha da problemática da simbólica do mal, até chegar à linguagem. Iniciando o projeto sobre linguagem com seus escritos sobre Freud, intitulado: *Da interpretação: ensaio sobre Freud* (1965). Desde então se dedica e se lança ao estudo das diversas dimensões da linguagem, sejam elas lógicas, epistemológicas, antropológicas, culturais, ontológicas ou teológicas. É relevante destacar que muitos dos seus livros são coletâneas de artigos publicados em locais e momentos diferentes, nos quais são observados seus interesses pela investigação e pela colocação de perguntas, comportando idas e vindas. Ricoeur (1989) afirma que mais radicalmente do que um homem que dá respostas é o sujeito enquanto filósofo, o homem que pergunta.

Sua vasta pesquisa, leva-o a esclarecer em seu legado que a psicanálise interpreta, modifica e delinea a própria ideia de consciência. De acordo com ele, os três mestres da suspeita, *Freud, Marx e Nietzsche* mostraram em sua visão que toda reflexão ou interpretação

revela e também dissimula, ao advogarem uma interpretação capaz de fazer a correção de uma consciência falsa. Uma vez que na interpretação a consciência precisa ser reapropriada, a reflexão para Ricoeur (2006) acontece na reapropriação do sentido que a coisa convoca para ir além de uma leitura ingênua ou supostamente neutra da realidade.

Ultrapassar os limites da consciência ingênua, o que é sugerido por Ricoeur, por meio de um trabalho voltado para a leitura hermenêutica é extremamente relevante quando se trata de educação. O trabalho de emancipação dos indivíduos por vezes, na busca de uma educação mais humanizadora, encontra seu maior problema na consciência ingênua e alienada de suas próprias falhas, cooperando, inconscientemente, para reforçar a visão do senso comum, com conhecimento distorcido, fragmentado e mesmo equivocado da realidade. Tudo começa na escola. Lugar onde se precisa formar pessoas com capacidade de discernimento, conhecedoras de diferentes saberes e colaboradoras para a emancipação do pensamento.

A leitura, é uma forma das pessoas na sociedade participarem da cultura de povos por meio da escrita de um texto, cabível de interpretação, para levar à compreensão, que resultara automaticamente em como o ser se insere tanto no mundo da palavra como no da ação. Fazendo uso da fala ou da escrita é possível a preservação de memórias, o resgate de acontecimentos vividos quando se evoca o passado, os anseios, as ideologias e utopias. O mundo está aí para ser compreendido, para tanto é fundamental se construir uma consciência reflexiva (ORLANDI, 2006).

Paul Ricoeur, então, leva a reflexão que no ato comunicativo todo discurso acontece como um evento em que a dialética é suportada pela linguística da frase. E enquanto evento todo discurso é compreendido como algo com significação. O ponto básico de sua teoria, é o distanciamento entre o vivido e o contado, que se refere ao compreendido e o reelaborado no mundo do texto. O discurso se dá como evento: algo acontece quando alguém fala (MORAES, 2005).

A língua é considerada como condição de possibilidade para a efetivação do discurso, e o evento como condição de possibilidade para que algo se mostre como interpretável. Este é o distanciamento fundamental e ponto básico da teoria de Ricoeur, o distanciamento do dizer no dito. Para elucidar melhor a questão do dito, torna-se preciso buscar os recursos de uma linguística do discurso, bem como também as teorias dos atos de fala.

As palavras são todas elas polissêmicas quando isoladas dos contextos linguísticos e metalinguísticos do seu evento. É através da mediação do ser interpretante, que participa de um evento de fala, que se constrói e se percebe a univocidade de um sentido através da polissemia das palavras. Enquanto filósofo do sentido pela concretude do texto, Ricoeur

elaborou uma teoria da Interpretação, por sua vez fundamentada em uma espécie de ontologia da escritura. A partir dos textos de Ricoeur se abre uma hermenêutica que se define como "teoria das operações da compreensão em sua relação com a interpretação de textos". Fundamental, visto que toda linguagem pressupõe a interpretação.

Quando o discurso se torna escrito, surge a necessidade de se lhe antepor uma teoria das operações das possibilidades de compreensão. É nesse sentido que a Hermenêutica se efetivará como uma teoria do texto. Se a base é o texto, o ponto de chegada continua sendo a intencionalidade que subjaz ao texto. Neste contexto, a interpretação visa propriamente o que diz o texto, mas também quem é o locutor da mensagem textual.

Para Paul Ricoeur (1989), foi Friedrich Schleimacher quem iniciou o movimento de regionalização da hermenêutica como pressuposto da hermenêutica moderna. A dupla filiação, crítica e romântica da ideia de uma fusão psicológica entre o autor e o intérprete, é que leva o último, a compreender o autor melhor que ele mesmo, surge demarcando toda sua hermenêutica futura.

O conhecimento compreensivo do homem que age na história, revela sempre o mesmo. As singularidades psicológicas que atuam no mundo da vida e que, em seus encadeamentos, constroem um sentido histórico. No entanto, na medida em que a vida psíquica, de outrem é subjetivamente fugidia, deve-se procurá-la nos lugares onde ela possa ter se objetivado na fixidez das estruturas simbólicas. Donde o texto é o exemplo pragmático. Para Ricoeur a hermenêutica constitui a camada objetivada da compreensão graças as estruturas essenciais do texto. Do próprio modo de ser do texto surgirão as bases para Paul Ricoeur (1989) colocar as condições de possibilidades da efetivação de seu intento:

O texto é, para mim, muito mais que um caso particular de comunicação inter-humana: é o paradigma do distanciamento na comunicação. Por esta razão revela um caráter fundamental da própria historicidade da experiência humana, a saber, que ela é uma comunicação na e pela distância.

Com esta afirmação fica claro que ao texto que cabe elucidar, por meio de uma teoria interpretativa partindo da explicação dos critérios da textualidade. A linguagem é proposta como discurso, o discurso como obra, a relação entre a fala e a escrita, o mundo do texto e compreender-se diante da obra como sendo modos de acesso à questão da interpretação.

Considerada a hermenêutica, uma arte de compreender aquilo que é expressado na linguagem oral ou escrita, toda expressão tem uma relação dupla com a totalidade dessa linguagem, ou seja, todo o pensamento do autor. Nessa perspectiva, a hermenêutica abrange duas partes que são interligadas nessa ciência: os aspectos gramaticais e os psicológicos. A

prática hermenêutica estrita pressupõe que mal-entendidos ocorrem e para evitá-los, a interpretação sempre é necessária. O próprio significado de hermenêutica justifica a sua importância frente a uma educação emancipadora.

Em o conflito das interpretações – ensaios de hermenêutica, Paul Ricoeur chama a atenção para um dos sentidos tradicionais do termo fornecido pelos escritos de Aristóteles:

Com efeito, é extraordinário que, em Aristóteles, a hermeneia não se limita à alegoria, mas diz respeito a todo discurso significante. Ademais, é o discurso significante que é hermeneia, que “interpreta” a realidade, na medida mesma em que diz “algo de alguma coisa”; há hermeneia, porque a enunciação é uma apreensão do real mediante expressões significantes, e não uma obtenção de pretensas impressões proveniente das coisas mesmas." (RICOEUR, 2006, p. 8).

Em seu pensamento, interpretar significa ir de um sentido manifesto a um sentido latente, no qual a interpretação se move inteiramente em relações de sentido e só compreende as relações de força, como relação de sentido (censura, condensação, deslocamento).

No processo interpretativo, o resultado significativo depende de se fazer empréstimos aos modos de compreensão disponíveis numa determinada época, nos quais são articulados acontecimentos, personagens, instituições, realidades naturais ou históricas, como, alegoria, mito, metáfora, analogia, em sintonia com a comunicação dos problemas técnicos da hermenêutica com os problemas gerais da linguagem e da significação. O hermeneuta considera esses elementos, sendo um conjunto significante que transfere sentido ao texto, transformando o problema hermenêutico em um domínio da analítica do ser cognoscente, que busca a compreensão de um texto ou da própria história (GHEDIN, 2003).

Fundamentado nas concepções de Paul Ricoeur, de acordo com Moraes (2005), para o hermeneuta a leitura acontece como uma dissolução dos fatos, mas não como uma verdade absoluta. Mas há quem diga que este pensamento não significa que não existe uma verdade absoluta. Ao raciocinar que quando alguém se propõe conhecer um autor melhor do que ele mesmo, o leitor precisa ter um conhecimento profundo, um estudo capaz de sanar dúvidas, sendo a partir de então inviável se chegar a duas verdades diante de um mesmo fato, o que seria ilógico.

Aquele que caminha por esta vereda se distancia da afirmação de Paul Ricoeur, apontando que verdades absolutas existem. Entretanto, como somos dotados de livre-arbítrio, cabe a cada um aceitá-la para si ou não, devido a suas escolhas pessoais. Um discurso depois de ser estudado, analisado, tendo seu significado interpretado e compreendido, resulta em sua explicação a qual pode ter significados adicionais, pelo deslocamento dos sentidos, inerente a



cada leitor, conforme o posicionamento que o sujeito tem diante do fato, por meio de interesses, culturas, e escolhas diferentes (ORLANDI, 2006).

Talvez esteja aqui a diferença segundo Ricoeur (2006) entre o filósofo e o evangelizador. O filósofo faz perguntas enquanto o evangelizador prega a palavra. Mas para se pregar a palavra, para se afirmar algo, antes tem que ter havido o questionamento, a pergunta, que levou a uma verdade. Independentemente de filosofia, ou de crença a pesquisa, o estudo diligente, leva a uma verdade.

Na teoria hermenêutica de Ricoeur há destaque para três fases: Enunciação (dizer), explicação e tradução, no sentido do conteúdo, da esfera do conhecimento. O dizer está relacionado com a constatação de que uma mensagem emitida exige que o receptor receba o conteúdo da melhor forma possível. Na idade média, os sacerdotes católicos anunciavam a palavra de Deus, mas não deixavam espaço para indagação, o que era dito era a verdade absoluta. Os preceptores eram passivos, a eles não cabia algum tipo de hermenêutica, ou seja, de interpretação.

A Hermenêutica tem o sentido de tornar a mensagem mais clara ao ser concebida como uma maneira de explicar. A própria igreja católica, por volta do ano de 1600, tem registros através da exegese de comentar passagens bíblicas entre os seus sacerdotes em busca de um entendimento, de um leitor mais objetivo, mais claro acerca das Escrituras. Compreender uma mensagem denota um esforço atroz por parte do intérprete, uma vez que a compreensão de uma obra nunca se dá pelo modo evidente. Para tanto fazer o estudo da análise sintática e análise morfológica, são outro aspecto essencial. O propósito é ir para o texto, e utilizar suas regras fazendo para fazer a interpretação da mensagem transmitida pelo texto. No estudo da hermenêutica conquista-se o que é importante para se construir uma interpretação e realizar uma crítica textual.

Caminhos para a dissolução de fatos, de ideias, de intenções transcritas nos mais diversos gêneros textuais é o que a hermenêutica oferece, assim enfatiza Ricoeur (2006):

Mais precisamente, se um texto pode ter vários sentidos, por exemplo, um sentido histórico e um sentido espiritual, deve-se recorrer a uma noção de significação muito mais complexa que a dos signos ditos unívocos, exigida por uma lógica da argumentação. Enfim, o próprio trabalho da interpretação revela um desígnio profundo: o de superar uma distância, um afastamento cultural, o de equiparar o leitor a um texto que se tornou estranho e, assim, incorporar seu sentido à compreensão presente que um homem pode obter dele mesmo.

De fato, o filósofo do sentido Paul Ricoeur, fundamentado na concretude do texto, elaborou uma teoria da interpretação apoiada em uma espécie de ontologia da escritura. Com seu pensamento se abre uma hermenêutica, definida como teoria das operações da

compreensão em sua relação com a interpretação de textos. A compreensão deixa de ser considerada como uma modalidade do conhecimento, passando a ser reconhecida como o modo essencial do ser no mundo.

### **1.7 Considerações sistemáticas das ideias dos principais proponentes filosóficos da hermenêutica**

A hermenêutica sugere um novo olhar com alcance não só do discurso textual, mas de um todo no que se refere ao processo comunicativo estabelecido entre locutor / interlocutor e com o mundo.

Com a aquisição da capacidade da linguagem acontece a possibilidade de fazermos uso da leitura, da escrita, da fala, e entender os sentidos que são produzidos entre os interlocutores, por meio das relações humanas, cercados por informações que chegam em redes. Essas informações ao serem interpretadas resultam em explicação e posicionamentos diante da realidade (SILVEIRA, 2005). Para o contemporâneo Lawrence k. Schmidt, professor de filosofia no Hendrix College, Conway, Arkansas, UK, as interpretações se tornaram frequentemente mais necessárias com o desenvolvimento da linguagem desde que o homem primitivo começou a fazer uso desta para sua interação com indivíduos e com o meio. Compreensão é algo necessário a todos, para se compreender é preciso interpretar. Nas palavras de Schmidt (2012, p. 49):

Em nossa discussão de hermenêutica, encontramos “o círculo hermenêutico”, uma expressão que significa que as partes só podem ser compreendidas a partir da compreensão do todo, mas que o todo só pode ser compreendido a partir da compreensão das partes.

Entre o todo e as partes é notório que, o ser humano faz um esforço constante em busca da compreensão. Diante do caos, da desordem, a humanidade procura estabelecer semelhanças, diferenças, contiguidades, sucessão no tempo, causalidades. Com o objetivo de estabelecer a ordem, para poder situar-se no mundo e ser capaz de agir sobre ele. O problema está no fato de que um receptor quando simplesmente sucumbe ideias e opiniões prontas, corre o risco de não ter controle para estabelecer o que para ele seria a ordem, sua autonomia, e independência diante do caos do cotidiano, da vida em sociedade.

Pedimos somente um pouco de ordem para nos proteger do caos. Nada é mais doloroso, mais angustiante do que um pensamento que escapa a si mesmos, ideias que fogem, que desaparecem apenas esboçadas, já corroídas pelo esquecimento ou precipitadas em outras, que também não dominamos. (...)

Perdemos sem cessar nossas ideias. É por isso que queremos tanto agarrar-nos a opiniões prontas (DELEUZE; GUATTARI, 1992. p. 259).

Atentemo-nos para a perda das próprias ideias como um fato a se superar com o intuito de se manter a unidade do pensamento e trilhar solidamente o caminho da interpretação, o que suscita a seguinte indagação: quais os passos necessários, quais procedimentos usar para, para alcançar o desvelar de fatos, exercer a compreensão, construir a explicação?

Pensando-se na linguagem expressa por meio dos textos escritos há uma complexidade maior. É quando o discurso se torna escrito que surge a necessidade de se lhe antepor uma teoria das operações das possibilidades de compreensão. A polissemia das palavras, regras ortográficas, gramáticas, contexto histórico, o próprio autor e também o intérprete estão em uma cadeia interligados. Esses são apenas princípios essenciais a serem questionados para que a comunicação tenha um resultado eficaz, na univocidade de um sentido (ORLANDI, 2006). Há um estudo que tem por objetivo o alcance da compreensão interpretativa, conhecido como leitura hermenêutica, o qual possui uma relação privilegiada com as questões linguísticas. Questões estas correspondentes ao mais elementar trabalho da interpretação e para esse fim no encontro textual a hermenêutica se efetiva como uma teoria do texto.

Nos aspectos filosóficos é o ramo que estuda a teoria da interpretação, que pode referir-se tanto à arte da interpretação, ou a teoria e treino de interpretação. Uma ferramenta poderosa na arte de se encontrar e encontrar o outro diante das manifestações da vida, e mais especificamente da manifestação textual (SCHMIDT, 2012).

A hermenêutica é relevante para direcionar no caminho do conhecimento com base na integração do convívio social por indivíduos pensantes e capacitados. Todo Leitor está engajado num processo de interpretação independentemente do gênero textual que se lê. Sendo uma ciência que busca e visa o estudo interpretativo, a hermenêutica procura responder se existe um sentido, como alcançá-lo, qual a relevância do sentido de um texto para o contexto atual (FONTANA, 2010).

A hermenêutica, foi inicialmente concebida como uma ciência da exegese. Ambas, hermenêutica e exegese são primeiramente práticas da teologia referente a interpretação da Bíblia. Entende-se por Exegese a denominação do estudo pela interpretação gramatical e sistemática das Escrituras Sagradas. Para sua prática a pessoa precisa estar capacitada e familiarizada com os textos originais nos idiomas grego e no hebraico. Nesse sentido, o termo exegese, etimologicamente, se originou a partir do grego *exégésis*, que significa interpretação, tradução ou levar para fora (expor) os fatos. Com vistas em seu significado

etimológico, seu campo de atuação abrange mais que as Escrituras Sagradas, sendo também utilizada para a interpretação e explicação crítica de obras artísticas, jurídicas e literárias. O exegeta, debruça sobre o texto, em busca de sua verdadeira essência, seu real significado. Um estudioso qualificado, proficiente em várias disciplinas que lhe dão a capacidade de fazer análises, crítica, histórica, cultural, gramatical, sintática e tantas outras necessárias na investigação de um texto (RICOEUR, 1977 apud MORAES, 2005).

Considerando a Bíblia em sua tradição hebraica, um livro de doutrina religiosa, condicionado à crença de quem a interpreta como sendo a Revelação Divina, atualmente um dos livros mais lidos pela humanidade, composta por 66 livros e cartas, divididos em capítulos e versículos, está já traduzida em diferentes idiomas, com diversas interpretações. Importante ressaltar que na escrita bíblica aprecia-se diferentes estilos para transmitir os propósitos Divinos, e apesar deste fato, seus escritos são harmoniosos, embora alguns digam que ela se contradiz em algumas partes.

Ainda segundo Ricoeur (2006), fragmentos, manuscritos e traduções antigas foram comparados e estudados minuciosamente por eruditos bíblicos, com o objetivo de trazer para uma linguagem moderna, que se enquadra em outra compreensão linguística, para então se traduzir em mais idiomas, sua mensagem de maneira a ser possível a compreensão, ultrapassando o distanciamento do contexto histórico e cultural do texto. Sendo o texto bíblico, a palavra de Deus, registrado por homens e entendendo que o homem é um ser histórico - com particularidades no falar, no agir e no transmitir - torna-se necessário a investigação da origem histórica nos escritos elaborados por aqueles que compilaram a Bíblia.

De acordo com Schmidt (2012), na teoria hermenêutica de Dilthey, a criança dentro de uma culturação, no sentido de uma acepção psicológica, aprende, pela sua vivência, várias conexões específicas entre o significado interno e as manifestações externas, o que lhe permite a compreensão dos estados psíquicos das pessoas com as quais convive, propiciando uma interação expressiva de seus próprios sentimentos, desejos e manifestações. O autor ainda afirma que para cada classe de manifestações há uma forma elementar de compreensão. A compreensão começa primeiro nas situações práticas ou pragmáticas das interações comuns. A interação prática pressupõe que através de expressões empíricas exteriores o ser humano pode conhecer aspectos da vida interna de outras pessoas, o que o outro expressou.

Essa conexão entre o significado interno e a expressão externa se inicia na infância, em que:

A criança só aprende a compreender os gestos e expressões faciais, os movimentos e as exclamações, as palavras e as sentenças, porque ela constantemente as encontra com as mesmas, e na mesma relação com aquilo que elas significam e expressam. Esta é a base da aculturação, onde “a criança cresce dentro da ordem e do etos da família que ela compartilha com os outros membros. Esta conexão entre expressão e significado interno é a base essencial de toda compreensão. (SCHMIDT, 2012, p. 65).

Por sua vez, Wilhelm Dilthey esclarece que as formas mais elementares de compreensão são a base para as formas mais complexas de compreensão, permitindo ao ser humano modificar imaginariamente experiências vividas, re-experimentando o significado de outra pessoa.

## 2. O IDEÁRIO HERMENÊUTICO: POSSIBILIDADES PARA COMPREENDER A PESQUISA EM EDUCAÇÃO

Cientes do significado, da preponderância e relevância de uma leitura hermenêutica como base para a educação em suas diversas modalidades e níveis de conhecimento, torna-se importante aprofundar as concepções da hermenêutica em relação ao ser que compreende e ao mesmo tempo tendo a compreensão como parte integrante para alcançar a realidade textual, ou seja, o que revela o texto, compreender ou outro. Essa questão hermenêutica aplicada à pesquisa em educação, não apenas na área da linguagem, mas em todas as outras ciências e conhecimentos, compreende-se uma prática educadora ou profissional, pelo exercício da interpretação da qual se abstrai o sentido oculto e manifesto, em diferentes áreas de atuação humana.

Considerando-se que o ato de compreender é uma questão explicitada pelos filósofos por meio da pesquisa, estudos, encontros profissionais, palestras, entre outros, os aspectos conceituais em relação ao intérprete (leitor/ouvinte) contêm várias dimensões seja do ser humano, do contexto, do valor histórico, das relações com as múltiplas culturas que lhe são contemporâneas no momento de uma leitura. Como consequência, o sujeito construirá os significados frente a realidade, identificará o histórico no atual, mediante as mais diversas visões de mundo, tendo condições de se projetar frente ao discurso textual (ORLANDI, 2006).

Ao se pensar no ato de compreender, observa-se que o conhecimento de um conteúdo temático, de uma palavra, de uma situação, de um enunciado, de situação de comunicação é decorrente de uma estrutura, de um contexto que cria possibilidades de sentidos.

Somente sobre uma base de experiências concretas é possível ao leitor abstrair as ideias do texto, mesmo que por uma compreensão espontânea e imediata:

Quando vejo este relógio, esta lâmpada, esta máquina de escrever, compreendo espontaneamente o que é e para que serve. Mas só o posso compreender sobre o fundo de um amplo campo prévio de experiências e intuições práticas, que, por assim dizer, se entrelaçaram e se amalgamaram em uma totalidade de sentido, da qual se deduz o sentido da coisa particular. Isso vale, sobretudo, no domínio das obras humanas e valores históricos, cujo sentido se abre num contexto de sentido, tanto mais se manifestando á nossa compreensão quanto mais rico e pleno for nosso conhecimento do fundo e do contexto em que se acha o particular e a partir do qual deve ser compreendido (CORETH, 1973, p. 71).

Em sintonia com a dimensão essencial das experiências, o mesmo é aplicável a compreensão textual, este fato aponta para o erro de se construir a totalidade viva de possibilidades de sentidos mediante significados léxicos individuais e prefixados.

É possível que o interlocutor possa compreender as palavras proferidas pelo locutor, no ato de comunicação, somente por meio da linguagem que articulada ao contexto confere sentido às palavras, lembrando que o leitor, por sua vez pode interpretar com diferentes sentidos, dependendo da experiência de vida de cada pessoa.

Segundo Possenti (2009), o diálogo mostra que a compreensão se dá primeiramente no início mesmo da interação, enquanto que ao dialogarem os interlocutores se compreendem mutuamente por meio da palavra, que expressa em significações, que são deslocadas pelo intérprete no momento em que desvenda o segredo do texto. Nesse processo, pela visão hermenêutica de compreensão, se o leitor/ouvinte estiver familiarizado com a personalidade do autor, com o modo de pensar e de falar do outro: percebem que compreendem núcleo temáticos, podendo, porém, sentir diferentes experiências ao ler um texto.

Ao se tratar da compreensão textual, o processo de recepção do texto é similar a uma descoberta inédita, prenhe de sentidos, que o ser humano tem a liberdade de construir em torno de um contexto vivo, e originário de uma determinada situação, assim como também provindo de um determinado fundo de experiência e compreensão.

Hermeneuticamente, segundo Coreth (1973), a compreensão envolve atitudes teóricas e práticas, já que não apenas compreendemos, mas também entendemos algo, que se abre a partir de determinado objeto, pelos efeitos de sentido e de finalidade. A compreensão acontece vislumbrando muitos sentidos em diversos graus de significatividade interpretativa.

Orientados por Schleimacher sobre o fato de que a interpretação é necessária à compreensão correta, movidos com a afirmação de Dilthey sobre haver diferença entre a compreensão da humanidade e a explicação obtida nas ciências naturais, lançando mão das contribuições de Heidegger cujo foco da interpretação é voltado para interpretação do ser (dasein), além de examinar com Gadamer as estruturas da experiência hermenêutica; expostos por Husserl a supremacia da fenomenologia para uma explicação reflexiva; e posicionados com Paul Ricoeur sobre o discurso e a linguagem; fundamenta-se a visão hermenêutica aplica à pesquisa em educação com vieses que ora se aproximam, ou se distanciam, mas que se complementam na visão da metodologia seguida na presente pesquisa.

A problemática da interpretação, poderá ser respondida com a conceituação da leitura hermenêutica, destacando procedimentos necessários à sua construção. Para tanto os diferentes teóricos se dialogam em um dado contexto histórico e cultural, com influência

mútua ou de outros autores, a fim de buscar respostas ao processo de compreensão do ser humano, já que este é acima de tudo e essencialmente um ser de linguagem.

Em sua obra *Transformação da Filosofia*, Apel (2000) postula que o ser passa por diferentes fases de aprendizado, sendo contínuo e permanente, agregando à sua cultura linguística, novas formas de abordagem do mesmo assunto, mas que traz o desconhecido para o sujeito que lê, até que compreenda o vivido do outro, mas ao mesmo tempo cria uma vivência própria. Reconhece um conjunto de significações, que dão sentido na comunicação nas realidades por onde perpassa.

Na educação, por se tratar de um processo que envolve todos e todas as áreas do conhecimento, a leitura hermenêutica consolida a importância da leitura na escola, prepara o professor da área da linguagem a motivar o discente a utilizar seu universo de expectativas e se lançar na compreensão de um texto, com prazer, consciência e inteireza, conectado com o momento presente, mas podendo se remeter a tempos futuros ou passados, dependendo das realidades temporais tecidas no próprio texto.

No que se refere à hermenêutica como um vasto campo, do qual a interpretação abstrai o significado de uma forma contextualizada, propiciando a compreensão, para Coreth (1973, p. 2):

Apresenta, pois, uma multiplicidade de acepções, as quais, entretanto, coincidem em significar que alguma coisa é “tornada compreensível” ou “levada à compreensão”. Isso acontece em qualquer enunciado linguístico, que pretenda despertar uma compreensão, tornando algo inteligível. É o que sucede, principalmente, na interpretação ou esclarecimento de um enunciado talvez obscuro, de difícil compreensão, como, por exemplo, um texto histórico ou literário, cujo sentido não aparece imediatamente, mas deve antes ser tornado compreensível. E, por último, tal coisa ocorre na tradução de um texto, visto que toda tradução consiste na transposição de um complexo significativo para outro horizonte de compreensão linguística.

Torna-se relevante propor a construção de uma metodologia de interpretação fundamentada no ideário hermenêutico abordado nesta pesquisa e como questão fundamental na atualidade para a compreensão do discurso Educação, fundamentando pressupostos teóricos de natureza filosófica que justificam a linha de análise a compreensão, com uma abordagem, inclusive nas estruturas da própria compreensão, de suas abrangências e limitações.

## **2.1 Compreensão hermenêutica de Schleiermacher**

Schleiermacher, visto por muitos estudiosos como sendo quem modernizou a prática hermenêutica, fez desta, uma prática universal, definindo-a como arte da interpretação. Para



tanto, faz referência a arte como sendo uma habilidade de saber fazer algo. A hermenêutica conceituada por Schleiermacher (2000) se referenciou a uma arte que não visa o saber teórico, mas sim na práxis, ou seja, a técnica de uma boa interpretação de um texto falado ou escrito.

Sua proposta é buscar a compreensão de cada pensamento ou expressão transcritos no discurso, e para tanto, em seu intento hermenêutico, conceitua formas distintas de compreensão, referindo-se a uma compreensão “divinatória” e uma compreensão “comparativa”.

Ele esclarece a compreensão divinatória como uma adivinhação espontânea, uma aproximação em vivências. Quando o intérprete passa a desenvolver uma compreensão baseada no método divinatório, ele procura apreender imediatamente o individual, como que se transformando no outro, uma compreensão mais intuitiva de adivinhação e empatia (VATTIMO, 1996).

Já o método comparativo envolve conhecimentos objetivos, saberes históricos, que serão investigados e comparados. Em uma pesquisa de Educação por exemplo em que há uma busca pormenorizada sobre o que deve ser compreendido para análise da comunicação conseguida com a interação de entrevistados.

Esses métodos (divinatório/comparativo) não se separam, eles são elementos da compreensão que se colaboram e formam uma unidade:

Enquanto a compreensão divinatória significa uma adivinhação imediata ou apreensão imediata do sentido, a compreensão comparativa consiste numa elaboração da compreensão por meio de múltiplos dados particulares. Que os dois métodos precisem atuar em conjunto, mostra-se já por uma espécie de círculo hermenêutico, no qual o momento divinatório significa a projeção espontânea de uma pré-compreensão, graças à qual se guia a elaboração comparativa. Realmente ambos os momentos formam de tal modo uma unidade que Schleiermacher pode definir a hermenêutica como a “reconstrução histórica e divinatória, objetiva e subjetiva, de um dado discurso”. Ao mesmo tempo Schleiermacher acentua que para tanto é necessário um “aprofundar-se” no autor, uma “vivência” em sua situação e intenção, em seu mundo de ideias e representações (CORETH, 1973, p. 19)

Em uma estrutura circular são dois momentos que se completam em um acontecimento, onde ocorre uma relação recíproca entre intelecto e razão. Na leitura hermenêutica o intérprete/leitor, vai se identificar objetiva e subjetivamente com o autor. Objetivamente pelo conhecimento da linguagem e subjetivamente pelo conhecimento da vida interior e exterior desse autor.

Nessa visão, os procedimentos metodológicos em pesquisa educacional são resultantes da confluência de vários fatores nem sempre restrita a regras, objetivando compreender as várias formas de discursos da linguagem.

O pensamento é dependente de palavras, o pensar é completado pelas palavras. Schmidt (2012) citando Schleiermacher, explica que o filósofo faz uma contratação da hermenêutica enquanto arte da compreensão, com a arte do discurso. No ato do discurso o pensamento se move do interior para o exterior linguístico, oposto do que acontece na hermenêutica, sendo que está se movimenta da expressão externa de volta para o interior, o pensamento.

Fazendo uso do termo círculo hermenêutico, Schleiermacher (2000) define que há uma relação complexa e intrínseca entre o todo e as partes no processo hermenêutico, aplicado a todo ato da fala e escrita, e nesse círculo se move toda compreensão. Esse círculo aparente se refere a relação recíproca do singular e do todo, na qual tem que se compreender o particular pelo todo e o todo por seus elementos particulares. O mesmo círculo pode ser quebrado em sua interdependência quando o interprete faz uma leitura superficial.

Ao se colocar de frente a um texto, o hermeneuta seguindo os princípios de Schleiermacher (2000), precisa primeiramente fazer uma leitura inicial, despida de preconceitos, e sem pressa. Sendo enfático ao afirmar que mal-entendidos ocorrem decorrentes da pressa e ou de preconceitos, ao se levar para esta leitura preferências e perspectivas do próprio leitor. Na interpretação hermenêutica busca-se alcançar a verdade do emissor e, para isso, a primeira leitura propicia uma noção da realidade central. Logo então com leituras subsequentes há que se caminhar pelas partes, observando as ideias específicas e relacionando seu entendimento com o todo, até ser possível reconstruir o texto inteiro em sua gênese, estrutura e significado.

Muito semelhante ocorre quando se interpreta um corpus produzido durante uma pesquisa educacional, em que a visão geral será seguida por uma interpretação contextual e social da pesquisa efetuada por um educador.

Para Schleiermacher (2000), a linguagem é carregada de significado. E o pensamento do indivíduo juntamente com a totalidade da linguagem utilizada por este, tem uma relação dupla em qualquer enunciado.

Conforme Schmidt (2012, p. 33), é necessário verificar a linguagem que o emissor faz uso:

Para determinarmos o que o autor quer dizer através de um enunciado precisamos lê-lo a partir da posição desse uso compartilhado da linguagem. Interpretar um enunciado a partir da compreensão contemporânea da linguagem, quando esse enunciado vem de um uso anterior da linguagem, leva a mal-entendidos. Quando Demócrito fala de átomos, seria um mal-entendido se pensássemos em elétrons, prótons e nêutrons. Schleiermacher afirma que o lugar do autor na história, sua educação, ocupação e mesmo seu dialeto podem ter um papel na determinação de sua

linguagem. Como o autor também pretende comunicar, a língua que ele emprega precisa ser também a língua da plateia intencionada. Isto não quer dizer que um autor não pode criar algo novo na linguagem. Devido aos significados compartilhados, uma metáfora nova, por exemplo, pode ser compreendida pelo leitor a partir de seu contexto.

Além dos aspectos gramaticais, concordância e dialetos da época, o estudo minucioso do significado das palavras é preciso. Uma maneira prática para esse exercício seria o uso do dicionário, o filósofo faz a indicação, quanto ao seu devido uso, enquanto ferramenta para fornecer tempos verbais, verbetes e a sintaxe da língua naquele determinado período, em que o texto foi escrito.

A infinitude da linguagem é mostrada pelo fato de os seres humanos, representando objetos com palavras, atribuírem mais de um significado a estas, e o significado que o autor atribui a uma determinada palavra só pode ser revelado mediante a análise do contexto em que esta aparece. Dentro de sua vivência, um emissor, ao se expressar, manifesta, no discurso, pensamentos, relacionados com um momento particular, cultura, nacionalidade e uma época (DUTRA, 2002).

Ao utilizar os princípios hermenêuticos na pesquisa em educação, inicialmente compreende-se a teoria e a experiência de estudiosos, que estão compilados em forma de textos. Assim, após a compreensão da base teórica, o pesquisador há que compreender os aspectos da literatura consultada que em diálogo com os integrantes da pesquisa que estão por trás da fala, da expressão do discurso, interpretando enunciados como expressividade da linguagem.

O filósofo propõe uma leitura que vise a parte gramatical do texto quanto os aspectos linguísticos das expressões, envolvendo as regras gramaticais que regem o idioma, bem como o significado das palavras, e os elementos de uma sentença organizados de forma significativa e inteligível. Nessa interpretação gramatical Schleiermacher (2000) elabora a princípio que a determinação do significado de um elemento linguístico precisa ser feita a partir da língua compartilhada entre o autor e sua plateia.

A interpretação psicológica, vem como complemento da interpretação anterior, porém acontecem simultaneamente durante a interpretação. Com objetivo de compreender toda a estrutura de pensamentos contidas na obra, definida como um momento particular de uma pessoa na vida, trata-se precisamente do ato criativo, do autor, nos transferindo para a situação e intenção do outro.

A esse respeito Coreth (1973, p. 114) expõe que:

Uma primeira e, por assim dizer, clássica explicação nos é dada já por Schleiermacher, ao exigir que, para a compreensão do outro, a gente se transforme nele o mais perfeitamente possível e se “equipare” a ele, apropriando-se da situação histórica, das circunstâncias concretas da vida e intenções, das formas de pensamento, dos modos de representação e expressão, a fim de entendê-los pela reprodução deles.

Ao se conhecer o emissor e o seu pensar, quais os caminhos que este percorria, suas ideias, aspectos de sua vivência, de sua formação e o porquê da visão que ele retrata no texto, chega-se ao alcançar do intérprete o que está inconsciente no processo criativo do autor. Da mesma maneira, pode se dizer que o intérprete chega a conhecê-lo melhor do que o próprio autor se conhecia. Assim ao realizar uma leitura hermenêutica, fundamentada pela teoria de Schleiermacher, o intérprete precisa conhecer a linguagem, bem como pessoas individuais.

Posteriores ao ato da leitura geral, a interpretação gramatical e psicológica das partes de um texto se concluem devendo obter pelo intérprete uma concordância entre ambas. Por conseguinte, poderá ser dada a continuidade ao processo hermenêutico.

Se ocorrer uma desarmonia, entre a interpretação gramatical e a interpretação psicológica será necessário buscar a causa dessa discórdia:

Como na interpretação gramatical, a interpretação psicológica envolve a interdependência entre a parte e o todo do círculo hermenêutico. O todo, ou seja, o ato de escrita ou comunicação do autor, deve ser compreendido a partir de uma compreensão das partes particulares, os pensamentos principais e secundários, e sua ordem de apresentação: e a compreensão das partes particulares depende de uma compreensão do todo. A mesma interdependência hermenêutica existe entre o autor, enquanto parte, e a era em que ele vive, o autor. Assim como a interpretação gramatical pressupõe a língua particular que ao autor utiliza, a interpretação psicológica pressupõe uma compreensão parcial da época em que o autor vive e da vida do autor. Por um lado, o intérprete precisa conhecer o assunto sobre o qual o autor escreve. Schleiermacher chama isto de “o objeto através do qual o autor é levado ao enunciado” [ HC: 90]. Por outro lado, precisamos conhecer os modos estabelecidos de apresentação, os vários gêneros utilizados quando o autor escrevia, e as regras lógicas para conectar ideias. Tanto o gênero quanto as regras lógicas são condições que limitam o ato criativo. Esta compreensão preliminar permite que o intérprete compreenda o autor enquanto “ele colabora na linguagem” [ HC:91]. O objetivo do intérprete é descobrir a individualidade de um autor, o que ele pensava e o que é novo e criativo naquela obra (SCHMIDT, 2012, p. 36).

A vivência comum aos seres humanos facilita a compreensão de sua fala. De uma maneira geral todos têm as mesmas estruturas que remetem a pensamentos e lembranças. Por exemplo, quando se lê a compilação do corpus de uma pesquisa em educação, o pesquisador é arremetido para um horizonte amplo de significações e experiências compartilhadas, buscando na compreensão, a análise das manifestações discursivas dos colaboradores da pesquisa.

O pesquisador também se encontra de frente com a tarefa de compreender o pensar do autor (integrantes da pesquisa) quanto ao enunciado, ou seja, o ato de se comunicar em um

contexto de pesquisa, bem como de que modo esse pensar foi por eles organizados no decorrer da interatividade. E nessa jornada o pesquisador chega na trilha dos pensamentos secundários que influenciam a vida dos convidados que participaram da pesquisa, pois todo colaborador no processo investigativo em educação é um ser livre com princípios próprios que determinam o seu modo de agir e pensar no mundo, que não é de início percebido pelo pesquisador, mas está ali presente nas entrelinhas dos depoimentos e impregnando o significado do todo o corpus construído.

Há, para tanto, que se compreender a obra de um autor como um fato em sua vida e a leitura hermenêutica precisa encontrar a motivação que o levou a escrever, segundo Schleiermacher (2000) a “decisão seminal” desse autor. Um dos pontos favoráveis nessa busca é o fato de os seres humanos terem uma tendência a pensar ou ligar ideias de formas semelhantes, seguindo e compartilhadas regras lógicas.

Convergindo para a discussão do corpus já compilado, a pesquisa educacional busca, inicialmente a interpretação técnica, pela qual o conteúdo da transcrição de uma entrevista (por exemplo) é exposto. Schleiermacher (2000) fala nessa etapa de duas partes denominadas por ele: meditação e composição. O pensar do pesquisador sobre o tema de sua pesquisa e as organizações desses pensamentos teóricos é a fase da meditação, enquanto o modo pelo qual o pesquisador organiza e expressa a discussão para um público-alvo se refere a composição.

## **2.2 A historicidade do sujeito na visão de Dilthey**

O traço marcante da hermenêutica de Dilthey é sua postura e pesquisa para mostrar na hermenêutica a diferença entre a lógica do conhecimento nas ciências naturais e nas ciências humanas, se fundamentou filosófica e epistemologicamente orientado pela forma de conhecimento científico alternativo positivista e naturalista. Segundo Dilthey:

As ciências que têm a realidade sócio histórica como seu objeto de estudo buscam, mais intensamente do que antes, as relações sistemáticas entre elas e com os seus fundamentos. Condições dentro de várias ciências positivas estão operando nesta direção, associadas às forças poderosas originadas a partir dos motins na sociedade, desde a Revolução Francesa. O conhecimento das forças que governam a sociedade, das causas que têm produzido estas revoluções e dos recursos da sociedade para promover o progresso saudável, tem se tornado uma preocupação vital de nossa civilização. Consequentemente, relativas às ciências naturais, é crescente a importância das ciências que lidam com a sociedade. (DILTHEY, 1989, p. 56)

Afirmou, ainda, não ser possível no campo das ciências humanas, se falar em "leis gerais", e fez indagação quanto ao respectivo conceito de "causa", sendo que em seu

pensamento, essa concepção envolvia a ideia de necessidade e imutabilidade sendo mais preciso, pensar-se em termos de "motivos", de "desejos" para explicar condições de mudança.

Formulou a dualidade de “ciências naturais e ciências do espírito, que se diferem uma da outra pela metodologia analítico-esclarecedora e um procedimento de compreensão descritiva. Segundo o filósofo o ser humano, por meio dos processos intelectuais se esclarece fatos, se explica a natureza, mas a compreensão do indivíduo acontece pelo entendimento de todas as forças sentimentais e manifestações da vida que é passível de uma compreensão, ultrapassando qualquer explicação causal.

Um evento concreto da história ou uma obra de arte- como Pietá de Miguel Ângelo, o Fausto de Goethe ou uma sinfonia de Beethoven – nunca podem ser “explicadas” adequadamente, ou seja, por uma retração causal a causas a que a obra devesse a sua origem. Ainda que fossem conhecidas todas as causas, cujo concurso tivesse produzido esse efeito, nem por isso estaria de maneira alguma apreendido seu conteúdo de sentido e de valor. Contudo, semelhante obra pode ser “compreendida”, abrindo-se em seu conteúdo de sentido, em seu valor artístico e em sua força espiritual de expressão (CORETH, 1973, p. 49).

Percebe-se, como traço hermenêutico marcante, o pressuposto da historicidade do sujeito como o primeiro passo para se chegar a compreensão, sendo teoricamente uma prática hermenêutica que justifica a validade universal das interpretações históricas. Ao justificar sua visão filosófica, raramente utilizou o termo hermenêutica, em suas abordagens sobre a compreensão das ciências humanas, optando por reservar o termo hermenêutica designar um conjunto de regras interpretativas de obras escritas.

No seu legado, de acordo com Apel (2000), Dilthey não apenas reconheceu a genialidade de Schleiermacher como também fez uso das diretrizes abordadas por ele, vislumbrando a necessidade de que o singular seja compreendido num todo maior, assim, concebe-se a totalidade como unidade de vida e faz a exigência de o leitor ter por ação uma vivência, conceituada por ele como convivência empática, do passado, como condição para a compreensão própria das ciências do espírito.

Com base nos pressupostos de Dilthey, Coreth (1973, p. 21) reflete que:

A compreensão refere-se a formas objetivas históricas, cujas estruturas e legalidades devem ser aprendidas. São “objetivações da vida”, que ele designa também, com a expressão de Hegel, como “espírito objetivo”. Essas objetivações da vida são o objeto das ciências do espírito: trata-se de compreendê-las. Na medida, porém, em que brotam da vida e objetivam o evento vital, a “vivência” constitui o acesso à compreensão. Na vivência se abre a unidade da vida, pela qual se há de compreender cada uma das manifestações vitais. Logo, a compreensão se funda na vivência: “ a compreensão pressupõe uma vivência.

Nessa linha de pensamento hermenêutico, os seres humanos compartilham características comuns a todos, numa natureza humana geral, o que faz com que seja possível ao ser humano compreender o outro e a si mesmo.

Em sua teoria da compreensão é sustentado que o hermeneuta deve desvelar as regras gramáticas, suas formas lógicas, a fundamental historicidade do contexto e da era do autor. Nas palavras de Schmidt (2012, p. 54):

Dilthey conhece bem a tradição hermenêutica, especialmente a de Schleiermacher, em que a hermenêutica é definida como a ciência da arte de interpretar documentos escritos. Dilthey identifica quatro pontos importantes na obra de Schleiermacher para o desenvolvimento da hermenêutica: (1) a análise da compreensão fundamenta a interpretação; (2) o intérprete e o autor compartilham uma natureza humana comum; (3) assim, o intérprete pode recriar as ideias do autor; podemos compreender o significado inteiro de um texto a partir das palavras. A tarefa importante da hermenêutica, para Dilthey, é servir como um modelo para a compreensão nas ciências humanas.

Para Dilthey, as ciências humanas investigam o mundo interno dos seres humanos, onde há significados, valores, sensações, e propósitos, em busca de obtenção de experiências vividas.

Segundo Falcão (1997), Dilthey distancia-se de Schleiermacher e renova seu pensamento, no momento em que passa a ponderar que a compreensão de um texto não acontece através do ato de recriação do processo criativo do autor. O objetivo então, de acordo com Dilthey (1957) é compreender por meio das palavras registradas no texto, aspectos significativos da humanidade em um todo. Para tanto, é na leitura das palavras que o leitor compreende a intenção do autor. A ênfase maior em seu pensamento é voltada para a historicidade do sujeito, para realizar a leitura hermenêutica.

Para Garcia (2000), Dilthey ao esclarecer que as experiências vividas influenciam o fluxo da vida e são um evento repleto de significados, elevou as ciências humanas, destacando sua importância tanto quanto as ciências naturais. Foi enfático ao dizer que uma depende da outra, havendo uma ligação dessas ciências para se compreender a existência humana e explicar fatos. Nessa ênfase, a junção desses dois pontos de vistas, o das ciências naturais voltado para a percepção das coisas, e das ciências humanas com projeção na introspecção, se complementam.

De acordo com Schmidt (2012, p. 56):

A natureza nos afeta através de nossas sensações; o fogo queima, por isso agimos para nos protegemos. Os seres humanos afetam a natureza, principalmente através da vontade e da ação. Eu quero um meio para atravessar um rio, por isso eu construo uma ponte, mas para construir a ponte eu preciso conhecer e utilizar os resultados da ciência natural. Ao mesmo tempo, eu posso afetar outros seres humanos, já que eles

também podem usar a ponte. É por isso que o conhecimento das ciências naturais, o sistema causa exterior, é importante para as ciências humanas que lidam com o mundo mental ou espiritual interno dos seres humanos.

A leitura hermenêutica definida por Dilthey é uma teoria das regras para compreender as objetivações e motivações da vida registradas pela escrita do texto, revelando a compreensão mais objetiva da vida humana. Seu legado preza pela indistinção das ciências naturais cujo papel é a explicação e das ciências humanas pela compreensão. Compreensão esta não só do ser humano, mas também das ações do homem, referente a manifestações da vida, envolvendo a compreensão e sistemas legais, costumes, culturas, política entre outras.

Trata-se de compreender a essência da história e da historicidade da humanidade, por meio de um envolvimento do leitor com texto, criando referências a uma totalidade do acontecimento históricos, todavia sem tirar a visão de sua identidade, nem tampouco relativizar o conhecimento que o leitor tem, nesse encontro com o autor e o texto, sucumbindo numa relatividade histórica (QUEIROZ, 2004).

A hermenêutica para Dilthey (1957) seria regras de interpretação para textos escritos, como a compreensão orientada por regras de manifestações da vida permanentes, dentro da linguagem. Os seres humanos são dotados de elementos comuns, moldados também pelo meio em que vivem e pela interação, como a cultura, religião, e grupos de pessoas no tempo e espaço, compartilhando estruturas muito gerais ao viverem suas vidas.

Na pesquisa em educação há mecanismos que facilitam uma compreensão do outro integrante de um projeto educacional. Compreensão necessária toda vez que se entrevista um ser para coletar dados para uma pesquisa, a partir da qual se baseiam as compreensões das manifestações da vida profissional, na história em diálogo com as culturas que lhes são contemporâneas. Se o pesquisador amplia seu horizonte de perspectivas junto ao grupo integrante de sua pesquisa, aprende conexões específicas entre seu significado sobre a prática educativa e as manifestações externalizadas pelos colaboradores da pesquisa. Para Dilthey, será propiciado a esse ser, compreender estados psíquicos do outro e expressar seus sentimentos e desejos de forma inteligível.

É necessário que no ato interpretativo o intérprete/leitor re-experimente uma experiência vivida, mesmo que não tenha passado por uma experiência vivida igual à do autor, é possível a experimentação no ato imaginário daquela experiência e se transpor para o lugar do autor. Parte-se então de um estudo e compreensão dos relatos de contemporâneos, dos documentos históricos, e do contexto da época (RIBEIRO, 2010).



Nota-se como se davam os meios de comunicação entre as pessoas de uma época, fazendo uma busca daquilo que então possa ser tido como universalmente humano dentro da historicidade para se chegar a individualidade do autor. Apesar do intérprete não poder viver o estado psíquico de um autor na realidade, ele pode re-experimentar por meio da investigação histórica extensiva e do ato imaginário de seus estados psíquicos, recriando em si estados similares aos de quem escreveu o texto interpretado.

Nesse sentido, segundo Coreth (1973, p. 115):

Nesse princípio há a intenção justificada de compreender o outro “nele mesmo”, isto é, com base em seu próprio mundo de compreensão, e no contexto desse mundo, bem como a intenção de interpretar suas palavras no horizonte de sua própria maneira de pensar e de falar. Por certo, nunca podemos “deixar-nos” completamente e “transferir-nos” perfeitamente para o outro. Isso, portanto, somente será uma expressão metafórica, fato de que se teve consciência já desde Schleiermacher até Dilthey. Entretanto, fica de pé que esse é o ideal da compreensão, sendo, por conseguinte, o caso ideal a identidade com o que deve ser compreendido.

Entretanto, a tarefa de re-experiência nunca pode ser completa, uma vez que a vida do sujeito é inefável, porém quanto mais o leitor se identificar com esse outro, no caso o autor, na superação da diferença temporal e espiritual, irá alcançar a identidade de quem escreveu o texto e conseqüentemente gozará de uma compreensão melhor, mais plena e objetiva, sobre o assunto de que seu texto trata.

Por sua vez, Schmidt (2012, p. 75) esclarece que:

Uma linha contínua de estruturas ordenadas existe a partir das estruturas muito particulares em que aprendemos nossa cultura, através de grupos de pessoas cada vez maiores no tempo e no espaço, até alcançarmos o universal para o espírito objetivo da humanidade. É apenas isto que oferece a possibilidade de compreender seres humanos de uma situação temporal e cultural diferente. A habilidade de compreender outras pessoas fora de nosso grupo cultural depende de dois modos de compreensão maior. O meio e a situação externa permitem a localização de tipos, e então de tipos mais específicos de estruturas universais que o outro incorpora. O segundo trata da habilidade humana de criar em nossa própria consciência uma experiência vivida que não tivemos ao modificar imaginariamente os estados psíquicos que experimentamos. Este modo é mais essencial que o primeiro porque ele não apenas permite a compreensão de um meio e circunstâncias externas diferentes dos meus, mas especialmente pela reexperiência de estudos internos de outras pessoas. Dilthey considera isto um processo aditivo, onde uma vez que tenhamos revivido imaginariamente um outro estado, podemos utilizá-lo no futuro para reviver imaginariamente estados ainda mais diferentes.

A totalidade da vida psíquica do intérprete se mostra ativa no ato da re-experiência ou mesmo recriação. A compreensão começa com as expressões e a busca de significados internos das experiências vividas, em uma série de eventos que forma um todo.

No caso de um pesquisador em educação, esta busca por meio da interpretação, compreender os acontecimentos históricos, documentos escritos, bem como as motivações das pessoas envolvidas numa pesquisa, enfim, para apresentar os fatos de forma que quando o outro ler seu relato, possa experimentar o evento e seu significado para o autor-pesquisador. A compreensão de outras pessoas e dos fatos da pesquisa em educação emergem baseadas na experiência vivida e na auto-compreensão do intérprete mediante sua constante interação com os outros e com o meio.

### **2.3 Sujeito, fenomenologia e o ser existencial em Heidegger**

Heidegger enquanto fenomenólogo, deixou um legado sobre a ontologia do sujeito, sendo que o existir assume real importância em toda significação, conduzindo a necessidade de uma analítica existencial. Suas concepções hermenêuticas revelam que a “compreensão” pertence a uma constituição ontológica existencial do ser-aí (Dasein). Observando um ser no mundo que compreende e ao compreender explica (DUTRA, 2002).

Em seu pensamento, as ciências positivas extraem conceitos fundamentais que serão fundamentados com a investigação do seu âmbito, significando assim uma interpretação do ente na constituição fundamental de seu ser. Essa investigação para Heidegger é dito como algo que antecede as ciências positivas.

Assim, o primado filosoficamente não é uma teoria da conceituação da história, nem a teoria do conhecimento histórico e nem a epistemologia do acontecer histórico enquanto objeto da ciência histórica, mas sim a interpretação daquele ente propriamente histórico em sua historicidade.  
(HEIDEGGER, 2006, p.46)

O ente (homem) é uma presença que exige se fazer conspícuo. Essa presença é elucidada pelo próprio existir, ou seja, pela vivência que esse ente constrói, através de possibilidades próprias ao relacionar-se com o mundo. Seu posicionar expressa sua presença como ser. Esse ser, ontológico, deve ser questionado, interpretado, sendo este ser que se relaciona e comporta com o que o interprete se questiona a fim de encontrar a compreensão, fundamentação pela condição ontológica.

O filósofo também mostra caminhos de compreensão voltados para a linguagem, ao identificar esse ser como sendo um ser que utiliza a linguagem para fazer se comunicar, sendo a linguagem o pronunciamento da fala, ele esclarece que:  
“A fala é a articulação em significações da compreensibilidade inserida na disposição do ser-no-mundo seus momentos constitutivos são os seguintes: o referencial da fala (Beredete) aquilo sobre que se fala como tal (Geredete), a comunicação e o anúncio. Estes não são propriedades que só se possam reunir empiricamente na linguagem.  
(HEIDEGGER, 2006, p.225)

Toda fala é um pronunciamento que manifesta a presença de alguém. Há que se tentar apreender, segundo Heidegger, a “ essência da linguagem”, ao compreender a linguagem alicerçada na concepção de ‘expressão’.

O que leva o ser a percorrer o caminho da linguagem buscando e produzindo sentido ao seu mundo. Aqui tem-se uma colocação fundamental mesmo no afastamento para Heidegger, de que o ser por meio da linguagem se expressa e essa expressão é averiguável para tornar conhecido aquele que fala (DUTRA. 2002).

A proposta inicial sobre a analítica do Dasein, passa a ter uma ligação dentro de um círculo hermenêutico com a filosofia da linguagem. Sendo as questões que antes se referiam ao si do dasein, agora direcionada as questões linguísticas. Introduzindo o ser na linguagem. Para Heidegger, segundo Coreth (1973), a essência do ser humano não é verdadeiramente determinada pela oposição sujeito-objeto, mas sim que esta pressupõe uma abertura prévia, na qual a existência como ser no mundo histórico e linguístico se experimenta e se compreende a si mesma.

Cada pessoa faz referência a sua visão de mundo, a sua consciência, ao seu íntimo para determinar sua compreensão, ao constatar que o mundo se tornou uma imagem ou quadro, diante de todos, retratada pelo ser humano no discurso textual. Nesse contexto, o sujeito passa a olhar o mundo e a reunir junto a sua essência, passando a decidir, fazer escolhas e referências ao mesmo tempo em que faz suas inferências na representação que faz de si. Ao fazer, ele mesmo, sua própria representação, colocar-se atuante na vida, em sua existência e então ele também se apresenta como um quadro. O sujeito é então o centro ao qual o ente é referido.

O ente, conseqüentemente, é trazido diante do homem como aquilo que é objetivo e do qual pode dispor. Segundo essa análise, o Cogito não é uma verdade intemporal. Ele pertence a uma idade, a primeira para a qual o mundo constitui um quadro. Tal é a razão por fiquê não havia um Cogito para os gregos: o homem não “olhava o mundo; para os gregos é, antes, o homem que é olhado pelo ente, compreendido, contido e assim carregado para dentro e pela abertura do ente”. Heidegger não diz que ainda não havia homem, para os gregos. Ao contrário, esse homem tinha uma essência e uma tarefa: a de “reunir o que se abre em sua abertura, salvá-lo e mantê-lo num semelhante recolher, permanecendo ao mesmo tempo exposto ao dilaceramento da desordem (RICOEUR, 1988, p. 193).

Com Heidegger, fica claro que há um círculo entre a existencialidade e o ser, entre aquele que questiona e o que, ou a coisa, que passa a ser questionada. Não foi Heidegger quem criou o conceito de círculo hermenêutico, mas por sua vez, ele mesmo, demonstrou fundamentada na compreensão uma estrutura circular.

Em Heidegger é que primeiramente o problema se aprofunda e se aguça, graças à introdução no círculo do sujeito mesmo que compreende. Com efeito, este toma sempre consigo o todo de seu mundo, a partir do qual realiza a projeção do sentido e no qual somente se abre o conteúdo individual em seu sentido (CORETH, 1973, p. 83).

No cogito ‘penso, logo existo’ (René Descartes), o existo precisa ser pensado não puramente pela fenomenologia, que revela intuitivamente uma descrição, mas antes, repensado como interpretação reveladora, com o objetivo de desvelar, esse existir. Nesse revelar, a hermenêutica então parte, do existo rumo ao fenômeno do ser no mundo.

Parafraçando Heidegger em *Sein und Zeit*, ‘cada qual é o outro e ninguém é ele mesmo’ (2012). O eu é retratado como uma característica permanente do Dasein, sendo necessário interpretá-lo existencialmente.

A formação do nome marca, ao mesmo tempo, a abertura do ser e o enclausuramento na finitude da linguagem. Coisa que Heidegger designa pelas palavras “restabelecer”, “guardar”. “Guardando”, o homem já contém, faz violência, começa a dissimular. Encontramo-nos no ponto em que o eu se tornou possível a denominação raciocinante do homem sobre o ser, na ciência da lógica, por exemplo. Essa possibilidade pode ser retomada em sua fonte, no ponto em que a linguagem procede à captura na palavra. O ato de reunir, ou recolher, que é o logos, implica essa espécie de delimitação segundo a qual o ser é constringido à manifestação. Nesse respeito, há uma violência da palavra. É preciso compreender, aqui que a dissimulação é um aspecto da manifestação. A dissimulação torna possível a ilusão, que é a nossa, segundo a qual “temos”, enquanto homens, a linguagem “à nossa disposição”. De agora em diante o “ser-aí” poderá se tomar pelo criador da linguagem (RICOEUR, 1988, p. 82).

Nessa perspectiva, o sujeito traz uma significação interior de sua vivência com e no mundo, sendo que para ele não é um objeto que traz um significado de uma experiência, mas a própria experiência já registrada no consciente da pessoa.

Schmidt (2012) chama a atenção para o fato de Heidegger apesar de não mencionar Dilthey, fazer uso comum da expressão ‘experiência vivida’, referencia-se à experiência como uma unidade de significado que é retirada do fluxo da vida e orientada para novos significados possíveis na compreensão. O ser faz uso dessas orientações, ou elucidações particulares ao experimentar o mundo. Na leitura hermenêutica proposta por Heidegger uma base é se dar conta de que para se chegar a um contexto significativo, há que se considerar o fato de que o experimentado já carrega um significado particular conferido por aquele que experimenta.

Conforme Muchail (2009), a descrição fenomenológica deve se iniciar com a descrição da experiência vivida, sendo por Heidegger denotada e realçada por outro termo, facticidade. O filósofo, então, constrói e chama a atenção para a hermenêutica da facticidade. O que é o ser humano enquanto está presente na vida? A busca de um entendimento de ser

humano que envolva mais que objetos, mas suas relações afetivas, sociais, culturais, ambientais, entre outras, no exercício que cada um faz no viver.

Sendo esse conhecimento trazido por Heidegger como algo a se buscar por meio de um estudo que vá além de uma ontologia, há uma investigação primeira que dará continuidade com a perspectiva da linguagem. O Dasein implica a vivência ativa do ser. Enquanto se vive, o indivíduo faz articulações que lhe são próprias, por meios de posicionamentos, pelos seus conhecimentos e das relações que faz, das inferências.

Na leitura hermenêutica, todo esse conjunto está dentro de uma facticidade, da qual sua abordagem clareia veredas que levam ao entendimento, visando alcançar além do conhecimento de aspectos teóricos, o conhecimento de outros atributos do ser humano. Na visão da história, segundo Schmidt (2012, p. 83):

Por um período na época particular” significa simplesmente que eu vivo, enquanto Dasein, por uma certa quantidade de tempo dentro de um período histórico particular. Heidegger nota que estar aí por um período também implica que eu não posso fugir, e estou em casa no aí em algum sentido. “Estar aí na forma de estar-estando”, afirma Heidegger, significa especificamente não estar aí no modo de ser de um objeto (o erro da ontologia tradicional).

Educadores compreendem os discursos da profissão, mas também vivenciam outras realidades discursivas, como o discurso da pesquisa. Partindo desse princípio, descobrir-se e descobrir quem é o outro no âmbito de uma relação interativa, faz parte do aprendizado proposto na educação e na pesquisa com a educação.

Heidegger propõe algo essencial: conhecer o ser por meio de seus posicionamentos, do modo como ele está no mundo, chamando a atenção para o dizer silencioso da linguagem. Além disso, todos fazem uso das referências internas que tem geradas pela vivência de cada um. E essas referências interferem na questão interpretativa. Quando se interpreta se traz ao pensamento inferências dadas pela própria vivência, cultura e tradição construídas na história de cada ser (NUNES, 2010).

Nas questões interpretativas, Heidegger abre caminho para o estudo da história, de modo que esse seja contemplado e entendido como historicidade, observando então o horizonte da constituição temporal da presença, dentro de uma temática da temporalidade.

A análise da historicidade da presença busca mostrar que esse ente não é “temporal” porque “se encontra na história”, mas, ao contrário, que ele só existe e só pode existir historicamente porque, no fundo de seu ser, é temporal. (HEIDEGGER, 2006, p.225)

Não restringe o termo história simplesmente ao passado. Pelo contrário o expande como acontecimentos que influenciam no hoje. Segundo Heidegger o que tem uma história,

pode, ao mesmo tempo, fazer história. Estabelecendo, então, uma renovação, uma ação posterior. Dentre algumas concepções de história, o filósofo a define como sendo um “conjunto de acontecimentos e influências” que permeiam os tempos passado, presente e futuro.

O ponto nevrálgico da tematização historiográfica é elaborar a situação hermenêutica. Esta se abre com o decidir da presença, que historicamente existe, por abrir, na retomada, o que vigora por ter sido presença. É a partir da abertura própria (“verdade”) da existência histórica que se deve expor a possibilidade e a estrutura da verdade histórica.  
(HEIDEGGER, 2006, p.490)

Heidegger atesta que a concepção crucial das ciências historiográficas são conceitos existenciais, a teoria das ciências do espírito presume uma interpretação existencial objeto da historicidade da presença. Ao hermeneuta cabe ponderar que o ser da presença é histórico ao mesmo tempo em sua condição de ser-no-mundo arquiteta a história do mundo.

Na verdade, a teoria heideggeriana esclarece que a verdade acontece, nas coisas em si, tendo como lema: para as coisas a verdade em si. Heidegger observa com o tempo, uma importância maior na Ereignis, que se refere a troca que o Ser faz com os outros seres, tendo seus próprios modos e seu mundo particular inflamados por meio dessa interação. Essa ênfase no Ser é destacada também pelo próprio fato dele usar o termo Ser em maiúsculo. E então Heidegger esclarece que o Ser se revela através da linguagem (PAISANA, 2002).

Na pesquisa em educação, a linguagem é carregada de significados. Pode-se observar a fala de uma pessoa dotada de conhecimentos científicos como o pesquisador, que talvez domine o mesmo assunto no mesmo nível do entrevistado, mas que conhece de uma visão diferente, quer dizer com uma crítica já construída. Cada fala revela saberes tão distintos dos quais sem o intercâmbio pela linguagem, a comunicação seria impossível. Essa constatação da linguagem ao revelar o Ser é propícia, pois faz da hermenêutica uma condição de intervir ao encontro das falas, presentes nos textos que mesmo sendo de gênero e naturezas diferentes podem girar em torno de um mesmo eixo temático.

Seria o mesmo que buscar o dito no não dito ou vice e versa. Comungando o que se tem em comum, embora levados por diferentes visões de mundo. Abstrair o ser através da interpretação do que ele é por quanto a suas ações e transformações é o que Heidegger afirma ser de primazia dentro do ato interpretativo (FALCÃO, 1997). Mesmo apesar de em seus últimos escritos não ser mencionado mais o termo hermenêutica, o que vale esclarecer é que sua prática é exposta como a busca da identidade do ser para a interpretação de sentidos ocultos.

No princípio de sua pesquisa Heidegger se fundamentou na ontologia e na hermenêutica de Dasein, passando mais à frente a direcionar seus passos pelo caminho essencial sobre a verdade do Ser e a linguagem. Escolhendo, uma direção voltada a percorrer esse caminho com uma visão mais poética, entendendo a poesia como pensamento do sentido que enquanto tal precisa ser escutada.

Nesse âmbito, Heidegger propõe a clareira da verdade do Ser, que seria uma nova situação do seu entendimento, em que o Ser é mais ativo numa interação constante através do tempo, com os seres humanos, onde o ser não determina o que vem a acontecer, ele sofre influências das épocas da história, sendo condicionado e respondendo condicionalmente ao mesmo tempo em que ele próprio também influencia acontecimentos numa época particular. O ser depende de outros seres para respostas a seu condicionamento, o que é descrito por Heidegger como sendo o envio ou chamado do ser (PELIZZOLI, 2002).

A linguagem acontece, pelo que normalmente é comum aos seres humanos, a fala. Para Heidegger, é necessário estar mais atento a essa fala. Na fala através de (*der Aufriss*), ou melhor, de uma ‘rasgadura’, é revelado o que se fala dentro de uma posição escondida, mostrando o que é conceitual na linguagem de quem fala. A hermenêutica no seu significado mais original, vem para trazer mensagem e dar notícias, anunciando a palavra (SILVEIRA, 2005).

É o Ser que se destaca e aparece, dentro de uma fala. Sendo que este Ser, dono da palavra, que a usa, a transforma, a transmite, tem uma morada, que nada mais é do que a linguagem, cuja essência é o dizer silencioso do envio do Ser. Sendo cabível de um esforço para compreendê-la, como um princípio, a partir do qual o Ser se revela ao mundo e faz as coisas aparecerem descobertas. Nessa conceituação hermenêutica, o foco principal de um intérprete não está no teor da interpretação psicológica, ou em uma recriação do ato criativo, mas sim na perspectiva da compreensão alcançada através da escuta das palavras (RIBEIRO, 2010).

A busca interpretativa de um texto compilado de uma pesquisa em educação, com uma leitura inicial para absorver o encanto das palavras, prossegue com leituras para abstrair significados que são convergentes com o universo pesquisado. A partir destas, há que se fazer um estudo hermenêutico, percebendo a forma e contexto do discurso, pelo método da compreensão da experiência inovadora que o ser tem ao estar pela primeira vez diante de um texto, abrindo um leque de expectativas, saberes e experiências compartilhadas.

Para ampliar o contexto da interpretação e seu tempo e lugar, o intérprete poderá dar seguimento ao processo fazendo uma análise das partes (fala) ligadas a um todo do corpo

textual. Assim ponderando mutuamente o dizer e o Ser, para fazer descoberta a relação existente entre eles. Procedendo a partir de um modelo que preze o ser e a linguagem, o intérprete irá realizar a leitura hermenêutica necessária para a formação de um leitor crítico e ativo perante o texto.

#### **2.4 O ser e a fenomenologia nos estudos de Husserl**

Contemporâneo de Heidegger, Edmund Husserl, abriu novos caminhos, ao designar o sujeito como pólo intencional, como portador de visada, e ao conferir por correlato, a esse sujeito, não uma natureza, mas um campo de significações. O que constituía um limite para a ciência - a saber, a historicidade do ser - torna-se uma constituição do ser. O que era um paradoxo, ou seja, a pertença do intérprete a seu objeto – torna-se um traço ontológico (PELIZZOLI, 2002).

Husserl (1990) baseia sua teoria na fenomenologia, um fundamento autêntico para se elaborar uma teoria do conhecimento. Ele fala do cogito, como uma percepção externa ou mesmo recordações imanentes possíveis, que são remetidas a uma cadeia completa de recordação que traz em si a possibilidade de ser desvelada. Para ele, é possível adentrar no horizonte do outro, decifrando-o, avistando potencialidades da existência própria e por outro, esclarecendo sob uma perspectiva contradita o sentido visado.

A análise intencional é, pois, algo de inteiramente diverso da análise na acepção habitual. A vida consciente - e isto vale já para a pura psicologia interna como paralelo da fenomenologia transcendental - não é uma simples conexão de dados, nem um amontoar de átomos psíquicos, nem ainda uma totalidade de elementos, que estão unidos por qualidades morfológicas. A análise intencional é o desvelamento das actualidades e potencialidades, nas quais se constituem objetos como unidades de sentido, e toda a análise de sentido se leva a efeito na transição das vivências ingredientes para os horizontes intencionais nela delineados.  
(HUSSERL, 1900, p.28)

Segundo, suas palavras, constata –se que a análise e descrição fenomenológicas estabelecem uma metodologia exercitada em toda parte onde objeto e sentido, indagações do ser, de expectativas, de origem e de reconhecimento, na leitura hermenêutica, precisa ser abordada com seriedade. A análise intencional ultrapassa então a vivência momentânea do ser, descortinando potencialidades, e ao mesmo tempo realçando diversidade de novas vivências.

Por Husserl, é proposta uma leitura hermenêutica, utilizando uma metodologia fenomenológica caracterizada como reflexiva e explicativa ou descritiva em que se proceda



transformando atos em objetos pelos quais se visa a descobrir os sentidos imanentes neles contidos.

Paisana (2002, p. 64) esclarece que:

Deste modo, se pretendermos fundamentar a autenticidade objetividade das ciências em geral e da lógica em particular, se bem que a objectividade se constitui através de actos subjectivos, não nos devemos centrar no estudo das vivências psíquicas o seu aspecto empírico, mas sim no seu aspecto intencional, isto é, deveremos centrar o nosso estudo nos próprios objetos eles mesmos e no modo como são presentes.

Husserl propõe um regresso às coisas mesmas, para encontrar a lógica, a autenticidade dos acontecimentos, objetivando elucidar (aufklaren), segundo elementos constitutivos como também analisando suas leis, que se dá no âmbito de uma fenomenologia do conhecimento.

Sobre a fenomenologia do conhecimento, Coreth (1973, p. 75) postula que:

Em Husserl, amplia-se a problemática, passando da compreensão psicológica e histórica para a importância fenomenológica em geral. Já para cada percepção de uma coisa particular vale a afirmação de que é aprendida num “pátio” (Hof) ou “campo” (Feld) de conteúdos juntamente apreendidos. Dessa forma, como Husserl provou, é próprio da experiência total ter uma “estrutura de horizonte”, mas de tal modo que todo horizonte parcial da experiência do singular se refere, acima de si, à totalidade do “mundo da vida”, que se torna problema central nos últimos anos de Husserl.

Toda consciência é carregada de intencionalidade, o psicologismo se mostra incapaz de fundamentar e estruturar uma teoria do conhecimento, por conduzir concepções prévias sobre a consciência e sobre o objeto, a posições cépticas, sem considerar a coisa em si, sem pressupostos. Visto que para Husserl:

Um objeto existe para mim, isto é, tem vigência para mim de acordo com a consciência. Mas esta vigência só é para mim vigência enquanto presumo que eu a poderia confirmar, que eu conseguiria preparara para mim caminhos praticáveis, isto é, experiências, a percorrer de um modo livre e activo e outras evidencias, nas quais eu estaria diante dele mesmo, o teria realizado como efetivamente aí. Isto também se mantem, quando a minha consciência é experiência dele, consciência de que ele próprio está aí, ele próprio é visto. Com efeito, também este ver continua a remeter para outro ver, para a possibilidade de comprovar e de poder sempre de novo remeter para o modo de comprovação progressiva o que já se alcançou como existente. (HUSSERL, 1900, p.32)

A existência e a essência, segundo Husserl, apresentam sentido desde uma possibilidade de comprovação identificadora. A partir de Husserl, faz-se uma crítica ao empirismo e aclamação à percepção em virtude da sensação. Entre seus pressupostos teóricos está a definição dos atos intuitivos, referindo àqueles em que o indivíduo ao se deparar com o objeto, volta-se para a consciência imediatamente, de onde tal objeto possa estar presente. A intenção significativa reenvia ao objeto, enquanto a intenção intuitiva faz sua forte representação, trazendo suas características plenas. A intuição do intérprete visa a

fundamentação da significação relacionando e determinando a sua relação com o objeto interpretado (ZITKOSKI, 1994).

Em seu ideário é conceituado um estudo da consciência, como necessário àquele que está fazendo a interpretação textual, sendo que por meio desse estudo o hermeneuta realizará sua atividade se expressando e dialogando com o autor. Husserl (1992) esclarece que há uma diferença entre o psicologismo e o estudo da consciência de um indivíduo, ao lado de um objeto visado, surgem perspectivas deste objeto que são reenviadas umas às outras formando uma indissociável unidade de significados.

Com relação à unidade de significações, Paisana (2002, p. 93) acrescenta que:

Com efeito, a evidência, que segundo o autor será ao critério supremo de verdade, apenas nos é acessível através de um acto posicional, isto é, através da percepção. Para que haja evidência não basta que exista um preenchimento adequado da intenção significativa, é necessário que se realize num acto posicional, perceptivamente. Por contra, sempre que exista preenchimento do um acto posicional, existe evidência em sentido lato.... A evidência em sentido estrito visa o acto da adequação mais perfeita, a plenitude absoluta do conteúdo em que visado e dado coincidem. A evidência não é mais que a vivência da adequação entre intenção significativa e conteúdo intuído, num acto posicional.

Na pesquisa em educação o conceito fundamental de Husserl privilegia o interpretar os próprios atos intencionais, tidos como orientação subjetiva, tanto como privilegia os correlatos dos atos dos interlocutores, ou seja, uma orientação objetiva. Por meio dessas evidências, a objectualidade de uma obra não é fundada pelo juízo, visto que é o juízo fundado pela experiência e vivência do ser. Na metodologia de uma pesquisa, a experiência com os educadores é uma vivência preche de sentidos e conexões de diferentes mundos entre um e outro.

Importante referenciar ao método intencional, como disse Paisana (2002, p. 194).

O método da análise intencional, tal como Husserl o entende, é um método que pressupõe “fios condutores”. O objeto tal como é dado na multiplicidade dos seus substratos constitutivos torna-se como fio condutor a partir do qual se deve retroceder aos vários actos sintéticos pelos quais se constitui. O que é dado na experiência como objeto é já um resultado de tais actos constitutivos; estes tornam-se acessíveis reatualizando as intencionalidades sedimentadas (implícitas), retrocedendo desde o resultado acabado ao modo da sua formação na consciência.

Há um retrocesso que parte da constituição do todo do objeto para os vários modos que o constituem, observando uma síntese do tempo imanente. Essa análise intencional caracterizada como método regressivo, parte então, do objeto constituído indo até os muitos atos constituintes deste objeto, reconstruindo o objeto a partir de seus constituintes abstratos e intencionais. Uma fenomenologia reflexiva e explicativa em que o modo de ser intencional do sujeito pressupõe um fundamento absoluto.

Indagar o modo de se darem à consciência os objetos que constituem a realidade é o caminho do intérprete na busca de encontrar a origem da atitude natural face ao mundo. A análise da existência conduz a questão da leitura hermenêutica (PILIZZOLI, 2002). Embora nem sempre exposta durante uma pesquisa educacional, a intencionalidade está presente durante todo o processo metodológico, percebida na interpretação hermenêutica, o que caracteriza pela investigação em causa, as etapas do caminho percorrido pelo pesquisador para chegar na produção de seu intento.

Husserl (1992) recusa o psicologismo e faz oposição entre a historicidade e cientificidade. A fenomenologia, compreendida como filosofia científica, tem valor próprio e sendo autônoma, independe e evita relativismos históricos, na qual verdade e falsidade se camuflam despercebidas em uma postura de cepticismo. O foco está na explicação do objeto, da intencionalidade individual do ser, sendo que esta intencionalidade contamina no sentido de impregnar traços, posicionamentos que estão registrados nas entrelinhas dos textos. Há que se ler essas entrelinhas para se chegar a compreensão do que é fenomenologicamente explicável.

Para Husserl (1992), a consciência do homem é a ciência que precisa ser estudada, a totalidade das vivências de uma pessoa, são desenvolvidas no interior, fazem parte de uma sucessão de acontecimentos, amadurecidos no interior tanto do mundo como da natureza. A realidade no espaço e no tempo, ao qual o ser pertence, manifesta-se frente ao ser e a toda humanidade presente e nas interações correntes. O ser é dessa forma, condicionado pelo mundo, enquanto possui uma realidade psicofísica, uma consciência própria e psíquica, em uma constante relação com o mundo natural.

O que há de ser questionado para se compreender a atitude natural do ser, face ao mundo, é o como se dá à consciência os objetos constituintes da realidade.

O autor caracteriza o mundo [como] o conceito total dos objetos da experiência possível e do conhecimento de experiência de objetos, que sobre a base de experiências actuais são cognoscíveis num pensamento teórico correcto. Nesta medida, se o mundo é o conjunto das coisas dadas na experiência, se desejarmos investigar o fundamento da atitude natural, deveremos necessariamente investigar o modo de se darem os objetos a experiência. Como efeito, é fácil convencer-se que o mundo material não é uma parte qualquer, mas o estrato fundamental do mundo natural, sobre o qual todo o outro ser real está essencialmente referido (PAISANA, 2002, p. 225).

Consiste o método fenomenológico, na descrição do modo de se dar à consciência o objeto em questão. Em educação, o pesquisador conduz seu trabalho com estudo do próprio ato de conhecer, considerando não como um simples acontecimento psicológico, mas sim como ato intencional, visando estabelecer as relações com o objeto, ou o discurso a ser

analisado. O fenômeno da vivência intencional, cientificamente fundamentada no uso de método reflexivo, descritivo-explicativo, abre portas para a construção de elementos para debates sobre a hermenêutica aplicada à compreensão em pesquisa educacional.

## 2.5 Experiência hermenêutica em Gadamer

Gadamer traz a conceituação em seu legado de que a hermenêutica modernizada por Schleiermacher, como a arte da compreensão, é frutífera tanto para o discurso textual, como para o convívio com as pessoas. Sua prática inevitavelmente não é desfrute de determinado grupo de ciências, mas a hermenêutica, constitui, sobretudo uma capacidade natural do ser humano. Ele faz uma comparação entre a retórica (linguagem) e a hermenêutica (compreensão) para demonstrar que ambas capacidades, possuem a mesma abrangência e totalidade.

Podemos falar sobre tudo, e o que alguém diz deve, de princípio, poder ser compreendido. A retórica e a hermenêutica tem aqui uma relação muito estreita. O domínio técnico dessa capacidade de falar e de compreender se manifesta plenamente no uso da escrita, na redação de “discursos” e na compreensão do escrito. A hermenêutica pode ser definida justamente como a arte de trazer novamente à fala o dito ou o escrito. A retórica pode nos ensinar de que “arte” se trata aqui. (GADAMER, 2002, p. 354)

Para Gadamer a falta de talento natural para essas duas capacidades se torna algo difícil de compensar, porém não impossível. E para tanto a metodologia orientada pela direção da capacidade natural do ser humano é de fundamental importância no desenvolvimento da competência de se entender a composição e alcançar a compreensão de textos. A atenção de Gadamer é voltada para o estudo da linguagem textual.

A hermenêutica designa antes de tudo uma práxis artificial. Isto sugere como palavra complementar a *tecné*. A arte de que aqui se trata é a do anúncio, a tradução, a explicação e a interpretação, e inclui obviamente a arte da compreensão que subjaz no que se requer quando não está claro e inequívoco o sentido de algo. (Gadamer, 1992, p.95)

Sendo contemporâneo de Heidegger, Gadamer, é decisivamente por ele influenciado, porém não faz uma ligação absoluta com a história do ser, afirmando ser perigoso para o intérprete uma preocupação demasiada com o Dasein, e a vivência daquele ser que se expressou através do texto, analisando-o como que tendo uma natureza comum, inerente a todos e a cada um dos seres (BONFIM, 2010).

Um enfoque excessivo na historicidade, acaba por distanciar a visão do que é essencial. O importante no caso é o próprio texto, a obra em si e o discurso contido nesta. Gadamer incorpora em seu pensamento, ideias de Hegel e se opõe em alguns aspectos, ao pensamento de Schleiermacher, quando sugere uma leitura hermenêutica com base na epistemologia, em que o pensamento é direcionado para a origem, estrutura, conhecimento textual.

Não precisamos, pois, demonstrar a tese de que todo entendimento é um problema de linguagem e de que o sucesso ou fracasso no entendimento só se obtém no elemento da condição de linguagem. Todos os fenômenos do entendimento, da compreensão e da incompreensão, que formam o objeto da assim chamada hermenêutica, representam um fenômeno de linguagem. (GADAMER, 2002, p. 216)

Paisana cita uma crítica feita por Gadamer aos escritos filosóficos de Heidegger: Diz-nos H.G. Gadamer a propósito de *Sein und Zeit*: “Nem o conhecedor nem o conhecido se dão “onticamente”, mas sim historicamente, isto é, participam do modo de ser da historicidade” (PAISANA, 2002, p. 165). Por sua vez, Gadamer, propõe que não há justificação metodológica da vida e que a individualidade é menosprezada quando na leitura tem por foco as proporções históricas do todo, a historicidade não fundamenta a vida dos seres.

Contudo, apoiados em Gadamer, tem-se introduzido nas pesquisas em educação, na interpretação e compreensão dos depoimentos e dos fatos investigados, pelas concepções hermenêuticas, a ideia da efetivação histórica, ou seja, do fenômeno histórico na história, estabelecendo o ato de compreender como um processo de efetivação da história.

Dessa forma, a compreensão de relatos de experiências (escritas ou faladas) sustentando uma pesquisa na área da educação em que o próprio ser que compreende (pesquisador) entra em determinado conteúdo significativo, no domínio do outro (dos entrevistados em uma pesquisa de campo), ocorre uma confluência de variantes, em determinado tempo, que fica inscrito nesse mesmo tempo, inclusive depois de terminada a pesquisa.

É importante refletir com Coreth (1973, p. 130):

Compreensão histórica não pode dissociar-se da tradição, a qual forma um “arco hermenêutico, estende-se do acontecer passado, através de sua repercussão histórica e da sua interpretação, à nossa compreensão hodierna. Ela medeia também entre o passado e o presente, e concede a este a importância para o futuro.

Na interpretação textual deve haver, segundo Gadamer, um acordo que o leitor faz com a verdade abstraída do texto, em que o psicologismo, sugerido na tarefa proposta por

Schleiermacher de reconstruir o ato criativo do autor e o conhecer melhor do que ele mesmo se conhecia, não é necessário; visto que somos seres individuais já por natureza.

Não há justificação metodológica da individualidade, quando a leitura hermenêutica em educação se torna foco das proporções históricas do todo. Não é propício ao pesquisador voltar para uma compreensão histórica, já que a historicidade não fundamenta a vida dos seres. Na pesquisa em educação que traz a hermenêutica como epistemologia, para a interpretação e compreensão de como se interpreta fatos, cria-se um universo de expectativas nas interpretações para se conhecer a diversidade de caminhos e desvelar as mais diferentes questões proposta em uma realidade pesquisada.

Diz-nos H. Gadamer em *Wahrheit und Methode*, a propósito da hermenêutica como método histórico: “Confirma-se que compreender é, primeiro entender-se sobre a coisa, e em segundo lugar apenas, determinar a opinião do outro enquanto tal, e compreendê-la.... É apenas quando falha a tentativa de admitir a verdade da coisa enunciada que nos esforçamos por “compreender” o texto, sob um modo psicológico ou histórico, como a opinião de um outro (PAISANA, 2002, p. 209).

Gadamer acredita que a leitura hermenêutica acontece por um caminho que evite aporias do historicismo, e ao inverso, valorize sim a apropriação positiva da tradição colocadas em questão, com um questionar que possibilite um horizonte de respostas, não se mostrando inerte e dissociável da realidade presente.

Na pesquisa em educação, em uma entrevista coletiva com todos os envolvidos no projeto, estes marcados por experiências, conhecimentos, por uma posição histórica, pode levar a um distanciamento interativo um dos outros, fazendo com que não seja possível o pesquisador se transferir completamente para os entrevistados.

Para Gadamer (2002), o intérprete, a partir do seu ponto de vista, em sua própria época, dentro de sua própria situação histórica e de seu concreto horizonte de compreensão, é quem deve e deseja compreender o outro. Sendo o centro da questão, o próprio texto, discussões do leitor quando voltadas para o texto, levarão diferentes leitores a encontrarem diferentes realidades mesmo que o eixo temático seja apenas um.

Constata-se sua aceitação para com a ontologia heideggeriana, no que diz respeito ao compreender, como sendo um processo inerente ao ser humano, que precisa fazer uso desta capacidade a todo tempo. O ser é e vem a ser, um devir, ocorre a culminância entre a compreensão desenvolvida e a auto-compreensão manifesta com implicações de projeções e futuras possibilidades de ser (SODRÉ, 2012).

Toda compreensão passa por uma estrutura prévia de compreensão que se refere a tradição, a cultura herdada, e se torna correta ao fundamentar essas estruturas nas coisas em

si. Em um tom provocativo, Gadamer (2002) denomina como “preconceitos”, os conceitos já inerentes ao ser, suas ideologias e utopias, suas bagagens interiores. De onde parte toda compreensão. Considerados “preconceitos” legítimos quando se referem aqueles passados por meio de tradições, dos quais se pode aprender um conhecimento. Como exemplo disso está o fato de que se pode obter conhecimento e aprendizado ao se interpretar textos tradicionais, clássicos. No ato compreensivo o intérprete é arremessado, levado a fazer uma ponte, com os preconceitos já existentes e constituintes de sua realidade histórica, dos quais, inconscientes utilizamos a maioria.

Em qualquer momento particular, nossos preconceitos, como nossas estruturas prévias da compreensão herdadas, incluem tudo que sabemos consciente ou inconscientemente. Eles incluem o significado de palavras, nossas preferências, os fatos que aceitamos, nossos valores e juízos estéticos, nossos juízos sobre a natureza humana e o divino, e assim por diante. Na maior parte do tempo, não percebemos a maioria de nossos preconceitos, apesar de podermos trazer eles para a percepção consciente (SCHMIDT, 2002).

A compreensão precisa ser fundamentada, com preconceitos, dotados de criticidade, definidos como legítimos. Um preconceito que não foi testado criticamente, que passa simplesmente como uma tradição, e nada além, é ilegítimo, não leva a uma verdade, pois toda obra, responde a uma pergunta, ela é uma resposta a algo.

Toda pesquisa quer em educação ou em qualquer outra área de pesquisa, quando se interpreta é preciso fazer uma fusão entre o que a obra responde (depoimentos compilados de uma pesquisa) e o que o intérprete (pesquisador) questiona em seu tempo (o que se investiga em educação atualmente). Assim cabe ao intérprete ir além do horizonte histórico dessa pergunta, da qual o corpus de textos é uma possível resposta. Ao interpretar, o pesquisador, em seu tempo, deve usar a concepção prévia da completude do significado do eixo temático de sua pesquisa, ao ser seu conhecimento mais alargado que o interlocutor.

Gadamer (2002) esclarece o que ele próprio chama de fusão dos horizontes. Ao projetar o horizonte de uma obra está-se trazendo à tona, conceitos de um passado histórico, aos quais são inclusos a estes a compreensão, os preconceitos legítimos, que a própria compreensão do intérprete já possui. Expandindo então o horizonte de significado do texto.

Assim, conversando com o outro sinto o choque dos limites da compreensão: reconheço que não o compreendi totalmente. Torna-se-me evidente que me ocorre alguma coisa de estranho, seja linguisticamente num modo diverso de expressão, seja quanto ao conteúdo devido a uma mentalidade e tomada de posição estranhos, ou outra perspectiva geral e apreciação das coisas. Claro que por detrás disso, talvez implicitamente, haja experiências completamente diferentes, a determinar seu mundo de compreensão, mas estranhas para mim e obstáculos para minha compreensão. Eu o compreenderia mal se quisesse tomar precipitadamente suas expressões em meu

próprio mundo de compreensão, compreendendo-as e julgando-as a partir dele. Devo, antes, abrir-me para o outro, ouvi-lo pacientemente e procurar compreender suas palavras, através de seu fundo e contexto, através dos pressupostos implícitos. Desse modo, forma-se sempre mais um quadro total de sua maneira de pensar, de seu julgamento e apreciação das coisas, um quadro total de seu “mundo” pelo qual se abre para mim o sentido de cada um de seus pronunciamentos. Tal compreensão requer atenção e reconhecimento do outro, isto é, uma atitude de prontidão para compreender o outro naquilo que pensa, e dar-lhe valor. Só a partir dessa abertura de reconhecimento confiante é que se torna possível a compreensão, à qual se descerra o mundo de compreensão alheio. Seus conteúdos penetram no meu próprio mundo de compreensão e o ampliam; chega-se, por assim dizer, a uma fusão do horizonte próprio de compreensão com o do outro (CORETH, 1973, p. 117).

Assim, a compreensão interpretativa sempre requer uma aplicação para sua realização. Acontece um diálogo do intérprete com o texto. Este diálogo se dá por meio da interação dos questionamentos, dos preconceitos daquele que interpreta, sendo então projetado o horizonte de significado de determinada obra.

Gadamer evidencia o momento da estrutura hermenêutica, em que acontece um diálogo, por meio de uma linguagem conciliadora entre o texto e o intérprete. Neste acontecimento o discurso do intérprete serve ao texto para sobrepujar o elemento estranho que impede a clareza de um texto. Passando a fazer uma intermediação entre as duas partes do diálogo. Uma vez alcançada a compreensão o intérprete desaparece. No sentido de aparecer a inteligibilidade do texto como algo concreto, para o intérprete.

Após superar o elemento estranho de um texto, ajudando assim o leitor a compreendê-lo, a retirada do intérprete não significa desaparecimento em sentido negativo. Significa antes sua entrada na comunicação, resolvendo assim a tensão entre o horizonte do texto e o horizonte do leitor. É que chamo de fusão de horizontes. Os horizontes separados como pontos de vista diferentes fundem-se num. Por isso a compreensão de um texto tende a integrar o leitor no que diz o texto. É justamente aí que o intérprete desaparece. (GADAMER, 2002, p.63)

Schmidt (2002) afirma que seria considerar imaginativamente o texto como uma pessoa com quem se fala, criando uma relação referida por Gadamer como Eu/Tu. Nesse encontro do diálogo o eu do intérprete deve estar atento e ouvir o que o tu reivindica, o que ele faz valer como suas verdades. Assim também o texto questiona os preconceitos do próprio intérprete através das reivindicações apresentadas no texto, conforme se segue:

(...) apesar de Gadamer discutir os elementos básicos da experiência hermenêutica, ele não resolveu a questão de como descobrimos que os preconceitos são legítimos dentro da fusão de horizontes. Ele apenas nos disse que os preconceitos legítimos são baseados nas coisas em si, que a compreensão correta ocorre quando as partes e o todo formam uma unidade de significado, que a distância, temporal ou não, ajudara este processo, e que a compreensão ocorre como a fusão de horizontes (SCHMIDT, 2012, p. 165).



Numa concepção prévia o intérprete constata e questiona preconceitos particulares, levado não por um ponto de vista objetivo, visto não ser possível escapar do efeito da história dentro do círculo hermenêutico. Ao fundir os dois horizontes, em contato com uma consciência efetuada pela história, do texto e do intérprete, vem a luz a compreensão. Sendo como se o texto falasse com o autor e esses sujeitos se emaranhassem em um diálogo.

A linguagem é um ponto essencial para uma leitura hermenêutica, sendo primordial na pesquisa em educação, para dar voz aos interlocutores, uma vez que pelo diálogo, da conversa elaborada na linguagem e na escuta do que cada um tem a dizer é possível se chegar em um acordo coletivo. Daí a visão de que a compreensão de um contexto não se dá pelo ato de recriar como este surgiu (mera descrição), mas sim por meio de uma fusão de horizontes, e que na realidade se trata da realização da linguagem de quem ouve (pesquisador e demais participantes de uma entrevista coletiva) com quem fala (entre eles) é possível ao hermeneuta (pesquisador) compreender o que o texto (depoimentos) está dizendo.

Observa-se que Gadamer se aproxima de Heidegger por também difundir que o mundo é mostrado, revelado, através da linguagem. Afirmando que não se encontra lacunas entre a palavra e o significado desta. O assunto é trazido para a presença, pela palavra que o homem enquanto ser finito faz uso (STEIN, 2011). Concorde, com Heidegger de que a linguagem é a casa do ser. A linguagem fala ao intérprete e então se encontra a universalidade da hermenêutica, já que a linguagem é o Ser que pode ser compreendido.

O mundo é revelado através da linguagem, entretanto não existe uma linguagem classificada como perfeita para revelar o mundo em si, segundo Gadamer (2002), uma vez que o ser humano e os acontecimentos não são estáticos. Então o que se tem é uma linguagem que apresenta uma visão limitada do mundo.

Como a fusão de horizontes envolve o horizonte expandido do intérprete, e como intérpretes diferentes em tempos históricos diferentes terão horizontes expandidos diferentes, a compreensão correta do que o texto tem a dizer será afirmada diferentemente em situações hermenêuticas diferentes (SCHMIDT, 2012, p. 170).

Esse pensamento evidencia que não se poderá chegar a uma interpretação particular que seja classificada por si mesma correta. A compreensão se inicia com o preconceito do intérprete, a linguagem herdada, e palavras apropriadas são usadas para revelar o assunto dentro de uma compreensão explícita. Mas o ser humano possui um intelecto imperfeito, tido através da construção de uma consciência histórica, o que impossibilita ao indivíduo chegar a um ponto de vista objetivo ou uma verdade absoluta.

O intérprete apresenta uma visão de mundo, em sua linguagem, utilizada para sua percepção reflexiva, em que se chega a efetuar a compreensão somente no diálogo. Assim sendo, toda aquisição de tradições e cultura são tidas como historicamente diferentes, ao experimentar novos olhares, novos paradigmas, sendo uma experiência de aspectos diferentes desse conhecimento (SILVA, 2010).

Classificada como imperfeita, a linguagem humana, revela simplesmente um aspecto de um assunto:

Assim como não há uma linguagem perfeita que apresenta o mundo em si, não há uma interpretação perfeita que apresenta a coisa em si, que também poderia ser traduzida como o assunto, em sua totalidade. Ambos os casos indicam a finitude fundamental da compreensão humana. Interpretações diferentes, mas corretas, de um texto em horizontes históricos diferentes ou especulativas no sentido que esta multiplicidade de aspectos trata do mesmo assunto expresso no texto (SCHIMDT, 2012, p. 178).

Assim a linguagem é a porta para a compreensão. E a relação entre um texto e sua história efetiva e interpretações diferente, mas corretas, é especulativa porque cada interpretação apresenta um aspecto daquilo que o texto diz, ou seja, não há um segundo texto sendo criado na interpretação correta. Isso porque o mundo é retratado pela visão de mundo que o ser adquire em sua vivência, no ambiente a sua volta. O ser exercita o pensar fazendo reflexões e através da linguagem que é o meio por qual ele se expressa, se posiciona diante de fatos e da vida, guiado por uma consciência concretizada dentro de tempos históricos e em movimentos que envolvem a tradição.

## **2.6 Leitura hermenêutica em Paul Ricoeur**

Paul Ricoeur (1998, p. 23) define a hermenêutica como sendo “a teoria das operações da compreensão em relação com a interpretação dos textos”, fundamental ao ampliar o seu laborioso exercício como central em uma hermenêutica geral, envolvendo as mais variadas áreas do saber registradas nos escritos de diferentes gêneros textuais.

Sua filosofia surge abarcando preocupação com a epistemologia, para torná-la um saber científico, atrelada e sujeita às disposições ônticas do ser. Fazendo uma alusão à narrativa bíblica, Paul Ricoeur (2006) afirma que a ontologia pode ser comparada à terra prometida, em vistas a uma filosofia que se objetiva pela linguagem e reflexão.

Em se tratando de pesquisa em educação, a reflexão é estimulada pelo conflito hermenêutico comportando várias interpretações e comandando a passagem de uma reflexão primeiramente tida como abstrata ao ápice de uma reflexão sólida, classificada por concreta, momento em que o pesquisador discute as informações coletadas e compiladas de sua

pesquisa. Na sistematização de uma pesquisa educacional, a hermenêutica se constitui dentro da organização do pensar de uma resposta e argumento para a reflexão, cujo primeiro movimento é identificar-se com a consciência imediata.

Na construção do pensamento hermenêutico, Ricoeur (1989) afirma que o ser humano é linguagem, enquanto um ser que se expressa e se comunica com o todo, sendo parte deste todo. A linguagem por sua vez é definida como o revelar, como sendo o canal necessário e propício à reflexão.

Dentro da hermenêutica proposta por Paul Ricoeur, compreender é um campo muito mais vasto que o conhecer, é seguir adiante relacionando um modo de ser e de interagir com os seres, reconhecendo os contornos da linguagem, começando com o símbolo, centro de sua fenomenologia hermenêutica, pela necessidade de compreender expressões simbólicas, na esfera da linguagem (ZITKOSKI, 1994).

Nas palavras do próprio Ricoeur (1989, p. 19):

O que nos interessa, na presente discussão, é que a polissemia das palavras recorre, em contrapartida, ao papel seletivo dos contextos relativamente à determinação do valor atual que adquirem as palavras numa mensagem determinada, veiculada por um locutor preciso a um ouvinte que se encontra numa situação particular. A sensibilidade ao contexto é o complemento necessário e a contrapartida inelutável da polissemia.

A linguagem é sentido revelador, que conduz do fechado a reflexão, desvelando, como um veículo do discurso, numa totalidade das palavras e suas significações, neste ato comunicativo, o ser é internalizado no mundo.

Frente à pesquisa em educação, uma postura hermenêutica é necessária, a fim de identificar no discurso a intenção de não ambiguidade da mensagem concernente a um discurso educacional polissêmico (caminha para diferentes sentidos de uma mesma prática), na busca por parte do pesquisador em compreender o que foi enunciado, discernindo seu conteúdo por meio das categorizações sugeridas como ponte de interpretação, próprias à efetuação do discurso como texto, assim dispersando a arte de compreender.

Ghedin (2003) afirma que o contexto como em toda e qualquer proposta hermenêutica precisa ser desvendado, interpretado e para esse fim, requer sensibilidade e uma atividade de discernimento, como um jogo da questão e da resposta entre os interlocutores, em que a estrutura intencional, a estrutura do duplo sentido de um texto se torna manifesta.

Um texto para Paul Ricoeur (1998) representa um paradigma do distanciamento na comunicação, contendo características essenciais da própria historicidade da experiência tida na vivência humana, no ínterim é uma comunicação feita na distância e pela distância,

resultado de uma apropriação que se mostra dialeticamente ligada a objetivação típica de uma obra, um relato, um poema e assim por diante.

Existe, pois, uma relação da fala com a escrita, no discurso revisitado nas pesquisas em educação, como projeção de um mundo, a partir do qual o pesquisador fará conexão linguística como uma mediação da compreensão de si e da realidade pesquisada.

Segundo Paul Ricoeur (1998), a dialética do evento e da significação se refere ao distanciamento apresentado no discurso que acontece como um evento de quem fala, na grandeza da passagem de uma linguística da língua ou do código a uma linguística do discurso ou da mensagem.

Ao se referir ao discurso como um evento, o filósofo se apropria do pensamento de Emile Benveniste, usando a expressão “instância do discurso”, em que pronomes pessoais constituem indicação sobre seu locutor, numa auto-referência vinculada à pessoa que se expressa tomando a palavra, para se pronunciar a respeito de algo, expondo um mundo por meio da linguagem (ZITKOSKI, 1994). Para tanto Ricoeur se apóia em uma teoria do discurso que identifica a existência de duas linguísticas (fonológico e léxico) enquanto unidade de uma língua e (frase) base do discurso, que se dão sobre leis diferentes, no ato da fala e do discurso textual.

Trata-se da linguística da frase que suporta a dialética do evento e do sentido, de onde parte a teoria do texto, pois segundo o próprio autor:

Mas se há um mistério da linguagem, a saber, que a linguagem diz, diz algo, do ser. Se há um enigma do simbolismo, ele reside inteiramente no plano de a manifestação, onde a equivocidade do ser vem dizer-se na do discurso. (RICOEUR, 1998, p. 68)

A linguagem ao ser realizada, obedece um regimento (hierarquia) de níveis. Sendo esses níveis homólogos, a passagem ao discurso, constituída pela frase ou enunciado, que representa um corte uma mutação, na hierarquia dos níveis. A efetuação do discurso como obra estruturada; a relação da fala com a escrita no discurso e nas obras de discurso; a obra de discurso como projeção de um mundo; o discurso e a obra de discurso como mediação da compreensão de si.

Ricoeur (1989) explica que todo discurso é um evento que acontece no ato da expressão tomado pela palavra, e vinculado seu caráter à pessoa daquele que fala. O discurso, além do mundo que possui, o outro referente ao interlocutor ao qual se dirige, através de um

diálogo que se cria no ato da leitura hermenêutica. Ao ser o discurso efetuado como que um evento, pode-se afirmar que todo discurso deve ser compreendido como significação.

A esta significação cabe a busca do leitor/ intérprete no texto, pois "é na linguística do discurso que o evento e o sentido se articulam um sobre o outro. Essa articulação é o núcleo de todo o problema hermenêutico". Na escrita, diferentemente da fala, não há uma situação comum ao escritor e ao leitor, visto que não se pode mostrar a coisa da qual se fala, nem mostrar uma referência ou mesmo uma realidade, comum aos interlocutores nesse ato de comunicação.

A questão da comunicação, contudo, segundo Ricoeur (1989, p. 77):

É essencialmente com o aparecimento de certos gêneros literários, geralmente ligados à escrita, mas não necessariamente tributários desta, que essa abolição da referência ao mundo dado é levada até suas mais extremas condições. Este é, me parece, o papel da maior parte de nossa literatura: destruir o mundo. Isto é uma verdade da literatura de ficção, conto, mito, romance, teatro, bem como de toda literatura denominada de poética, onde a linguagem parece glorificada em si mesma, em detrimento da função referencial do discurso ordinário.

Nesse cenário, o pesquisador-intérprete dos dados/informações coletados e compilados em sua pesquisa, precisa interpretar o corpus vislumbrando a proximidade entre os interlocutores, vislumbrando como o ser se coloca diante do mundo por meio da linguagem, bem como onde as informações não são dadas em si, visto que há um distanciamento temporal, tido num discurso fora do tempo nesse diálogo, que busca um segmento da compreensão de si mesmo e da compreensão do ser no todo da pesquisa educacional.

### 3. ALGUNS TEXTOS INTERPRETADOS SEGUNDO A HERMENÊUTICA FILOSÓFICA

Todos sabemos da dificuldade de ler um texto em língua estrangeira ou inclusive um escrito complexo, em sua própria língua, compreendendo seu sentido de imediato. Quando, em sala de aula, se pede a um iniciante que leia uma frase, não importa se for em português, grego ou chinês, se o leitor não compreende o sentido, a frase soa sempre como se fosse chinês. A leitura representou uma dificuldade ímpar para diversas correntes da modernidade. Isso significa que a dificuldade de trazer o escrito à fala foi o que na época moderna elevou a arte de compreender à autoconsciência metodológica. (GADAMER, 2002 p. 358)

O pensamento de Gadamer define bem a complexidade de se compreender o discurso subjacente a um texto, problema atual, com o qual têm-se defrontado as instituições de ensino e cidadãos brasileiros. Constantemente, é comum alunos, que ao se depararem com textos pela primeira vez, ficam em um estado de inépcia, tendo a impressão de que o autor fala em uma língua dessemelhante. Essa realidade não pode ser vista como sendo apenas problema de poucos, pois há que se formar a consciência de que para converter essa situação, torna-se necessário o compromisso e o comprometimento de todos os envolvidos na educação.

O presente estudo apresenta a prática hermenêutica como articuladora de um processo de melhoria da leitura, no desenvolvimento da capacidade perceptiva e da compreensão de textos. Não é somente textos acadêmicos, científicos, filosóficos que carecem de compreensão. Compreender é indispensável em qualquer enunciado, desde uma receita medicamentosa até mesmo um simples recado, ou uma mensagem recebida. Se a pessoa não compreende, ela não participa, ou seja, está excluída de algo, por isso o desenrolar da hermenêutica desvela que sua prática é acessível e universal.

Nesse sentido, a propagação da hermenêutica a converte em uma atividade, aplicável e relativa ao texto, por conseguinte sua efetivação é primordial para todos os componentes textuais. Feito o estudo sobre sua origem e sua fundamentação, para um proceder apurado na atuação daquele que faz a leitura hermenêutica, ao hermeneuta, doravante, torna-se adequado ocasionar uma elucidação de como se dá a ação hermenêutica, diante de um texto para a meritocracia de uma educação que promova a transformação dos discentes em cidadãos capacitados, preparados para conseguir, com fluência, uma interação com os copiosos discursos e suas distintas informações mediadas no mundo textual.

Do mesmo modo, os caminhos percorridos na interpretação hermenêutica levam a um sólido embasamento teórico-aplicado que propiciará a ação prática dos conceitos fundamentais que Schleiermacher, Dilthey, Gadamer, Husserl, Heidegger e Paul Ricoeur

elaboraram para esclarecer a leitura que supera o distanciamento do ser humano de uma condição inerte ao que lhe é exposto. Aplicável a qualquer modalidade textual, a hermenêutica propõe uma interpretação que revele o que está por trás do espelho, que mostre a produção de sentidos do autor, que ao escrever insere-se num espectro de formações discursivas, como reflexo de realidades historicamente manifestas no texto.

Importante perceber que a prática sugere o processo de desvelar dos fatos, no qual não há uma verdade absoluta, mas sim visões e pontos de vistas diferentes, oriundos da vivência que cada ser humano tem de sua cultura, crença, comunidade, tendo que acionar saberes diferentes. Compreender o outro, percebendo a leitura que este faz da realidade ao descrevê-la é fundamental, ora identificando-a ou apresentando-a ao convívio social, por meio do processo de ir e vir das mensagens mediadas pelo intercâmbio comunicativo.

A leitura é o *pharmakon*, o “remédio” pelo qual a significação do texto é “resgatada” do estranhamento da distância e posta numa nova proximidade, proximidade que suprime e preserva a distância cultural e inclui a alteridade na ipseidade. (RICOEUR, 1976, p. 55)

Os efeitos de sentido do discurso se apresentam ao leitor com uma distância espacial e temporal. Dessa maneira, ao leitor, no ato da leitura, cabe superar a alienação cultural gerada por esse distanciamento, a fim de acabar com a ausência de conhecimento, com a ingenuidade da verdade por trás do texto: um diálogo entre a distância e a apropriação.

Paul Ricoeur (1976) define filosoficamente a interpretação como sendo uma tentativa de tornar produtivas a alienação e a distância. Quando o leitor faz algo que lhe era estranho, ele se apropria do mundo que o texto exhibe. Além disso, Ricoeur (1990, p. 44), afirma que o texto é o paradigma do distanciamento na comunicação e proveniente do fenômeno primitivo da própria linguagem. Assim sendo, a tarefa hermenêutica tem por objetivo conseguir dar um sentido positivo a esse distanciamento, juntando dois pólos da oposição, distanciamento alienante e pertença.

Graças a escrita, o homem e só o homem tem um mundo e não apenas uma situação. Essa extensão é mais um exemplo das implicações espirituais da substituição do suporte corporal do discurso oral pelas marcas materiais. Da mesma maneira que o texto liberta a sua significação da tutela da intenção mental, liberta também a sua referência dos limites da referência situacional. Para nós o mundo é o conjunto das referências abertas pelos textos [...] (RICOEUR, 1976, p. 47).

Fazendo seu o que era estranho, o leitor passa de um estado antes de alienação para conquistar por meio de uma leitura interativa e esclarecedora, uma formação enviesada por um olhar que contempla saberes diversos, identificando o individual no coletivo e vice-versa, usufruindo plenamente da vida em constante movimento de instrução. Os sentidos do discurso apresentam uma dimensão temporal, acontece como um evento, sendo preciso considerar a relação entre evento e significado, ao se buscar a compreensão de um texto.

Segundo Heidegger a formação de uma pessoa está diretamente condicionada à cultura e designa a maneira especificamente humana de aperfeiçoar aptidões e faculdades. O filósofo elucida a formação como aprimoramento de faculdades e de habilidades, dentre as quais a leitura. Nessa perspectiva, a leitura hermenêutica é uma habilidade que capacita o sujeito a se formar apto quanto ao universo da leitura dos mais distintos e diversos textos. Uma mostra interpretativa como elucidação da prática se faz necessária. Para tanto, foram selecionados cinco textos, os quais, sendo trabalhados hermeneuticamente, correspondem a uma exemplificação da leitura hermenêutica e constatação da sua universalização, cujos critérios de inclusão visaram diferentes gêneros textuais e níveis da educação.

Devido ao fato de a hermenêutica ser utilizada primeiramente nos textos sagrados, foi oportuno a inserção de um texto bíblico, como sendo propício para demonstrar a interpretação feita a partir das Escrituras. Nesse caso, a escolha do texto foi desenvolvida com o pensamento de que seria cabível um texto experimentado por muitos, em diferentes culturas e crenças. Por ser a Bíblia um dos livros mais antigos, atualmente um dos mais distribuídos em todo o mundo, traduzida para mais de 2.800 idiomas, contendo uma quantidade de livros que de acordo com diferentes versões, podem variar entre uma escrita de 66 (versão protestante) ou 73 livros (versão católica), divididos em capítulos e versículos.

Sendo considerado que a hermenêutica pode e deve ser praticada independente da faixa etária do discente, ou do grau de estudo que ele se encontra, foi feita a interpretação de um texto voltado para a educação infantil. Nesse contexto, a hermenêutica se mostrará ativa na prática do docente que efetua a leitura para as crianças da pré-escola, nisto é um modelo, por ser aquele em que os alunos se espelham, é o professor que primeiro faz uso dessa prática, passando a motivar o outro. Por meio de uma leitura que incentiva e aguça a curiosidade de seus alunos, que estão passando por um processo de formação social de leitor, em suas dimensões cognitivas, intelectuais, motoras, afetivas, entre outros aspectos.

Sendo a educação infantil a base, esta oferece as primeiras possibilidades para que os discentes experimentem na convivência escolar a interação com o novo, com o outro, pelo contato com o mundo da escrita e leitura pela primeira vez. Mostrar o professor com uma



postura voltada para a leitura que priorize a prática hermenêutica desde os anos iniciais é demonstrar a universalização da hermenêutica como acessível a todos na educação. Na interpretação que o educador infantil faz do material que medeia ao seu aluno, a hermenêutica desempenha uma importância imensurável, ao despertar e orientar o aluno para a compreensão da escrita.

### **3.1 Uma oração universal: Pai Nosso**

O texto bíblico requer pesquisa, reflexão, contextualização e meditação para a apropriação do seu significado. Traz uma mensagem harmoniosa que é compreendida por meio de uma conexão entre as partes e o todo das Escrituras Sagradas. No campo religioso, há diferentes interpretações dos Escritos Sagrados e muitos nem sempre são coerentes com a mensagem que a Bíblia traz. Devido a costumes dos povos, cultura, vivência, crença as interpretações não são as mesmas. Porém é possível se abstrair o sentido original do texto ao se realizar uma ligação reflexiva das partes com o todo e assim evitar uma interpretação fragmentada e distorcidas que comprometam ao leitor extrair o real significado do texto, no seu sentido mais profundo.

Devido as várias interpretações existentes, é cabível esclarecer que se dará continuidade a pesquisa, com uma interpretação baseada nos ensinamentos de Cristo, (Colossenses 1:15). Figura principal no propósito de Deus para a Terra, tido na Bíblia como a palavra, (João 1:1). Sendo Deus eterno e sem princípio (Salmos 90:2), Jesus Cristo é referido na Bíblia como princípio de toda criação de Deus, sendo o filho unigênito, o primogênito e a figura principal no propósito de Deus para a Terra. Ele é o predito descendente (Gênesis 3:15) anunciado no velho testamento como a semente profetizada por Deus. Tendo seu cumprimento profético no novo testamento. Jesus Cristo, a palavra no sentido de ser o porta voz de Deus, imagem do Deus invisível, princípio de toda a criação, ele é a figura principal no arranjo de Deus, o todo poderoso, para vindicar sua soberania entre toda criação e estabelecer seu governo (reino) na terra, visto que no céu (morada de Deus e de seus filhos espirituais) a vontade de Deus já é feita. A leitura hermenêutica que se segue será realizada priorizando a interpretação cristã das Escrituras Sagradas.

Os filósofos Schleiermacher e Heidegger propõem uma primeira leitura para a construção da ideia geral do assunto, e, posteriormente, recomeçar pela interpretação das partes, na busca de se alcançar o texto inteiro em sua gênese, estrutura e significado. Nota-se

então que o texto é um modelo de oração, onde sete pedidos são feitos. É relevante destacar, inclusive, que da leitura inicial percebe-se também a linguagem utilizada pelo escritor.

Schleiermacher visando a práxis ou a técnica da boa interpretação, orienta o intérprete a compreender todo pensamento ou expressão, partindo do conjunto do contexto vital do qual o discurso provém. Por meio de uma compreensão divinatória referente a uma apreensão imediata do sentido, sendo uma adivinhação espontânea, oriunda de uma empatia viva, de uma vivência naquele que se quer compreender e uma compreensão comparativa, elabora-se a compreensão por meio de múltiplos dados particulares, apoiando-se em uma multiplicidade de conhecimentos objetivos, gramaticais e históricos, a fim de deduzir o sentido a partir da comparação ou do contexto dos enunciados.

A linguagem, remete a um acontecimento histórico de quem se manifesta e se oculta, no texto. Heidegger ao conceituar a linguagem como parte da constituição existencial do *dasein*, concebendo a existência humana como “ser-no-mundo”, composto de tempo e espaço, leva ao entendimento de que é preciso então identificar a qual emissor o texto remete e de qual contexto esse emissor fala, já que o autor nos aponta o que historicamente se deve pensar e aquilo a que deve corresponder o pensamento e linguagem.

Para determinarmos o que o autor quer dizer através de um enunciado precisamos lê-lo a partir da posição desse uso compartilhado da linguagem. Interpretar um enunciado a partir da compreensão contemporânea da linguagem, quando esse enunciado vem de um uso anterior da linguagem, leva a mal-entendidos. ... Schleiermacher afirma que o lugar do autor na história, sua educação, ocupação e mesmo seu dialeto podem ter um papel na determinação de sua linguagem. Como o autor também pretende comunicar, a língua que ele emprega precisa ser também a língua da plateia intencionada. Isto não quer dizer que um autor não pode criar algo novo na linguagem devido aos significados compartilhados, uma metáfora nova, por exemplo, pode ser compreendida pelo leitor a partir de seu contexto (SCHMIDHT,2012. p. 33).

Se a Bíblia é a palavra de Deus, seu autor é o próprio Deus, porém este, enquanto ser estritamente espiritual, utilizou os homens que foram movidos pelo Espírito Santo para registrar sua mensagem (2 Pedro 1:21)<sup>1</sup>

Assim, os livros que constituem as Escrituras Sagradas tratam da mensagem Divina, mediada por homens que em diferentes épocas e contextos, movidos pelo Espírito Santo, fizeram os registros escritos. Interessante notar que a mensagem bíblica é contextual e harmoniosa e, embora algumas passagens possam parecer contraditórias, em geral é possível entendê-las corretamente, aplicando na interpretação princípios tais como: análise do contexto, o ponto de vista do escritor bíblico, fatos históricos e costumes da época, análise das

<sup>1</sup> Tradução do Novo Mundo da Bíblia Sagrada ,2015, p. 1686

palavras quanto ao sentido figurado e o uso literal, usar uma tradução confiável e atual. Para os filósofos da hermenêutica, além de a linguagem empregada no texto revelar muito de quem a escreveu, quanto mais o intérprete souber sobre a obra mais proficiente se torna, para discernir o significado do texto.

A oração registrada é parte do livro bíblico de Mateus, o primeiro livro do novo testamento, e um dos quatro livros canônicos. Uma vez que esse evangelho tem prosa ritmada e muitas vezes poética, é tido como adequado para a leitura pública, tornando-se uma escolha popular litúrgica. Não é escrito numa sequência cronológica, mas sim pela utilização de discursos conexos. Seu conteúdo abrange acontecimentos referentes ao nascimento de Jesus Cristo em 2 AEC até o período de 33 EC, além de ressaltar como Jesus cumpriu as profecias judaicas.

Paul Ricoeur (1998) afirma que a hermenêutica própria do cristianismo tem uma ligação única entre as escrituras e o “kerigma” (a proclamação) para a qual remetem. O acontecimento crístico está hermeneuticamente ligado a todo o conjunto da escrita judaica, no sentido que a interpreta, fazendo com que uma a escrita de época continue atual.

Compreendamos bem a situação: na origem não há, propriamente falando, dois Testamentos, duas escritas, mas uma escrita e um acontecimento; e é esse acontecimento que faz aparecer a economia judaica toda inteira como antiga, como letra vetusta. Mas há um problema hermenêutico, porque esta novidade não substitui pura e simplesmente a letra antiga, mas mantém-se uma relação ambígua com ela: abole-a e cumpre-a; muda a sua letra em espírito, como a água em vinho. Então o facto cristão compreende-se a si próprio ao operar uma mutação de sentido no interior da escrita antiga. A primeira hermenêutica cristã é exatamente esta mutação; ela está inteiramente contida nesta relação entre a letra, a história (estas palavras são sinônimas) da antiga Aliança, e o sentido espiritual que o Evangelho revela muito mais tarde (RICOEUR, 1998, p. 371).

O Novo Testamento decifra o Antigo, pois seu sentido literal é a base para a construção do sentido alegórico, além do sentido moral/analógico e se oferece como um texto, uma letra cabível de interpretar. Provavelmente o livro foi escrito em meados de 50 d.C., período em que grande parte dos cristãos era composta por judeus convertidos, uma vez que a linguagem utilizada traz expressões comuns ao judaísmo.

Interessante que a pregação cristã, segundo Paul Ricoeur, é hermenêutica ao ligar a releitura do Antigo Testamento fazendo aparecer o próprio acontecimento, não como uma irrupção irracional, mas como um cumprimento de um sentido anterior conservado em suspenso.

O próprio acontecimento recebe uma espessura temporal ao inscrever-se numa relação significante de ‘promessa’ com “cumprimento”. Ao entrar assim numa

concepção histórica, o acontecimento entra também numa ligação inteligível; entre os dois testamentos institui-se um contraste que o ao mesmo tempo uma harmonia por meio de uma transferência. Esta relação significativa atesta que o kerigma entra, por este desvio da reinterpretação de uma escrita antiga, numa rede de inteligibilidade (RICOEUR, 1988, p.372-373).

A oração modelo (Pai Nosso) faz parte do discurso do sermão da montanha. (Mateus 5 – 7) possivelmente composto primeiro em hebraico, cerca de oito anos após a morte e ressurreição de Jesus. Essa mesma oração é mencionada também no evangelho de Lucas e, embora os escritores utilizem uma linguagem diferente na escrita, o seu conteúdo é o mesmo.

Na interpretação, conjuntamente no círculo hermenêutico, proposto por Schleiermacher, entre as partes e o todo, o processo interpretativo segue através do momento divinatório, ou seja, de uma projeção espontânea vista inicialmente como uma pré-compreensão, para posteriormente dar continuidade a partir de uma elaboração comparativa.

Realmente, ambos os momentos formam de tal modo uma unidade que Schleiermacher pode definir a hermenêutica como a “reconstrução histórica e divinatória, objetiva e subjetiva, de um dado discurso”. Ao mesmo tempo, Schleiermacher acentua que para tanto é necessário um “aprofundar-se” no autor uma “vivência” em sua situação e intenção, em seu mundo de ideias e representações (CORETH, 1973, p. 19).

Encontra-se mais à frente, esse esclarecimento da compreensão das partes condicionada por uma totalidade aprendida ou pressuposta, expressa inicialmente por Husserl e Heidegger pelo conceito de ‘horizonte’.

Há divergências quanto a quem escreveu este evangelho, esta questão foi questionada por estudiosos do século XVIII, porém é destacado que o apóstolo Mateus enquanto publicano não seria a pessoa mais apropriada para que lhe designasse falsamente a escrita da doutrina e história de Jesus Cristo. Também ocorre uma discordância sobre a escrita original que para alguns estudiosos, foi feita em grego ao invés de aramaico ou hebraico.

Segundo o Erudito das Escrituras e Tradutor da Bíblia para o Latim, Jerônimo (325-378) em consonância com os estudiosos eclesiásticos Eusébio de Cesárea (265-339) Pânfilo, Orígenes (185-254), Irineu (130-200) e Pápias (65-155 d.C), quem narra, primeiramente em hebraico, os acontecimentos registrados em Mateus, é o apóstolo de Jesus, de mesmo nome, Mateus. Este um cobrador de impostos, também conhecido como Levi, que ao se tornar seguidor de Jesus Cristo, sua narração é feita na posição de testemunha ocular dos acontecimentos envolvendo a vida e ministério de Cristo. Para Paul Ricoeur o próprio Jesus, exegese e exegeta da escritura, manifestou-se como logos, ao abrir a inteligência das escrituras.

Era costumeiro, na época, que os coletores de impostos tivessem a capacidade de fazer a escrita da taquigrafia, uma técnica que consiste em proporcionar uma escrita sintética e compatível com a velocidade da fala, certamente Mateus a usou para registrar os discursos efetuados por Cristo na íntegra.

A evidência externa no sentido de que Mateus escreveu este Evangelho originalmente em hebraico remonta a Pápias de Hierápolis, do segundo século EC. Eusébio cita Pápias como declarando: “Mateus coletou os oráculos na língua hebraica.” (*The Ecclesiastical History* [A História Eclesiástica], III, XXXIX, 16). Logo no início do terceiro século, Orígenes fez referência ao relato de Mateus, e, considerando os quatro Evangelhos, ele é citado por Eusébio como dizendo que o “primeiro foi escrito... Segundo Mateus, que havia sido cobrador de impostos, mas que depois foi um apóstolo de Jesus Cristo. No idioma hebraico”. (*The Ecclesiastical History*, VI, XXV, 3-6) O erudito Jerônimo (do quarto e quinto século EC) escreveu na sua obra *De viris illustribus* (A Respeito de Homens Ilustres), capítulo III, que Mateus “compôs um Evangelho de Cristo, na Judéia, na língua e nos caracteres hebraicos, para o benefício dos da circuncisão que tinham crido. . . . Ademais, o próprio hebraico acha-se preservado até os dias de hoje na biblioteca de Cesaréia, que o mártir Panfílio tão diligentemente coletou”. — Tradução do texto latino, editada por E. C. Richardson e publicada na série “Texte und Untersuchungen zur Geschichte der altchristlichen Literatur”. Sugeriu-se que Mateus, depois de compilar seu relato em hebraico, talvez o traduzisse ele mesmo para o coíné, o grego comum (LEIPZIG, 1896, p. 8- 9).

De fato, o esclarecimento do contexto fornece uma base para a compreensão hermenêutica. Segundo Emerich Coreth “compreensão e esclarecimento” são conceitos distintos que se opõem:

(...) enquanto o “método histórico-crítico”, no sentido do século XIX, se encontra, é verdade, no âmbito da pesquisa histórica, mas sob a imagem ideal do “esclarecimento” das ciências naturais, o movimento bíblico – hermenêutico quer, além disso, fazer valer a exigência da “compreensão”, que se mostrou como o método essencialmente próprio das ciências históricas e do espírito, e com maior razão se requer na interpretação da Escritura (CORETH, 1973 p.22).

Ao falar da dualidade entre ciência da natureza e ciências do espírito, caracterizada pelas palavras explicar e compreender, Dilthey afirma que explicar (intelecto/mediatez) envolve a regressão causal de um fenômeno particular a leis gerais. Por outro lado, compreender (razão/mediação), trata-se de uma apreensão mais elevada de sentido, que vai além de qualquer explicação causal. Ambas, porém, constituem uma estrutura fundamental de nosso conhecimento. Na leitura hermenêutica, cabe interpretar linguística e logicamente, na busca de se obter a apreensão de sentidos para chegar a compreender o discurso.

Disse Jesus: “*Portanto, orem do seguinte modo: Pai Nosso, que estais nos céus, santificado seja o teu nome* (Mateus 6: 9). Tem se na oração o emprego da conjunção coordenativa conclusiva, portanto, como consequência de uma ação. O termo, portanto, é usado para indicar a ação conclusiva de como deveria ser uma oração, por isso remete a um

fato anterior à própria oração, por ser um operador discursivo de coesão textual. Do significado da palavra modo, no emprego da frase, obtém sua aplicação com o significado de ser a maneira de fazer algo, mediado pelo mestre Jesus como forma de instrução/orientação. Trata-se então de um modelo dado por Jesus quanto a como as pessoas deveriam orar: os pedidos são direcionados ao Pai.

Ricoeur (1998), em seu livro *o Conflito das Interpretações*, escreve que é necessário diferenciar, senão mesmo dissociar, que o nome é o nome próprio, uma conotação, sendo Pai um epíteto, uma descrição. Segundo o filósofo a revelação do nome é a dissolução do antropomorfismo, de todas as figuras e figurações, incluindo a do Pai. O nome contra o ídolo. Deus é designado no Antigo Testamento, por um nome, antes de ser designado como Pai.

O texto ao qual se aplica a interpretação fundamentada hermeneuticamente, revela que Deus invocado por Jesus como Pai, tem um nome peculiar. Momento este em que o hermeneuta precisa criar um diálogo com o texto e formular perguntas, das quais precisará ir além do texto para obter o esclarecimento. Mas qual então é o nome de Deus?

A versão dos setenta grega (Septuaginta) possui fragmentos que contêm o nome Sagrado. O Tetragrama, em caracteres hebraicos (יהוה) (*YHWH*), foi usado tanto no texto hebraico como na *Septuaginta* grega sua forma original de quatro letras, porém sua pronúncia precisa, não foi preservada. No texto original hebraico, há ocorrência do nome 6.828 vezes como יהוה (*YHWH* ou *JHVH* [*IHVH*]). Não se tendo a exatidão da pronúncia, em português, uma forma bem conhecida é Jeová, uma vez que o objetivo das palavras é transmitir ideias, no ato comunicativo, no idioma português, o Deus verdadeiro é identificado pelo nome Jeová (BÍBLIA ON-LINE, 2015).

A primeira Bíblia em português, a versão *Almeida*, empregou milhares de vezes o nome de Deus na forma “JEHOVAH”, como pode ser visto na edição de 1693, reimpressa em 1870. A comissão tradutora da *Versão Brasileira* (1917) também decidiu usar a forma “Jehovah”, e na sua edição de 2010 a grafia foi atualizada para “Jeová”. A nota de rodapé de Êxodo 6:3 na tradução Matos Soares (oitava edição) declara: “O texto hebreu diz: ‘O meu nome *Javé* ou *Jeová*’. Formas similares do nome divino também são encontradas em outros idiomas. Por exemplo, a primeira ocorrência, em inglês, do nome pessoal de Deus em uma Bíblia foi em 1530, na tradução do Pentateuco de William Tyndale. Ele usou a forma “*Iehouah*”. Com o tempo, o idioma sofreu mudanças, e a grafia do nome divino foi modernizada (BÍBLIA-ON LINE, 2015).

Ainda de acordo com dados da Bíblia On-line (2015), sobre a escrita do nome divino, a tradução feita por Willian Tyndale para o idioma inglês, datada no ano de 1530, contendo os primeiros cinco livros das Escrituras Sagradas, têm-se a escrita “*Iehouah*” (em

Gên 15:2; Êx 6:3; 15:3; 17:16; 23:17; 33:19; 34:23) e “Iehoua” (em De 3:24). Encontra-se também nessa tradução a seguinte nota: “Iehovah é o nome de Deus... Ademais, cada vez que encontrardes SENHOR com letras maiúsculas (a menos que haja algum erro na impressão) é em hebraico Iehovah.”

Jeová” (hebr.: יהוה, *YHWH*), o nome pessoal de Deus, ocorre pela primeira vez em Gên 2:4. O nome divino é um verbo, é a forma causativa, no imperfeito, do verbo hebraico היה (*ha-wáh*, “vir a ser; tornar-se”). Portanto, o nome divino significa “Ele Causa que Venha a Ser”. Isto revela que Jeová é Aquele que, com ação progressiva, faz com que ele venha a ser o Cumpridor de promessas, aquele que sempre leva seus propósitos à realização. Veja Gên 2:4 n.: “Jeová” Ap. 3C. Compare isso com Êx 3:14 (BÍBLIA ON-LINE, 2015).

Dessa forma, o conhecimento sobre a escrita hebraica do nome de Deus, além de ser interessante, é parte essencial para a compreensão da oração, como também para uma excursão histórica para enriquecimento cultural. Sendo um discurso universal, as Escrituras Sagradas remetem o leitor ao sentido divino de santificado, ou seja, sagrado é o seu nome.

A oração continua: *"Venha o teu Reino. Seja feita a vossa vontade, como no céu, assim também na terra"* (Mateus 6:10). Em uma análise semiótica desse trecho, o termo reino pode trazer diferentes sentidos, sendo que neste estudo o significado em tempos contemporâneos equivale a um governo em que há administrador e administrados. Pensando nos significados lexicais, que atribua o real significado da palavra trazida para um tempo atual, para precisão da compreensão interpretativa, é propício o esclarecimento trazido por Ricoeur (1976), que orienta o intérprete a entender que toda linguagem se circunscreve como um evento no discurso e está acometida temporalmente, com uma determinada intenção.

A mensagem e o código não pertencem ao tempo da mesma maneira. Uma mensagem é um evento temporal na sucessão de eventos que constituem a dimensão diacrônica do tempo, ao passo que o código está no tempo como um conjunto de elementos contemporâneos, isto é, como um sistema sincrônico. Uma mensagem é intencional; intentada por alguém. O código é anônimo e não intentado (RICOEUR, 1976, p. 15).

Convém lembrar que o ministério de Jesus foi divulgar esse reino que de acordo com a harmonia da mensagem das escrituras, a esse reino, ou governo dos quais os cristãos deveriam pedir, é descrito como um reinado ímpar, que acabará com todo o sofrimento (Revelação 21: 4): que a vontade do Deus e Pai Jeová, seja feita no céu como na terra.

Para Ricoeur (1976), a partir da esfera do reino que é preciso interpretar a categoria da paternidade, sendo que realeza escatológica e paternidade se mostram inseparáveis na oração feita pelo senhor Jesus Cristo que primeiramente faz a invocação do

Pai e continuando então com “pedidos” que envolvem nome, o reino e a vontade do Deus único e verdadeiro, uma vez que essas questões apenas se compreendem na perspectiva de uma realização escatológica.

Pode-se compreender que estes três primeiros pedidos estão interligados. Ademais existe uma submissão e ao mesmo tempo confiança de que a Vontade de Deus é a mais correta, pois sendo um ser Supremo e divino, com visão bem mais ampliada que o ser humano, ao recorrer à vontade de Deus, está implícito que tudo poderá ocorrer no tempo Dele, tanto no planeta (Terra), quanto no universo (céus), ressaltando a onipresença do Pai.

Prosegue assim a oração: *"O pão nosso de cada dia nos daí hoje"* (Mateus 6:11). Esse pedido revela que Deus é o provedor. Enquanto tal é Ele que supri nossas necessidades não só matérias, mas também espirituais. (Salmo 145:15, 16), pedindo que o alimento (pão) necessário à sobrevivência de todo ser humano, seja ofertado por Deus. Jesus ao ser tentado no deserto, passando por muita fome, devido a um prolongado jejum, resistiu à tentação de Satanás de transformar pedras em pão, dizendo: “Está escrito: ‘O homem tem de viver, não somente de pão, mas de cada pronúnciação procedente da boca de Jeová.’ ” (Mateus 4:4)

Jesus citou aqui o profeta Moisés, que disse aos israelitas: “[Jeová] te humilhou e te deixou passar fome, e te alimentou com o maná que nem tu conhecias, nem teus pais conheciam; para que soubesses que o homem não vive somente de pão, mas que o homem vive de toda expressão da boca de Jeová.” (Deuteronômio 8:3) “Observai atentamente as aves do céu, porque elas não semeiam nem ceifam, nem ajuntam em celeiros; contudo, vosso Pai celestial as alimenta. Não valeis vós mais do que elas?” (Mateus 6:26) Jeová provê alimento de modo maravilhoso a todas as suas criaturas. — Salmo 104:14,21; 147:9. (BÍBLIA ON-LINE, 2015)

É relevante perceber que sendo o Pai o provedor, sobretudo na sociedade patriarcal da época em que as Escrituras foram escritas, personifica a paternidade, ao solicitar que o pão nos seja dado. Dessa forma, pede-se a Deus o essencial e o suficiente para hoje (para o momento presente).

Quase ao final a oração traz: *“Perdoa-nos as nossas dívidas, assim como nós também temos perdoado aos nossos devedores”* (Mateus 6:12). Comparado com : “Perdoai-nos os nossos pecados, pois nós mesmos também perdoamos a todo aquele que está em dívida conosco” (Lucas 11:4), o perdão não é referente a uma dívida financeira, mas sim aos pecados da humanidade, que passam a ser quando cometidos, como uma dívida com Deus, que esta pronto a perdoar (dirimir a dívida), perante o arrependimento sincero, que sugere não praticar mais o pecado, com base na fé no sacrifício de Jesus Cristo ao ser crucificado.

Em outra ocasião, indagado pelo apóstolo Pedro sobre quantas vezes se devia perdoar a alguém, Jesus traz o ensinamento: “Eu não digo até sete vezes, mas até 77 vezes”.



Além disso, em outras passagens das Sagradas Escrituras, Deus incentiva seus seguidores a terem disposição a perdoar. A condição para se ter o perdão dos pecados se baseia nessa disposição e no arrependimento sincero, que envolve não praticar mais o erro. (Mateus 6: 14, 15).

É interessante que o pedido “perdoa-nos as nossas dívidas, assim como nós também temos perdoado aos nossos devedores”, é a única parte da oração modelo sobre a qual Jesus fez um comentário. Depois de concluir a oração, ele acrescentou: “Pois, se perdoardes aos homens as suas falhas, também o vosso Pai celestial vos perdoará; ao passo que, se não perdoardes aos homens as suas falhas, tampouco o vosso Pai vos perdoará as vossas falhas.” (Mateus 6:14, 15) De modo que Jesus tornou bem claro que sermos perdoados por Jeová depende de estarmos dispostos a perdoar aos outros. — Marcos 11:25 (BIBLIA ON-LINE (2015)).

Nesse trecho da oração, o ser humano reconhece suas falhas para com outros, bem como as falhas que os outros fizeram contra quem ora dessa forma. Ao se reconhecer como um ser capaz de cometer erros e ser perdoado, também é importante perceber que outros podem errar e por isso devemos seguir exemplo de Deus e perdoá-los, destacando, mais uma vez, a Justiça divina.

O penúltimo pedido proferido: “*Não nos leves à tentação*” (Mateus 6:13), sendo a personificação do amor, Jeová Deus, e tendo em mente a menção feita por Tiago (Tiago 1:13) de que Deus não prova ninguém com coisas más, pois a Ele não é coerente dizer que conduziria alguém a ser tentado. Este pedido é para que Deus não deixe ninguém cair em tentação, não sucumbir as tentações do tentador (Satanás), o que está em consonância com (2 Coríntios 2:11) que diz: “para que não sejamos vencidos por Satanás, pois não desconhecemos as suas tramas”. Sendo o ser humano um sujeito que pode falhar, é importante desviar-se dos caminhos tortuosos da tentação e levar uma vida santa, ou seja, sem maldades, sem vícios, sem sentimentos e ações violentas.

A oração modelo termina de com as palavras: “*Livra-nos do iníquo*” (Mateus 6:13). O iníquo se refere a Satanás, o diabo. Sobre este, escreveu Tiago (4:7), discípulo de Jesus: “Sujeitai-vos, portanto, a Deus; mas oponde-vos ao Diabo, e ele fugirá de vós”. Também admoestou Pedro aos cristãos: “Mantende os vossos sentidos, sede vigilantes. Vosso adversário, o Diabo, anda em volta como leão que ruge, procurando a quem devorar. Mas, tomai vossa posição contra ele, sólidos na fé.” (1 Pedro 5:8, 9). Além da figura personificada do mal, existe ainda as legiões de seres humanos maldosos na época, que declarava guerras sangrentas, roubos, prostituição, torturas, pedindo a Deus que tire do caminho, qualquer pessoa que possa praticar qualquer ato violento.

Na análise do texto com um todo, trata-se de uma súplica, dirigida a Deus, ensinada pelo próprio Jesus (cognominado Mestre em diferentes religiões). Com efeito, ao dizer orem desse modo, há um ensinamento que se tornou universal, pelo seu caráter não apenas religioso (dogmático), mas sobretudo pela consolidação histórica dos textos bíblicos. Compreender o contexto da época em que Jesus fez a oração é de suma importância, pois a estrutura social era bastante diferente da contemporaneidade.

Entretanto, a visão de mundo do leitor, traz um horizonte de perspectivas na recepção do texto, que o auxilia a compreender que o texto é uma oração, pertencente ao discurso religioso, o qual demanda uma crença para sua compreensão mais ampla. Por outro lado, na escola, depara-se com alunos que se dizem ateus, sem realmente saber o alcance desse significado, embora compreendam o texto Pai Nosso em uma visão literal e própria daqueles que não acreditam em Deus.

Seja uma postura religiosa ou não, os efeitos de sentido de um discurso podem fazer com que o leitor alcance a interpretação do Pai Nosso, mesmo que seja destituída de fé específica. É justamente a liberdade de expressão que deve ser trabalhada na compreensão hermenêutica, lembrando que a tendência em ensino religioso é, atualmente, ecumênica, voltada para os valores humanos. Nesse sentido, têm-se vários ensinamentos de convivência salutar no texto do Pai Nosso, como o perdão, o livramento do mal, o pão nosso (coletivo), bem como a distinção entre a Terra e o universo (céus), ou seja, o alcance do poder do reino de Deus.

### **3.2 Os sentidos do verbo "For"**

Na próxima interpretação hermenêutica, foi escolhido um texto de João Ubaldo Ribeiro, publicado no jornal O Estado São Paulo em 23 de setembro de 1998. É uma crônica que entremeia o discurso literário ao jornalístico, intitulada "O verbo for", observa-se a questão enunciativa do verbo conjugado que pode ter dois significados distintos, dependendo do contexto, ou seja, verbo ser e verbo ir, exemplo: Se eu for a São Paulo, viajarei de carro e se eu for um bom motorista, chegarei com segurança. Importante ressaltar nessa preliminar que apenas o contexto pode elucidar qual a significação do verbo, por ser um homônimo do outro. Levanta-se um universo de perspectivas, a partir do próprio título da crônica, em que o leitor irá perceber o real significado apenas por meio da leitura completa do texto.

## O VERBO FOR

(João Ubaldo Ribeiro)

*Vestibular de verdade era no meu tempo. Já estou chegando, ou já cheguei, à altura da vida em que tudo de bom era no meu tempo; meu e dos outros coroas (...) O vestibular de Direito a que me submeti, na velha Faculdade de Direito da Bahia, tinha só quatro matérias: português, latim, francês ou inglês, e sociologia, sendo que esta não constava dos currículos do curso secundário e a gente tinha que se virar por fora. Nada de cruzinhas, múltipla escolha ou matérias que não interessassem diretamente à carreira. Tudo escrito ruibarbosianamente quando possível, com citações decoradas, preferivelmente (...).*

*Quis o irônico destino, uns anos mais tarde, que eu fosse professor da Escola de Administração da Universidade Federal da Bahia e me designassem para a banca de português, com prova oral e tudo. Eu tinha fama de professor carrasco, que até hoje considero injustíssima, e ficava muito incomodado com aqueles rapazes e moças pálidos e trêmulos diante de mim. Uma certa vez, chegou um sem o menor sinal de nervosismo, muito elegante, paletó, gravata e abotoaduras vistosas. A prova oral era bestíssima. Mandava o candidato ler umas dez linhas em voz alta (sim, porque alguns não sabiam ler) e depois se perguntava o que queria dizer uma palavra trivial ou outra, qual era o plural de outra e assim por diante.*

*Esse mal sabia ler, mas não perdia a pose. Não acertou a responder nada. Então, eu, carrasco fictício, peguei no texto uma frase em que a palavra “for” tanto podia ser do verbo “ser” quanto do verbo “ir”. Pronto, pensei. Se ele distinguir qual é o verbo, considero-o um gênio, dou quatro, ele passa e seja o que Deus quiser. – Esse “for” aí, que verbo é esse? Ele considerou a frase longamente, como se eu estivesse pedindo que resolvesse a quadratura do círculo, depois ajeitou as abotoaduras e me encarou sorridente. – Verbo for. – Verbo o quê? – Verbo for. – Conjugue aí o presente do indicativo desse verbo. – Eu fonho, tu fões, ele fõe – recitou ele impávido. – Nós fomos, vós fondes, eles fõem.*

*Não, dessa vez ele não passou. Mas, se perseverou, deve ter acabado passando e hoje há de estar num posto qualquer do Ministério da Administração ou na equipe econômica, ou ainda aposentado como marajá, ou as três coisas. Vestibular, no meu tempo, era muito mais divertido do que hoje e, nos dias que correm, devidamente diplomado, ele deve estar fonda para quebrar. Fões tu? Com quase toda a certeza, não. Eu tampouco fonho. Mas ele fõe.*

A interpretação se inicia através de uma leitura ininterrupta do texto, podendo haver novas leituras e releituras. Inicia-se por uma leitura efetuada com perspicácia e maior sutileza para relacionar as partes (parágrafos) com o todo textual. Como observou Gadamer (2002, p. 78): "(...) esse constante processo de *reprojetar* constitui o movimento do compreender e do interpretar". Dessa maneira, caminha-se para o desvendamento dos sentidos do texto, pois a cada leitura, torna-se possível o levantamento de novos dados para a compreensão plena do leitor. Na crônica de João Ubaldo, o referente textual é a primeira pessoa (eu), em que o autor narra de maneira saudosa o vestibular, fazendo uma breve comparação entre o processo em que se submeteu como aluno e a sua experiência, anos mais tarde, como professor.

No contexto, evidencia-se: "*Vestibular de verdade era no meu tempo*". É preciso familiarizar com as ideias do autor, uma vez que o texto contém seus pensamentos e explicita seu ponto de vista sobre a deficiência dos processos de ingresso no curso superior. Para construir uma metodologia interpretativa moldada pelas exigências de unicidade, racionalidade e coerência, na construção dos sentidos vários do texto, a interpretação pode ser deslocada para diferentes dimensões propostas pelo círculo hermenêutico.

Procedendo na leitura interpretativa com a postura de entender o sentido do texto como expressão de um indivíduo cuja atividade criadora encerrou em um texto um sentido determinado, o trabalho com o texto passa pelo desafio de reconstruir o pensamento do enunciador, visto até então como um indivíduo "estranho" ao apresentar um pensamento diverso ao do intérprete, caracterizando na obra, sua individualidade. De acordo com Schleiermacher (2000) o encargo do leitor é alcançar todo o processo interno do autor, na procura de compreender um autor melhor do que ele de si mesmo pode aperceber-se. O discurso está indiretamente relacionado com a vida do autor, que faz parte de uma sociedade num momento, numa época, particular. Na leitura hermenêutica então é preciso estar atento a qual contexto o texto está inserido e como o autor se posiciona psicologicamente diante dos fatos.

Importante perceber que o autor narra experiências de uma época em que o vestibular era realizado de forma discursiva, sem múltiplas escolhas, sendo a prova escrita e a arguição oral, reduzida a quatro disciplinas. Nesse cenário, o contexto histórico da crônica é de suma importância para se perceber as diferenças entre um procedimento inscrito na história, que evoluiu para a múltipla escola.

Dados históricos sobre os vestibulares em décadas passadas são relevantes para se compreender a cena retratada na crônica. Isso porque o autor critica a forma como se faz o processo seletivo atual, em detrimento de um processo que, para João Ubaldo, piorou, evidenciada na expressão "vestibular de verdade".

Ao intérprete cabe enxergar e conhecer os traços históricos que estruturam o texto. Dilthey dá segmento a hermenêutica mostrando a necessidade de uma interpretação que priorize a historicidade do sujeito. Em sua orientação hermenêutica é preciso na interpretação, compreender os fatos históricos para se alcançar as motivações de quem faz o discurso textual. Voltando a atenção para o meio (ambiente social) e a história, o intérprete ao ler será capaz de reexperimentar o evento e seu significado assim como o autor pretendeu ao escrever.

Nesta linha reflexiva cabível de um maior entendimento de quem foi o autor, e a historicidade desse sujeito torna-se propício buscar a resposta além do texto, obtendo assim o

esclarecimento de que o autor João Ubaldo Ribeiro (1941-2014) foi romancista, cronista, jornalista, tradutor e professor brasileiro. Este baiano e divulgador de sua cultura, lecionou Ciência Política na Universidade Federal da Bahia, onde permaneceu por 6 anos, mas desistiu da carreira acadêmica e retornou ao jornalismo. Foi membro integrante da Academia Brasileira de Letras, lançou mais de 15 livros, traduzidos para 16 idiomas e entre uma das honrarias recebidas por ele, está o prêmio Camões de 2008, considerado o maior galardão da língua portuguesa.

Entre suas obras merecem destaque "Sargento Getúlio", "Viva o Povo Brasileiro" e "O Sorriso do Lagarto", "O Conselheiro Come", que fizeram grande sucesso entre o público e críticos. Em sua vasta trajetória acadêmica concluiu o curso de Direito, Universidade Federal da Bahia e fez pós-graduação em Administração Pública.

Na compreensão do texto, levando em consideração o intento hermenêutico de Schleiermacher, pode-se notar e compreender como o autor faz uso de regras típicas da gramática, que tipos de progressão temática faz uso, a partir da união entre compreensão gramatical, centrada na linguagem do texto e a compreensão psicológica (*técnica*), centrada no autor, tidas como partes distintas, porém abrangedoras. De acordo com o pensamento filosófico, há uma interdependência entre essas duas análises, que fazem parte de um modelo circular, em que o homem é cabível de ser compreendido por meio do discurso, que é via aberta para a compreensão do ser. A linguagem que o texto utiliza é reveladora para o hermenauta. Heidegger a identifica como sendo a casa do ser, o que vai de encontro com a visão de Gadamer que diz que a linguagem nos fala. É unânime entre os filósofos da hermenêutica no processo interpretativo a ênfase envolvendo o estudo da linguagem empregada no corpo textual.

O segundo parágrafo do texto versa: "*Tudo escrito ruibarbosianamente quando possível, com citações decoradas, preferivelmente*". Com genialidade, João Ubaldo mostra individualidade no seu discurso textual por criar um neologismo: ruibarbosamente. É imperioso labutar sobre a frase de modo divinatório, buscando entender o sentido correto da linguagem utilizada por João, a partir de uma espécie de *cogenialidade* (no sentido de que o intérprete identifica no gênio do escritor algo de si), para compreender o sentido deste neologismo na frase, identificando a intenção do autor.

Transformou o nome de Rui Barbosa em um advérbio de modo, ou seja, a forma como deveria ser escrita as provas discursivas, estritamente sob o âmbito da linguagem formal, mais bem elaborada, para se ter valor discursivo. Para melhor compreensão do texto é imprescindível que o leitor conheça ou pesquise sobre Rui Barbosa (político e escritor baiano

do século XIX). Sua extensa bibliografia, em mais de cem volumes, reúne artigos, discursos, conferências e anotações políticas escritas durante toda uma vida. O neologismo é utilizado, para demonstrar o devido cuidado e responsabilidade com as questões do vestibular de Direito por ele submetido na então Faculdade de Direito da Bahia. A comparação é fundamentada pelo fato de Rui Barbosa ser conhecido por seu zelo com a gramática da língua portuguesa, em seus discursos patrióticos.

Conforme Schleiermacher (2000), a compreensão somente é exequível, quando há uma paridade entre o intérprete e o autor. Havendo a inexistência dessa paridade, mesmo que o leitor conheça a teoria hermenêutica não será competente para o compreender o discurso.

No terceiro parágrafo: "*Quis o irônico destino, uns anos mais tarde, que eu fosse professor da Escola de Administração da Universidade Federal da Bahia e me designassem para a banca de português, com prova oral e tudo*". O autor fala sobre sua experiência agora no papel de professor na mesma instituição que o formou, entretanto não há um período histórico explícito durante todo o texto, sendo necessário recorrer à sua biografia para se compreender o processo histórico em torno do vestibular. Além disso, o autor cita uma imprecisão periódica: "*uns anos mais tarde*". Nessa cena que ocorre no segundo parágrafo, João Ubaldo se mostra incomodado com a imagem que é atribuída injustamente, na palavra "carrasco", metaforicamente utilizada como pessoa exigente, possivelmente quanto às normas do português formal. Retrata também a fisionomia dos candidatos ao vestibular, que não se mostravam à vontade com a prova oral, demonstrando nervosismo e certo receio perante a figura do professor (carrasco). Até que surge um jovem que ao contrário dos outros se mostra seguro, confiante e bem alinhado em sua vestimenta. Descreve o processo de como acontecia a prova.

Em um excerto da crônica, lê-se: "*Esse mal sabia ler, mas não perdia a pose. Não acertou a responder nada. Então, eu, carrasco fictício, peguei no texto uma frase em que a palavra "for" tanto podia ser do verbo 'ser' quanto do verbo 'ir'*". Nota-se a ironia que o autor faz, pois "for" não é infinitivo de nenhum verbo e sim uma forma conjugada (futuro do subjuntivo) dos verbos ir e ser, porém parece que o autor força o aluno ao erro, mas pelo contrário, testa os conhecimentos do aluno. Então a trama do texto acontece quando é feita uma pergunta ao candidato sobre a conjugação de um verbo já conjugado, sendo que sua resposta mostra que ele desconhece os verbos e suas formas temporais, por a confundir como infinitiva e passa a conjugar erroneamente.

Ao final da crônica, o autor comenta: "*Não, dessa vez ele não passou. Mas, se perseverou, deve ter acabado passando e hoje há de estar num posto qualquer do Ministério*

*da Administração ou na equipe econômica, o ainda aposentado como marajá, ou as três coisas*". Comparando aquele candidato que mesmo não tendo a competência necessária, não perdia a pose, com seu provável destino no final do texto, mostra que o narrador está fazendo uma crítica irônica a política, ou a certos políticos quanto ao despreparo de alguns que ocupam cargos públicos.

Outra interpretação possível, remetendo-se esse trecho ao "*Vestibular de verdade era no meu tempo*", há uma coesão temática, pois se um aluno despreparado chega a um nível de Ministério, certamente logrou êxito em um outro processo seletivo, que não se compararia ao vestibular da época de João Ubaldo. Nota-se o valor que o cronista confere ao uso formal da língua portuguesa, para que o candidato possa prosseguir com os estudos em nível superior, pois na faculdade necessitaria de fluência na escrita para ser um administrador de sucesso.

Indubitavelmente, o contexto histórico, o conhecimento de mundo e da língua portuguesa, além de saber que a crônica pode ser um gênero publicado em diferentes domínios (livros, jornais, revistas, antologias, etc.) são de grande relevância para se compreender o texto. Dessa forma, os canais de comunicação para os discursos religioso, literário e jornalísticos, podem ser o mesmo, o jornal por exemplo, no entanto a função social do texto é diferente ainda que publicados em um mesmo jornal, a oração e a crônica.

### **3.3 Olhares infantis: A menina bonita do laço de fita**

Nesta interpretação, foi selecionado o texto de Ana Maria Machado, publicado no livro "*Menina Bonita do Laço de Fita*", pela editora Ática, em sua nona edição em 2008. É uma narrativa, uma estória destinada ao público infantil, da coleção Barquinho de Papel, cujos temas trazem à luz as diferenças e a aceitação da diversidade humana.

#### ***MENINA BONITA DO LAÇO DE FITA***

*(Ana Maria Machado)*

*Era uma vez uma menina linda, linda.*

*Os olhos pareciam duas azeitonas pretas brilhantes, os cabelos enroladinhos e bem negros. A pele era escura e lustrosa, que nem o pelo da pantera negra na chuva.*

*Ainda por cima, a mãe gostava de fazer trancinhas no cabelo dela e enfeitar com laços de fita coloridas.*

*Ela ficava parecendo uma princesa das terras da África, ou uma fada do Reino do Luar.*

*E, havia um coelho bem branquinho, com olhos vermelhos e focinho nervoso sempre tremelicando. O coelho achava a menina a pessoa mais linda que ele tinha visto na vida. E pensava:*

*- Ah, quando eu casar quero ter uma filha pretinha e linda que nem ela...*

*Por isso, um dia ele foi até a casa da menina e perguntou:*

*- Menina bonita do laço de fita, qual é o teu segredo para ser tão pretinha?*

*A menina não sabia, mas inventou:*

*- Ah deve ser porque eu caí na tinta preta quando era pequenina...*

*O coelho saiu dali, procurou uma lata de tinta preta e tomou banho nela.*

*Ficou bem negro, todo contente. Mas aí veio uma chuva e lavou todo aquele pretume, ele ficou branco outra vez.*

*Então ele voltou lá na casa da menina e perguntou outra vez:*

*- Menina bonita do laço de fita, qual é o seu segredo para ser tão pretinha?*

*A menina não sabia, mas inventou:*

*- Ah, deve ser porque eu tomei muito café quando era pequenina.*

*O coelho saiu dali e tomou tanto café que perdeu o sono e passou a noite toda fazendo xixi.*

*Mas não ficou nada preto.*

*- Menina bonita do laço de fita, qual o teu segredo para ser tão pretinha?*

*A menina não sabia, mas inventou:*

*- Ah, deve ser porque eu comi muita jabuticaba quando era pequenina.*

*O coelho saiu dali e se empanturrou de jabuticaba até ficar pesadão, sem conseguir sair do lugar. O máximo que conseguiu foi fazer muito cocozinho preto e redondo feito jabuticaba. Mas não ficou nada preto.*

*Então ele voltou lá na casa da menina e perguntou outra vez:*

*- Menina bonita do laço de fita, qual é teu segredo para ser tão pretinha?*

*A menina não sabia e..... Já ia inventando outra coisa, uma história de feijoada, quando a mãe dela que era uma mulata linda e risonha, resolveu se meter e disse:*

*- Artes de uma avó preta que ela tinha...*

*Aí o coelho, que era bobinho, mas nem tanto, viu que a mãe da menina devia estar mesmo dizendo a verdade, porque a gente se parece sempre é com os pais, os tios, os avós e até com os parentes tortos. E se ele queria ter uma filha pretinha e linda que nem a menina, tinha era que procurar uma coelha preta para casar. Não precisou procurar muito. Logo encontrou uma coelhinha escura como a noite, que achava aquele coelho branco uma graça.*

*Foram namorando, casando e tiveram uma ninhada de filhotes, que coelho quando desanda a ter filhote não para mais! Tinha coelhos de todas as cores: branco, branco malhado de preto, preto malhado de branco e até uma coelha bem pretinha.*

*Já se sabe, afilhada da tal menina bonita que morava na casa ao lado. E quando a coelhinha saía de laço colorido no pescoço sempre encontrava alguém que perguntava:*

*- Coelha bonita do laço de fita, qual é o teu segredo para ser tão pretinha?*

*E ela respondia:*

*- Conselhos da mãe da minha madrinha...*

A educação infantil é uma das fases mais importantes na formação social do ser humano, por ser a base, o princípio, em que o sujeito experimenta, pela primeira vez o contato com um conhecimento mais sistêmico, do qual ele irá explorar a partir de vivências e conhecimentos tanto da família, quanto do grupo social ao qual pertence. É um lugar onde seu mundo se expande, as trocas e interações são então iniciadas em um processo de aprendizado



pleno daquele ser que irá se desenvolver, progressivamente em todos os aspectos: emocionais, físicos, culturais, históricos, motores, intelectuais entre outros.

Uma das formas pelas quais a criança amplia sua visão é nas atividades de leitura. Essas são próprias para explorar as sensações, emoções, criatividade, o gosto pela literatura, a imaginação, a criatividade, a apreciação das artes, o fazer artístico, a valorização da cultura, a aceitação do outro. Nesse aspecto, o professor das séries iniciais precisa ter o perfil de um leitor que sabe dominar as regras de interpretações e extrair do texto o seu significado mais conciso para que sua mensagem chegue até o olhar dos seus alunos.

Nessa fase, a infância, o estímulo é essencial, mas não basta somente livros bem ilustrados, com figuras e cores chamativas, com imagens bidimensionais ou mesmo aqueles que exploram as texturas por meio do tato, ou o som através de recursos audiovisuais. Isso porque o educador infantil tem como estratégia o grande poder para atrair a atenção, a curiosidade, despertar o interesse, a motivação e assim desenvolver o gosto pela leitura. É por meio do desenvolvimento dessa apreciação da leitura, que as crianças terão maior facilidade para interagir com o mundo do texto, que se lhes abre já no início do seu egresso na vida escolar. Na infância, as interpretações textuais farão toda a diferença, porém cada aluno tem seu estilo próprio de aprender.

A hermenêutica pode ser sugerida como estratégia a ser iniciada com as crianças, em um trabalho de leitura proposto pelo professor, em cujo planejamento, propõe aplicar os princípios da hermenêutica, enviados em sua dinâmica de leitura dentro de seus planejamentos. Ademais, é preciso ser criterioso na escolha dos textos, pois a criança ainda está descobrindo as conexões intra e extra-textuais. Em virtude dessas particularidades, será apresentada a interpretação hermenêutica do livro em epígrafe.

Na interpretação hermenêutica é possível integrá-la ao contexto da educação infantil, por meio da fala, da escuta, da leitura, sendo essencial a atuação do professor como mediador de todo o processo interativo entre a criança e o texto. Essa atuação requer habilidade do docente, sendo essencial conhecer a linguagem da criança, para inserir novos conhecimentos linguísticos e textuais, gradativamente.

Ao iniciar pela capa do livro, o professor começa a fazer com as crianças uma leitura visual, em que os alunos irão observar os desenhos, o horizonte de perspectivas a partir do título do livro, bem como ao serem questionados pelo docente, começaram a exercitar seu raciocínio por levantar hipóteses sobre o assunto da estória, fazendo inferências. No decurso da narrativa, o docente pode questionar o que está acontecendo na estória e o que pode

acontecer, enquanto esta é contada pelo professor, fazendo uso de uma entonação de voz que favoreça a ênfase no assunto/temática, atraindo a atenção das crianças.

Na história a autora começa por descrever a menina, enfatizando a beleza da cor de sua pele ao associar sua cor negra em contraste com o coelho branco. Nesse momento, os alunos exploram, de maneira orientada, a relação entre a cor da pele e as diferentes etnias que há no Brasil e no mundo.

No trecho: "*Era uma vez uma menina linda, linda. Os olhos pareciam duas azeitonas pretas brilhantes, os cabelos enroladinhos e bem negros. A pele era escura e lustrosa, que nem o pelo da pantera negra na chuva. Ainda por cima, a mãe gostava de fazer trancinhas no cabelo dela e enfeitar com laços de fita coloridas*", muito se pode explorar que cores são as fitas da menina, bem como o que é uma pantera, momento em que o professor irá ampliar os horizontes de interpretação das crianças que desconhece as características negras do felino. Detalhe importante é a expressão: "Era uma vez", que normalmente inicia os textos narrativos infantis, bem como a diferença entre azeitonas verdes e pretas, sendo que independente da cor, ambas têm um sabor agradável ao paladar. Assim, o professor pode comparar as belezas entre a negritude e outras peculiares a diferentes etnias, trabalhando o respeito à diversidade humana.

Nesse momento, a plateia (alunos da educação infantil) demonstra grande interesse em visualizar a cena, a fim de associar o que se ouviu, com o que foi imaginado em sua mente, momento em que o professor passa a mostrar as ilustrações à criança a partir do conteúdo do texto. Da mesma forma, antes de dar continuidade à narrativa, o professor pode perguntar se há alguém, entre os alunos, com as mesmas características da personagem da história, ressaltando traços e beleza da menina. Nessa dinâmica, os alunos trazem por meio da leitura do livro, a sua interação com o mundo, seu conhecimento, seu olhar, inclusive a questão da estética e da beleza.

Nota-se que na educação infantil os alunos ainda não construíram as habilidades de leitura e escrita, sendo então leitor-ouvinte, característica da contação de histórias, nessa fase da aprendizagem. Sendo assim, a turma continua a ouvir na voz do professor hermeneuta e mediado por ele interage com a autora Ana Maria Machado.

Detalhes interessantes podem ser analisados no seguinte trecho:

*Ela ficava parecendo uma princesa das terras da África, ou uma fada do Reino do Luar. E, havia um coelho bem branquinho, com olhos vermelhos e focinho nervoso sempre tremelizando. O coelho achava a menina a pessoa mais linda que ele tinha visto na vida. E pensava:*

- *Ah, quando eu casar quero ter uma filha pretinha e linda que nem ela...*

Agora aparece o contraste do negro com o branco, por meio da diferenciação da cor, a estória mostra as diferenças na aparência física de seus personagens, uma menina da cor preta, com suas características próprias em comparação com a beleza da cor negra com a pantera ou como uma princesa da África, momento em que o professor pode interromper a narrativa e discursar sobre o continente africano, para mediar noções de geografia e diferentes continentes e países. Há uma diferenciação entre a menina negra e o coelho branco, que era um admirador de tamanha beleza da cor da pele de sua vizinha. Ressalta-se os diferentes tipos de beleza e que a estética é uma dimensão do ser humano, que traz influências da cultura nativa.

Na abertura dos horizontes de expectativas, as crianças podem experimentar a diversidade humana como característica a ser contemplada, respeitada, ao mesmo tempo que se percebem diferentes do outro, não apenas quanto à cor da pele, mas em outras características como cor dos olhos, cor do cabelo. Em uma atitude interativa, as crianças passam a dialogar entre si sobre as diferenças e os preconceitos que há em torno da etnia e porque isso ainda acontece atualmente. É o professor pergunta: mas qual era a vontade do coelho branco? Num ambiente propício, em que todos estão envolvidos com a história e seu acontecimento, pode-se incentivar ainda mais a curiosidade dos alunos alargar os horizontes já abertos por meio da leitura (no caso a escuta também pode ser trabalhada).

A história então segue com explicações dadas pela menina sobre a origem de sua pele ser negra, e as tentativas desesperadas do coelho para ficar igual a menina. A linguagem utilizada é bem inteligível para as crianças, visto que remetem a coisas comuns como café, tinta, jabuticaba, todas as situações tendo um desfecho cômico, por meio de uma linguagem descontraída, buscando no imaginário das crianças o fim de cada situação. Como por exemplo, depois de tomar o banho de tinta, começar a chover e o que acontecerá ao coelho? Muitas crianças podem arriscar e argumentar que o coelho irá ficar branco novamente.

Rima e ritmo na expressão "*Menina bonita de laço de fita*" é também um potencial literário que pode ser explorado com as crianças, solicitando novas rimas com as palavras bonita e fita. A autora dá voz ao coelho e a menina começando a interação dialógica tão comum nas narrativas:

*Por isso, um dia ele foi até a casa da menina e perguntou:*

- *Menina bonita do laço de fita, qual é o teu segredo para ser tão pretinha?*

*A menina não sabia, mas inventou:*

- *Ah deve ser porque eu caí na tinta preta quando era pequenina...*

*O coelho saiu dali, procurou uma lata de tinta preta e tomou banho nela. Ficou bem negro, todo contente. Mas aí veio uma chuva e lavou todo aquele pretume, ele ficou branco outra vez. Então ele voltou lá na casa da menina e perguntou outra vez:*

- *Menina bonita do laço de fita, qual é o seu segredo para ser tão pretinha?*

*A menina não sabia, mas inventou:*

- *Ah, deve ser porque eu tomei muito café quando era pequenina.*

*O coelho saiu dali e tomou tanto café que perdeu o sono e passou a noite toda fazendo xixi.*

*Mas não ficou nada preto.*

- *Menina bonita do laço de fita, qual o teu segredo para ser tão pretinha?*

*A menina não sabia, mas inventou:*

- *Ah, deve ser porque eu comi muita jabuticaba quando era pequenina.*

*O coelho saiu dali e se empanturrou de jabuticaba até ficar pesadão, sem conseguir sair do lugar. O máximo que conseguiu foi fazer muito cocozinho preto e redondo feito jabuticaba. Mas não ficou nada preto.*

Enquanto conta a história o professor explora os conhecimentos de mundo que os alunos trazem, sua vivência com o que é abordado no texto, ocasionando um encontro entre o livro e a vivência de cada leitor-ouvinte.

Segundo Gadamer (2002) o intérprete precisa fazer com que o texto fale, criando um diálogo com o texto que está sendo interpretado. Com base em uma metodologia fundamentada na hermenêutica o professor poderá diante de sua turma dinamizar um diálogo que propiciará uma fusão do horizonte do texto com o horizonte expandido de seus alunos. Por aplicar com as crianças uma aproximação do texto e da realidade desses alunos, das vivências e leituras de mundo que já trazem em sua bagagem.

Dessa forma, pode perguntar aos alunos porque existem pessoas com diferentes tons de pele, podendo alargar os horizontes de interpretação da criança, que irá justificar o porquê das diferenças segundo sua noção de mundo e diversidade. A criatividade com que a menina explica ao coelho o porquê de sua cor, também é muito importante ser explorado, pois mesmo que a rima se repita por quase toda a história (impondo um ritmo), as respostas são diferentes.

Em uma postura hermenêutica, cabe ao docente ir auxiliando os alunos quanto à progressão narrativa, com comentários e questionamento dentro de um espaço criado para o

diálogo sobre a leitura do livro, em que os alunos também, ao terem contato com novas palavras, aumentam seu conhecimento lexical. O professor, dando continuidade à leitura em voz alta, poderá perguntar já que nada que a menina disse deu certo para que o coelho ficasse preto: o que mais ela iria inventar? Será que ela teve uma outra ideia?

Chega então o desfecho da história:

*Então ele voltou lá na casa da menina e perguntou outra vez:  
- Menina bonita do laço de fita, qual é teu segredo para ser tão  
pretinha?*

*A menina não sabia e..... Já ia inventando outra coisa, uma  
história de feijoada, quando a mãe dela que era uma mulata linda e risonha,  
resolveu se meter e disse:*

*- Artes de uma avó preta que ela tinha...*

Aqui se tem a informação de que a cor da pele dela estava relacionada a sua família, mostrando que cada um herda características de seus ancestrais. No caso do livro infantil, as ilustrações ajudam muito no entendimento do texto. Ao observar as ilustrações, as fotografias da família da menina, fica de fácil entendimento, o fato dela ser negra por causa do seu parentesco com pessoas negras. O mesmo acontece com o coelho que também observa as fotografias de seus familiares e constata que todos são brancos.

Percebe-se que a menina não sabe porque é negra e começa a inventar estórias para responder satisfatoriamente ao coelho. Este confiante de que a receita da criança irá dar certo, pratica e percebe a frustração, mas não desiste. Por outro lado, ao inventar a menina não mede as consequências, apenas procura satisfazer a curiosidade do coelho. É importante que o professor destaque a perseverança do coelho, que termina por descobrir como a menina adquiriu cor tão bela, reforçando a potencialidade do não desistir quando queremos muito conhecer mais profundamente sobre algo.

Então, o coelho toma uma decisão, ao compreender que a genética é a chave secreta para expandir a diversidade:

*Aí o coelho, que era bobinho, mas nem tanto, viu que a mãe da  
menina devia estar mesmo dizendo a verdade, porque a gente se parece  
sempre é com os pais, os tios, os avós e até com os parentes tortos. E se ele  
queria ter uma filha pretinha e linda que nem a menina, tinha era que  
procurar uma coelha preta para casar.*

Nesse trecho, é encontrada a resposta para o questionamento do coelho, e a solução para se ter um parente da cor negra, já que a cor da pele está relacionada ao parentesco que se tem com os pais, avós, tios e outros da família, desconstruindo o

preconceito já em tenra idade, pois todos somos unos (únicos) e diversos. Os comentários dos alunos seguem com identificações de algumas características de sua família, reconhecendo semelhanças e diferenças entre filhos e pais.

*Não precisou procurar muito. Logo encontrou uma coelhinha escura como a noite, que achava aquele coelho branco uma graça. Foram namorando, casando e tiveram uma ninhada de filhotes, que coelho quando desanda a ter filhote não para mais! Tinha coelhos de todas as cores: branco, branco malhado de preto, preto malhado de branco e até uma coelha bem pretinha. Já se sabe, afilhada da tal menina bonita que morava na casa ao lado. E quando a coelhinha saía de laço colorido no pescoço sempre encontrava alguém que perguntava:*

*- Coelha bonita do laço de fita, qual é o teu segredo para ser tão pretinha?*

*E ela respondia:*

*- Conselhos da mãe da minha madrinha...*

Na união entre o diverso - coelho branco e coelha negra - nasce outros seres ainda mais diversos, porém parecidos com seus pais e outros ancestrais. Além disso, a questão de que apenas um filhote nasceu negro e passou a se tornar a protagonista da história, despertando a curiosidade sobre sua cor, é também um dado relevante no desfecho da estória, pois a coelhinha negra já tem uma referência sobre a origem de sua pelagem preta, também as crianças passariam a ter noção de que herdamos características familiares.

Segundo Heidegger (1997) o hermeneuta deve falar a partir da linguagem. Assim vê-se que a essência da linguagem textual evidencia na narrativa, um paralelo entre o individual e o coletivo. Algo que deve ser usado pelo professor que está contribuindo para a formação de crianças que se tornaram adultos e construtores de uma nova sociedade. Trabalhar a interpretação hermenêutica da estória valorizando ainda a aceitação de si e do outro, além dos traços que se herdam dos parentes, embasado por Heidegger sobre o fato de a compreensão correta acontecer quando o intérprete baseia suas estruturas prévias nas coisas em si, o professor ao ler a estória estimula e constrói junto com as crianças a aceitação, a importância do convívio e amizade entre pessoas diferentes, o respeito à diversidade. O tema passa a ser compreendido e trabalhado com a criança, salientando que toda beleza tem sua origem estética.

Observa-se que a postura hermenêutica do professor é imprescindível para introduzir a criança no universo da leitura. O professor ao demonstrar afeto pela criança e pelo livro, o prazer da leitura, o poder da entonação da voz para dar vida à narrativa também é uma atuação modificadora de sentidos textuais. Essa atuação contribui para que desde a

educação infantil, a criança já comece a familiarizar com uma leitura interativa, contextualizada, expressiva, que envolve reflexão ao relacionar as partes e o todo.

A criança está rodeada de fatos, cenários e objetos que ainda não compreendem pela escrita, mas a visão motivadora do educador infantil é fundamental para orientar a criança em seus estudos futuros. Uma atitude transformadora permite uma experiência fundamental e prazerosa na Educação Infantil, viabilizando ao aluno a compreensão de que pode colher várias informações pela leitura, enfatizando o valor da escrita na sociedade contemporânea.

Na infância, está se formando a consciência da criança, que lhe propiciara reviver lembranças internas. Husserl (1990) se referiu ao fluxo da consciência e sua interação com a percepção.

Sem dúvida, a vida da consciência encontra-se em fluxo, e todo o cogito se insere numa corrente, sem elementos últimos e relações últimas fixáveis. Mas na corrente domina uma típica muito bem assinalada. A percepção é um tipo universal, a recordação é um outro tipo, consciência vaga e claro está, retentiva, como a que tenho de um fragmento de melodia- coisas semelhantes são tipos universais, recortados com precisão que por seu turno, se particularizam no tipo percepção da coisa espacial e no tipo percepção de um homem, do ser psicofísico (HUSSERL, 1900, p. 29).

O professor ao ter uma postura hermenêutica, diante do texto, estará construindo com seus alunos potenciais e horizontes que poderão permear todo o ciclo educacional, ampliando sua consciência discursiva para toda a vida, como unidades significativas para buscar o sentido de um texto. A criança percebe o livro como um objeto repleto de significado. Segundo Husserl, toda análise intencional alcança desde a vivência momentânea, descortinando potencialidades ao realçar novas experiências.

### **3.4 O discurso publicitário: análise de uma propaganda**

A propaganda é um gênero textual bastante utilizado no ensino de leitura e produção de textos, tendo por função, ou, intenção a de convencer as pessoas sobre a importância e necessidade de se adquirir um produto ou um serviço, levando seu público a se tornar consumidores do que a propaganda está oferecendo de maneira atraente. Sua veiculação é feita em diversos canais de comunicação, como as mídias impressas (jornais, revistas, cartazes, prospectos, folhetos), e eletrônica (cinema, televisão, internet). Nesse

panorama, a linguagem que a propaganda traz é imperativa, positiva, concisa e direta ao interlocutor, com o intuito de alcançar sua finalidade.

Na análise, será abordada uma propaganda da educação profissional da empresa S.O.S, veiculada na internet desde 1998.

**GERAÇÃO S.O.S**  
Faça parte desta nova geração!

VOCÊ PODE COMPOR OS CURSOS COMO QUISER, ESCOLHA SUA PROFISSÃO:

- Operador de Sistemas
- Designer Gráfico
- Web Designer
- Analista de Suporte Técnico
- Programador de Sistemas
- Operador de Telemarketing
- Assistente Administrativo
- Gestor de Projetos

"Ei, garoto! Uma nova geração tá pintando no mercado. Moderna, dinâmica, bem preparada, cheia de possibilidades e com a certeza do sucesso profissional. Faça parte desta geração. Faça S.O.S." Sérgio Goldman

**MATRICULE-SE JÁ!**  
A escola que mais prepara para o mercado de trabalho.

**S.O.S**  
Educação Profissional  
[www.sos.com.br](http://www.sos.com.br)

**Freguesia**  
Av. Geremário Dantas, 1450 - ☎2425-4969

**Taquara**  
Av. Nelson Cardoso, 1141 - ☎2423-3440

1. Melhor para 2005  
2. Melhor para 2004  
3. Melhor para 2003

SEJA PROFISSIONAL PARA S.O.S.

A Melhor de Brasil

Para Ricoeur (1990), o caminho que se deve percorrer é o próprio texto, que se apresenta como um discurso sob a forma de inscrição, na qual suas condições de possibilidades também são as do texto. O evento linguístico está submetido a uma série de polaridades dialéticas, condensadas na dupla articulação entre evento e significação, ou seja, entre sentido e referência. Nessa interpretação, a finalidade da propaganda acima é divulgar cursos profissionalizantes de maneira atraente. No cartaz, é possível observar o título em letras capitulares, o que evidencia seu objetivo de atrair a atenção do leitor.

Além da escrita verbal a mensagem se apropria também de uma linguagem não verbal, ou seja, também faz parte de sua composição, as cores utilizadas, as formas, e as imagens, para explorarem o desejo de consumo da sociedade. Estabelecendo comunicação direta com seu público alvo, jovens que pretendem se qualificar para ingressar no mercado de



trabalho, a propaganda faz uso da imagem do apresentador e comunicador Serginho Groisman, que goza de empatia e linguagem íntima com essa faixa etária.

Segundo Husserl, a intencionalidade da linguagem é objetivo da leitura hermenêutica e nesta propaganda é importante atentar para a marca do produto - S.O.S Educação Profissional - que remete à abreviatura da palavra socorro, ou seja, cursos que atende de imediato os consumidores, sobretudo para quem tem urgência em se formar. Nesse sentido, os argumentos para se matricular nos cursos ofertados são feitos pela fala do apresentador, diretamente com os jovens e é destacada através do emprego de aspas. Da mesma maneira, o apresentador famoso aponta para alguém que está interagindo com o cartaz, como que indicando ao leitor os cursos da S.O.S.

Em seu legado, Heidegger (2006) expõe sobre haver uma articulação significativa na fala, para a compreensibilidade do ser-no-mundo, pertencente ao ser-com partilhado na interlocução.

Disposição e compreender são os existenciais fundamentais que constituem o ser do pre, ou seja, a abertura do ser-no-mundo. O compreender guarda em si a possibilidade de interpretação, isto é, de uma apropriação do que se compreende. Sendo disposição e compreender igualmente originários, a disposição se mantém numa certa compreensão. Corresponde-lhe também uma certa possibilidade de interpretação. O enunciado tornou visível um derivado extremo da interpretação. (HEIDEGGER, 2006, p. 223)

Esse derivado extremo a que Heidegger se refere, cabível de disposição para sua compreensão se refere à fala. Nesse contexto, a enunciação é constituinte da linguagem e está articulada em significações refletidas pela pessoa do ser-no-mundo. Por conseguinte, o ato interpretativo é realizado a partir da disposição do intérprete, de compreender e interpretar um enunciado com um fundamento ontológico-existencial da linguagem, observando o emprego da fala utilizada.

Assim orientado por Heidegger (2006), o hermeneuta é levado a perceber que no enunciado da propaganda, a presença do apresentador se pronuncia, por meio de uma fala inteligível aos jovens, quanto ao seu modo de dizer, no vocativo. “*Ei garoto*”. Pela invocação feita diretamente ao outro, além da linguagem gestual de apontar para o leitor, existe uma marca discursiva do próprio apresentador, que remete ao seu programa direcionado aos jovens. Essa associação entre o apresentador e público-alvo, traz o ser-no-mundo, para uma realidade concreta, materializada no discurso publicitário.

Uma linguagem informal também pode ser veiculada na propaganda, a exemplo de: “*uma nova geração tá pintando no mercado*”... Ao utilizar essa linguagem criativa e dinâmica, com expressão popular, criadas entre os jovens, a palavra “pintando” empregada na

propaganda, aparece com o sentido de uma nova geração estar surgindo no mercado de trabalho. Essa geração é convidada para se aperfeiçoar e assim construir competências para atuação e competitividade.

Nessa linha de raciocínio, Ricoeur (1976, p. 24) aponta que:

Para o intérprete, que investiga o todo caminhando pelas partes, um princípio fundamental para seu trabalho lhe é legado pelo dizer de Paul Ricoeur quanto a fala se dar como um evento e enquanto tal, compreendido de significação. De acordo com suas palavras: o conceito de significação admite duas interpretações que refletem a dialética principal entre evento e sentido. Significar é o que o falante quer dizer, isto é, o que intenta dizer e o que a frase denota, isto é, o que a conjunção entre a função de identificação e a função predicativa produz. Por outras palavras, a significação é noética e noemática. Podemos conectar a referência do discurso ao seu falante com o lado eventual da dialética. O evento é alguém falando. Neste sentido o sistema ou código é anônimo, na medida em que é meramente virtual. As línguas não falam, só as pessoas. (RICOEUR, 1976, p. 24)

Usando linguagem imperativa o apresentador conclui sua fala dizendo: “Faça parte desta geração. Faça S.O.S”. Outro sentido a esse trecho pode também ser uma forma de convidar a geração jovem a se matricular nos cursos oferecidos pela S.O.S. Ainda pode-se deslocar o sentido do verbo "faça", para recomendar os cursos profissionalizantes ao público alvo.

Em seguida o texto expõe formas de contato para os interessados a se inscreverem no curso, por meio de endereço eletrônico, e-mail, site, endereço ou telefone. Apresenta uma oportunidade única de os interessados em montar o seu próprio curso, diferenciando-se no mercado por essa característica. Divulga, ainda, os cursos de maior repercussão no mercado de trabalho contemporâneo, voltados para a informatização e análise de sistema, demonstrando ser uma empresa atualizada.

Uma significação igualmente importante é o emblema "Geração S.O.S", o que remete a uma nova geração de jovens capacitados para o mercado de trabalho, enaltecendo o logotipo da empresa. Além de divulgar os cursos, o autor confere certa importância à logomarca S.O.S, que é característica do discurso publicitário, em que não se vende apenas o produto, mas consolida no mercado a própria organização empresarial. Existe, inclusive, o imediatismo com a expressão em letras destacadas: "Matricule-se já", que também pode ser interpretada como as facilidades de se matricular on-line.

### 3.5 O haicai Meus Amigos

No haicai, pela própria estrutura poética (versos curtíssimos e estrofes de no máximo 4 versos) está o reconhecimento do gênero textual, devido à presença de características peculiares. Embora nem todo poema adere regras referentes a métrica e rimas, como acontece nos sonetos, o haicai tem como definição, de acordo com Duarte (2014): "(...) uma estrutura diferente daquela que convencionalmente conhecemos. Entre outros elementos, estão a precisão e a objetividade, demarcadas pela economia de palavras". Ressalta-se que o haicai, uma forma específica de poema, como todo gênero do discurso literário, é considerada uma arte literária. O poema ao qual se aplica a leitura hermenêutica foi editado em 1983, e publicado no livro *Caprichos e Relaxos* de Paulo Leminski.

O processo de interpretar levado por Schleiermacher, que define a hermenêutica como a arte de interpretar, prioriza que o intérprete deve recriar o ato criativo do autor. Para tanto há que se conhecer a linguagem do autor, o gênero textual utilizado, outras obras desse mesmo autor, aspectos de sua vida que influenciaram sua criação, o assunto que o discurso aborda. Assim como também o público ao qual esse autor se dirige. A partir daí o intérprete poderá reconstruir o processo de criação do texto, utilizando o método comparativo, em que se faz uma comparação com a produção de autores da época, e especialmente a vivência das pessoas, experimentando no caso do texto o sentimento de amizade. Já pelo método divinatório o intérprete se apercebe de aspectos que dentro do texto lhe são comuns fazendo uma comparação com si mesmo, devido a semelhanças pertencente aos seres humanos.

Paulo Leminski (1944-1989) é um poeta destacado por sua maneira original de escrever, fazendo uso de trocadilhos, e brincadeiras com ditos populares. Foi escritor, crítico literário, letrista, tradutor e professor de história e redação. Fortemente influenciado pela cultura japonesa, em sua manifestação artística, fez uso do haicai, de Matsuo Basho, que significa “*hai = brincadeira, gracejo e kai = harmonia, realização*”, nessa forma poética, o destaque é para a concisão e objetividade, com textos curtos, referente a um estilo poético de origem japonesa.

O Poeta, tradutor, ensaísta Haroldo Campos (1929-2003) assim descreve Paulo relembra ao escrever a apresentação de *Caprichos e Relaxos*, “Foi em 1963, na ‘Semana Nacional de Poesia de Vanguarda’, em Belo Horizonte, que Leminski nos apareceu, 18 ou 19 anos, Rimbaud curitibano com físico de judoca, escandindo versos homéricos, como se fosse um discípulo zen de Bashô, o Senhor Bananeira”. Leminski é assim descrito como alguém de

uma genialidade notável, interessado por diferentes e diversos conhecimentos, exercendo distintas atividades numa vivência intensa.

No haicai, as palavras são revestidas de objetividade, sem se distanciar da subjetividade inerente à interpretação de um discurso literário, trabalhadas de acordo com a intenção do autor de provocar e causar diferentes emoções em seus leitores. Dessa maneira Paulo Leminski se expressa, de maneira lapidada, um sentimento comum e experimentado pelos seres humanos: a amizade.

### ***MEUS AMIGOS***

*(Paulo Leminski)*

*Quando me dão a mão  
sempre deixam  
outra coisa*

*presença  
olhar  
lembrança calor*

*meus amigos  
quando me dão  
deixam na minha  
a sua mão*

A tradição hermenêutica leva o intérprete a fazer uma leitura inicial para se inteirar do assunto, se apercebendo da estrutura, composição e linguagem do poema. Em virtude da licenciosidade poética, a postura do intérprete, precisa levá-lo a se manter concentrando na obra do poeta, para extrair seu significado e a questão estética na recepção da arte.

As perguntas formuladas durante a interpretação levam a pistas que favorecem o entendimento e a compreensão. A biografia de Paulo Leminski como foi? O autor tem outras obras sobre este mesmo tema? Quais são outras obras publicadas do escritor? Como é engendrado pelo modo de escrever? O círculo hermenêutico é um círculo sem fim. Tudo com o objetivo de diminuir o distanciamento, conquistando a apropriação do texto. A parte gramatical, estética, acrescida também da investigação psicológica do autor, são definidas como métodos e recursos necessários para que o interprete possa alcançar a real compreensão do texto.

O autor combina em suas composições uma linguagem simples aparentemente (oralidade, humor) efeitos mais sutis (anagramas, jogos de palavras). Apresenta a linguagem

do autor caracterizada por uma dicção própria algo comum em os seus livros posteriores. Em sua escrita é notado uso de trocadilhos, brincadeiras com ditos populares e grande influência da cultura japonesa.

De acordo com Heidegger, que segue os princípios hermenêutico de Schleiermacher, porém se diferencia ao focar não na intenção do autor, a atenção do intérprete deve voltar-se para a casa do ser, ou seja a linguagem. Há que se desvendar a intenção poética do poema, por meio de uma interpretação que leve a compreensão de como o autor faz uso da linguagem para se expressar, de um modo criativo fazendo com que as palavras falem ao leitor, que por sua vez deve escutar as palavras.

O poema, Meus Amigos, está estruturado contendo um total de onze versos agrupados em três estrofes. Na primeira estrofe, no meio do verso há presença de rimas (internas), que proporciona sonoridade ao poema, dão/mão, também na segunda estrofe com as palavras, presença/lembrança (calor), ocorre repetição de sons semelhantes no final dos vocábulos.

Nota-se a presença de uma palavra composta no poema, lembrança calor, surge então o questionamento do seu significado na interpretação hermenêutica. Tendo em mente que a expressividade do poema traz a visão de amizade delineada por um modo de pensar e se manifestar muito característico de Paulo Leminski, traz a esse poema a visão de amizade, segundo suas experiências cotidianas. Assim o intérprete interioriza na prática hermenêutica a visão de Gadamer (2002) sobre a linguagem enquanto trazendo uma visão de mundo.

Outra palavra que também chama a atenção é a palavra 'mão'. A fundamentação teórica da hermenêutica chama a atenção para o fato de palavras que parecem óbvias, mas que também tem outros significados. E o dicionário pode ajudar como uma ferramenta a que o intérprete deve recorrer. Mão é uma palavra que em português pode ter diferentes significados, dependendo da sentença em que aparece. Seu significado abrange não somente um membro do corpo humano, como pode também variar, dando sentido de posse, autoridade, camada de tinta, sentido de trânsito em ruas ou estradas e outros significados aplicáveis a palavra.

Cabe ao hermenauta relacionar o seu significado dentro do contexto em que ela aparece, para isso, ao observá-la, é preciso considerar o verso, a estrofe e o poema todo para compreender o significado oculto no aparente. A que se refere mão? E lembrança calor que sentidos são aplicáveis a esta nova palavra? Aqui se começa a fazer perguntas a partir da análise das palavras caminhando para o verso e ou estrofe. O poema repete essa ideia do que

acontece com o contato com a mão e mostra lembrança calor com o objetivo de transmitir a ideia de sensação.

No haikai, dito pelo poeta, a percepção da presença dos amigos, por meio do contato com a mão, sugere uma forma de cumprimentar o outro. Referente ao pegar na mão, (membro do corpo humano) é definida pela palavra lembrança calor como duas sensações: uma física pela sensação corporal, e outra psicológica, aconchego. Nessa visão, há também a lembrança. Essa presença é tão marcante que o autor não os separa e utiliza o recurso da criação ao expressar sua impressão, tornando o sentimento algo agradável de ser vivido.

Para Gadamer a interpretação deve evitar a arbitrariedade e limitações que surgem devido a hábitos mentais em centrar a atenção nas coisas por si mesmas, no texto. Referencia-se a um viver e, a medida que o leitor aprofunda na leitura, essa primeira ideia vai se reformulando, segundo a primeira aproximação do texto, para se chegar a uma compreensão do texto que não será uma interpretação definitiva, pois pode haver releituras e retomar o processo interpretando e reinterpreto.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No universo da comunicação humana, o ser humano, único dotado de consciência e capaz de dar significado a sua existência através da linguagem, ao fazer uso da escrita, insere-se na temporalidade, como um ser histórico. A leitura o leva, por meio do pensamento e da lembrança, a reviver o passado e avançar no futuro. O discurso proporciona uma distância temporal do mundo concreto e o surgimento de ideias abstratas, ao desatar perspectivas do pensamento, abrir portas para o imaginário, para a invenção, para a metáfora.

Para o leitor de um universo discursivo, há o distanciamento do vivido e o confronto das ideias, devido ao fato de se trazer para sua realidade, o deslocamento de sentidos de um fato não presenciado, mas enunciado. Sendo que não é possível conseguir vislumbrar o concreto, mas o contexto, o já-dito por pessoas de uma mesma época, ou por outras gerações. Nesse cenário, a interpretação que se faz necessária perante a informatividade textual leva a leitura a se conceituar como além da mera decodificação do símbolo escrito, mas sim como o desvelar da tessitura de um texto.

Toda leitura, enquanto ato comunicativo, requer interpretação, para uma possível explicação e compreensão, da mensagem enunciada. Dada sua complexidade, necessita de artifícios que a enriqueçam, que a consolidem como uma competência da qual o aluno ao desenvolvê-la seja capaz de realizar inferências, estabelecer semelhanças e diferenças, continuidade na sucessão no tempo, causalidades, conseqüentemente, situando-se no mundo e sendo capaz de agir pela escrita e pela leitura.

Na educação, a atuação com a leitura pode ser enriquecida com os princípios da hermenêutica, como guia metodológico de orientação para se proceder na leitura e na escrita, visando a compreensão sobre aspectos teóricos, literários, estéticos, históricos, científicos. Sua fundamentação considera aspectos essenciais para compreensão do texto, tais como o contexto e as influências sociais, uma vez que a herança cultural, a interação entre o social e o pessoal direcionam a trajetória do ser humano, em sua formação social de leitor. A leitura hermenêutica investiga também questões psicológicas, o ato de criação do autor, bem como valoriza a natureza histórica, ontológica e epistemológica da obra, estabelece um estudo da gramática contextual, bem como a formalidade da linguagem utilizada.

Uma interpretação hermenêutica objetiva alcançar de um texto, ou de uma obra, o seu sentido mais amplo e profundo, para além da compreensão literal de uma progressão linguística. Seu objetivo é levar o intérprete a compreender os vários discursos que transpõem a realidade, de modo a ter uma visão compreensiva e crítica dos conteúdos escolares, quando

aplicada à educação. Nesse contexto, a explicação e a compreensão de uma obra, pode conduzir a mudanças e construções sociais de leitor, percebendo-se e manifestando-se frente ao mundo, à educação, percebendo sua transformação em um ser que compreende a escrita. Oportunizar ao aluno a dar voz ao texto e por meio de uma releitura de textos e obras, o intérprete-aluno poderá se explicar em relação à obra e emitindo a compreensão que tem dela pela reconstrução.

Diante da interpretação realizada nesta pesquisa, percebe-se que a prática hermenêutica na educação é vantajosa e impulsionadora além de ser formativa, por propiciar uma visão consciente e criticidade que contribuirão para a formação dos indivíduos capazes de argumentar na prática de mundo comunicativo diverso. Nessa perspectiva, a demanda da educação é ensinar para a vida, a educação acontece somente quando é capaz de propiciar ao aprendiz, faculdades intelectuais que o possibilitem a fazer mudanças conscientes.

Essa integração é uma alteração apropriada para os tempos contemporâneos, período este em que as informações chegam a todo o momento por diferentes canais de comunicação. Fazer inteligível a comunicação, por meio do discurso é uma necessidade atual de mudanças para práticas de leituras fundamentadas em uma concepção, o caso desta pesquisa a hermenêutica.

A presente pesquisa esclareceu que a hermenêutica pode ser aplicada a diferentes situações comunicativas em que a leitura é a prática central. Na escola, o intérprete-aluno constrói no cotidiano da sala de aula princípios fundamentais de ser no mundo pela compreensão da leitura dos multi-discursos que veiculam na escola. A hermenêutica traz em sua fundamentação uma proposta enriquecedora para o trabalho com interpretação de texto e escrita argumentativa.

Importante ressaltar que a prática hermenêutica, nesta pesquisa, propiciou à hermeneuta-pesquisadora uma reflexão sobre os mecanismos, particularidades, especificidades, linguagens, entre outros elementos da superfície textual, os elementos linguísticos. Por uma educação significativa e transformadora, a leitura hermenêutica é um exercício de pertença a um mundo em que a comunicação e a veiculação de informação escrita são enunciadas a todo momento, inclusive na cultura digital, alcançando cada vez mais crianças e jovens.



## REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Verena. A existência na história: revelações e riscos da hermenêutica. **Estudos Históricos**, v. 17, n. 1, p. 31-57, 1996.
- APEL, Karl O. **Transformação da filosofia**. São Paulo: Loyola, 2000.
- BÍBLIA ON-LINE. O nome divino nas escrituras hebraicas. Disponível em <https://www.jw.org/pt/publicacoes/biblia/nwt/apendice-a/tetragrama-nome-divino/>. Acesso em 31/10/2016.
- BONFIM, Vinícius S. **Gadamer e a experiência hermenêutica**. Revista CEJ, v. 14, n. 49, p. 76-82, 2010.
- BRITO, Evandro O. Consciência histórica e hermenêutica: considerações de Gadamer acerca da teoria da história de Dilthey. **Trans/Form/Ação**, v. 28, n. 2, p. 149-160, 2005.
- CARVALHO, Isabel C. M. Biografia, identidade e narrativa: elementos para uma análise hermenêutica. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 9, n. 19, p. 283-302, 2003.
- CORETH, Emerich. **Questões fundamentais de hermenêutica**. São Paulo: Edusp, 1973
- COSTA, Alexandre A. Hermenêutica e método. In: \_\_\_\_\_ Introdução à hermenêutica filosófica. Disponível em <http://www.arcos.org.br/livros/hermeneutica-filosofica/capitulo-ii-hermeneutica-e-metodo#topo>. Acesso em 31/10/2016.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **O que é filosofia?** Rio de Janeiro:Trinta e Quatro, 1992.
- DILTHEY, Wilhelm, O Surgimento da hermenêutica (1900), in: **Gesammelte Schriften**, v. 5, 2. Aufl., Stuttgart : B. G. Teubner; Gottingen : Vandenhoeck & Ruprecht, 1957, p. 317-338, Tradução Eduardo Gross.
- DUARTE, Vânia M. N. Haicai: um poema de origem japonesa. In: Brasil Escola. Disponível em [brasilecola.uol.com.br/literatura](http://brasilecola.uol.com.br/literatura). Acesso em 07 de novembro de 2016.
- DUTRA, Elza. A narrativa como técnica de pesquisa fenomenológica. **Estudos de Psicologia**, v. 7, n. 2, p. 371-378, 2002.
- FALCÃO, Raimundo B. et al. **Hermenêutica**. São Paulo: Malheiros, 1997.
- FARBER, M. *Edmund Husserl e os fundamentos de sua filosofia*. Fonte: pepsic: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-68672012000200014](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672012000200014). Acesso em 21/03/17
- FONTANA, Eliane. **Hermenêutica clássica versus hermenêutica filosófica**: considerações relevantes acerca do processo interpretativo. Manaus: CONPEDI, 2010. Disponível em <http://www.publicadireito.com.br/conpedi/manaus/arquivos/anais/>. Acesso em 01/03/2016.

GADAMER, H. G. **Verdade e método**: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. Petrópolis: Vozes, 2002.

GADAMER, H. G. **Verdade e método II**: complementos e índice. Petrópolis: Vozes, 2002.

GARCIA, Cláudio B. et al. **Linguagem, escrita e mundo**. Ijuí: Unijui, 2000.

GESSNER, Ricardo. Paulo Leminski: de invenções a caprichos e relaxos. Disponível em [http://lounge.obviousmag.org/escritos\\_do\\_calabouco/2014/09/paulo-leminski-de-invencoes-a-caprichos-e-relaxos.html](http://lounge.obviousmag.org/escritos_do_calabouco/2014/09/paulo-leminski-de-invencoes-a-caprichos-e-relaxos.html). Acesso em 31/10/2016.

GHEDIN, Evandro. Hermenêutica e pesquisa em educação: caminhos da investigação interpretativa. In: \_\_\_\_\_ **A filosofia e o filosofar**. São Paulo: Uniletras, 2003.

GONÇALVES, Maria Augusta S. Teoria da ação comunicativa de Habermas: possibilidade de uma ação comunicativa de cunho interdisciplinar na escola. **Educação & Sociedade**, v. 20, n. 66, p. 125-140, 1999.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. Petrópolis: Vozes, 2012.

HUSSERL, Edmund. **A ideia da fenomenologia**. Lisboa: Edições 70, 1990.

\_\_\_\_\_. **Conferências em Paris**. Lisboa: Edições 70, 1992.

HUSSERL, Edmund. **Conferências de Paris**. Lisboa: Edições 70, 1990.

\_\_\_\_\_. **Investigações Lógicas. Sexta Investigação** (elementos de uma elucidação fenomenológica do conhecimento). Tradução de Zeljko Loparic e Andréa Maria Altino de Campos Loparic. São Paulo: Abril Cultural, 1975 (Coleção Os Pensadores).

Internacional, E. M. (19 de março de 2017). *FILÓSOFO ALEMÃO EDMUND HUSSERL*.  
Fonte: Educação.uol: <https://educacao.uol.com.br/biografias/edmund-husserl.htm>.  
Acesso em 19/03/17

LEMINSKI, **Caprichos e Relaxos**. São Paulo: Brasiliense, 1985

MACHADO, Ana Maria. **Menina Bonita do Laço de Fita**. Rio de Janeiro: Ática, 2000

MENDONÇA, Antonio G. Um caso de religião e cultura. **Revista USP**, n.74, p. 160-173, 2007.

MORAES, Gerson L. Paul Ricoeur: uma hermenêutica enriquecida. **Último Andar**, v. 13, n. 1, p. 45-52, 2005.

MUCHAIL, Gerson L. Paul Ricoeur: uma hermenêutica enriquecida. **Revista Aurora**, v. 21, n. 28, p. 79-86, 2009.

NOGUEIRA JUNIOR, Arnaldo. Releituras: resumo biográfico e bibliográfico. Disponível em [www.releituras.com/joaoubaldo\\_bio.asp](http://www.releituras.com/joaoubaldo_bio.asp). Acesso em 31/10/2016.

NUNES, Benedito. **Heidegger: ser e tempo**. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

ORLANDI, Eni P. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso**. Campinas: Pontes, 2006.

PAISANA, João. **Fenomenologia e hermenêutica: a relação entre as filosofias de Husserl e Heidegger**. Lisboa: Presença, 2002.

PELIZZOLI, Marcelo L. **O eu e a diferença: Husserl e Heidegger**. Porto Alegre: PUCRS, 2002.

POSSENTI, Sírio. **Os limites do discurso**. 2. ed. São Paulo: Parábola, 2009.

QUEIROZ, Paulo. **A hermenêutica como hoje a entendo**. Boletim Ibrim, v. 12, n. 145, p. 37-45, 2004.

RIBEIRO, Fabiana P. L.; LIMOLI, Loredana. Teoria semiótica: uma alternativa para o ensino da leitura. **Anais do VI Encontro Celsul - Círculo de Estudos Linguísticos do Sul**, Florianópolis, 2006.

RIBEIRO, Fernando A. Desafios e transformações da hermenêutica contemporânea. **Revista de Estudos & Informações**, v. 1, n. 28, p. 14-20, 2010.

RIBEIRO, João Ubaldo. **O Conselheiro Come**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000

RICOEUR, Paul. **A hermenêutica bíblica**. São Paulo: Loyola, 2006.

\_\_\_\_\_. **Interpretação e ideologias**. Rio de Janeiro: Francisco Alves. 1989.

\_\_\_\_\_. **O conflito das interpretações: ensaios de hermenêutica**. Rio de Janeiro: Imago, 1998.

\_\_\_\_\_. **Teoria da interpretação**. Lisboa: Edições 70, 1976.

SCHMIDT, Lawrence K. **Hermenêutica**. Petrópolis: Vozes, 2012.

SCHLEIERMACHER, Friedrich D. E. **Discursos sobre a religião**. São Paulo: Novo Século, 2000.

SILVA, André Luis S. **A autonomia do observado segundo a hermenêutica**. Disponível em <http://www.infoescola.com/filosofia>. Acesso em 01/03/2016.

SILVEIRA, Jane R. C. A imagem: interpretação e comunicação. **Linguagem em (Dis)curso**, v. 5, n. esp., p. 113-128, 2005.

SODRÉ, Muniz. Comunicação: um campo em apuros teóricos. **Matrizes**, v. 5, n. 2, p. 11-27, 2012.

STEIN, Ernildo. Dialética e hermenêutica. **Síntese Revista de Filosofia**, v. 10, n. 29, p. 21-48, 1983.

\_\_\_\_\_. **Introdução ao pensamento de Martin Heidegger**. Porto Alegre: Edipucrs, 2011.

**Tradução Do Novo Mundo Da Bíblia Sagrada**. São Paulo: Associação Torre de Vigia de Bíblias e Tratados, 2015

TOLFO, Airton. **A interpretação em Paul Ricoeur**: uma pedagogia do texto? Dissertação de mestrado em educação em ciências. Ijuí: Unijui, 2009.

VATTIMO Gianni. **O fim da modernidade**: nilismo e hermenêutica na cultura pós-moderna. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

ZITKOSKI, Jaime J. **O método fenomenológico de Husserl**. Porto Alegre: Edipucrs, 1994.